This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

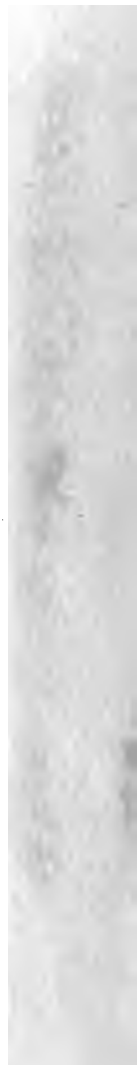
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437876 5

NGWD



1116

CANTOS POPULARES

DO BRAZIL

VOLUME II

EDIÇÕES DA NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL DE LISBOA

Theophilo Braga: *Soluções Positivas da Politi Portugueza.* I Da aspiração revolucionaria e sua discip na em opinião democratica. II Do systema constitucion como transigencia provisoria entre o absolutismo e a r volução. III e IV Historia das ideias democraticas em Pc tugal, desde 1640 até 1880. 3 vol. 920 reis — *Dissoluç do systema monarchico constitucional.* 300 reis — *Histor Universal,* esboço de sociologia descriptiva. 2 vol. 240 reis — *Historia do Romantismo em Portugal,* ultima pa te da Historia da Litteratura Portugueza. 2 vol. 1$400 rei

Teixeira Bastos: *Comte e o Positivismo,* ensaio s bre a evolução e as bases da philosophia positiva, 2(reis — *Vibrações do Seculo:* I Sons do Universo. II Aure las luminosas. III Gritos da época, 600 reis, cart. 900 re — *Progressos do espirito humano,* 160 reis.

Fernando Garrido: *¡ Pobres Jesuitas!* origem, do trina, maximas, privilegios e vicissitudes da Companh de Jesus, desde a sua fundação até nossos dias, com *Monita Secreta* ou instrucções secretas dos jesuitas, vol. 500 reis.

Proudhon: *Do principio de Federação,* traducção do d A. J. Nunes Junior, 240 reis.

Camões: *Os Lusiadas,* edição prefaciada e revista pe dr. Theophilo Braga, com os retratos de Camões e Gan e o esboço biographico d'este por Teixeira Bastos, 2 vo br. 200 reis, carton. á ingleza, 300.

Cypriano Jardim: *O Casamento Civil,* comedia-dr ma em 4 actos, representada pela primeira vez no the tro de D. Maria II em agosto de 1882, 400 reis.

Bibliotheca das Ideias Modernas: I *A Cor troversia da edade da terra* por Drapper, traducção d Teixeira Bastos — II *As origens da familia* por Lubboc condensação por T. Bastos — III *A theoria atomica n concepção geral do mundo* por Wurtz, traducção de Co reia Barreto — IV *Natureza dos elementos chimicos* p Berthelot, traducção de C. Barreto — V *Reguladores d vida humana* por Moleschott, traducção de Carrilho V deira. — VI *Os Velhos Continentes* por Ramsay, traducçã de T. Bastos — VII *O que é a força* por Saint-Robert, tr ducção de Correia Barreto — VIII *A Sociedade Primitiv* por Taylor, traducção de Teixeira Bastos — IX *A evoluçã dos sêres vivos* por Schmidt, traducção de Carrilho V deira.

CANTOS POPULARES

DO BRAZIL

COLLIGIDOS

Pelo DR. SYLVIO ROMÉRO
Professor do Collegio Pedro II

ACOMPANHADOS DE INTRODUCÇÃO E NOTAS COMPARATIVAS

Por THEOPHILO BRAGA

VOLUME II

LISBOA
NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL — EDITORA
96, Rua do Arsenal, 96
—
1883

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
418863
ASTOR
TILDEN
R 190

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Rua da Cancella Velha

TERCEIRA SERIE

(CONTINUAÇÃO)

Silva de Quadrinhas

(Colligidas no Rio Grande do Sul por Carlos de Koseritz)

Até d'onde as nuvens giram
Vão meus suspiros parar,
Só tu pértinho de mim
Não me ouves suspirar.

Me negaste a formosura
Que a natureza te deu,
Em vosso peito não tens
Um coração como o meu.

Quando vês a garça branca
Pelo ár ir avoando,
Isto são saudades minhas,
Que lhe vão acompanhando.

Soubeste que te vi presa
Em grilhões do Limoeiro,
Não tomai outros amores
Sem saber meu fim primeiro.

Na ponta da clara lua
Deus mostrou um signal,
Que havia de ser vencedor
O partido liberal.

O encarnado é guerra,
Eu não venho guerrear,
Venho fazer pazes comvosco,
Se me queres aceitar.

Agora eu me vou embora
Para a semana que vem;
Quem não me conhece chora,
Que dirá quem me quer bem!

Adeus, querida das flôres,
De todas as flôres querida,
Não quero dizer o teu nome
Para seres conhecida.

Da limeira nasce a lima
De uma semente que tem,
Não póde haver desavença
De dois que se querem bem.

Se Sam João soubera
Quando era o seu dia,
Desceria do céo á terra,
Oh! que milagre faria!

As ondas da barra fóra
São verdes côr de alimistes,
Diga-me como passastes
O tempo que não me vistes?

Eu boto o pé no estribo,
Meu cavallo estremeceu;
Adeus, senhores que ficam,
Quem vai embora sou eu.

Que Sam José e Maria
São filhos da Conceição,
Que eu tambem sou afilhado
Da virgem de Viamão.

Deus vos salve, casa selecta,
Onde Deus fez a morada,
Onde está o calix bento
E a hostia consagrada.

Esta casa já foi casa,
Este terreiro cidade,
Como não queres que eu chore,
Que eu d'aqui tenha saudade!

Saudades que eu de ti tenho
Não posso mandar dizer,
Algum dia contarei-te
Quando juntinhos nos vêr.

Com pena peguei na penna,
Com penna para te escrever,
A penna cahiu da mão
Com pena de não te vêr.

Puz-me a escrever na areia
Com penninhas de pavão,
Para dar a saber ao mundo
Que por ti tenho paixão.

Mandai-me a cabeça d'ella
N'uma salva da bacia,
Não mandai outra por ella
Que eu bem a conhecia.

Adeus, que eu me vou embora,
Adeus, que eu me quero ir;
Menina, n'esses teus braços
É que eu me quero despedir.

Menina, minha menina,
Do teu pai não tenho medo;
Menina, mandei fazer
Um annel para teu dedo.

Eu era quem te dizia,
Tu eras quem duvidavas
Que no fim do nosso amor
Tu eras quem me deixavas.

O anú é passaro preto,
Passarinho do verão,
Quando canta á meia noite,
Oh! que dôr no coração!

E se tu, anú, soubesses
Quanto custa um bem querer,
Oh! passaro, nunca cantarias
Ás horas de amanhecer.

Dê-me licença que chegue
N'esta casa de valor,
Porque tenho o reino da gloria
Aos pés de Nosso Senhor.

Ah! Jesus, tocou o sino,
Ah! Jesus, quem morreria?
Se foi a filha do rei,
Com tanta soberbia!

Se venha papel e tinta
E tambem escrivaninha,
Para escrever a uma mãe
A desgraça de uma filha.

Estando nós todos na mesa
Nem um, nem outro comia,
Que o choro era tanto
Que pela mesa corria.

Cupido subiu a serra
Com fama de caçador,
Bota laço, tira laço,
Bota pralhos de amor.

Cupido, por ser letrado
Aprendeu a cravador,
Elle cravou diamantes
No peito do seu amor.

Cupido, rei dos amantes,
Monarcha mui atrevido,
Cupido, tu foste a causa
De meu peito andar ferido.

Fui soldado, sentei praça,
Sentei-me n'uma guarita;
Sou chefe, sou commandante
De toda a china bonita.

Duas coisas n'este mundo
Não se deixa passear,
A gallinha o bico come,
A mulher dá que fallar.

Já morreu o meu camarada
Que me ajudava a remar,
Deus Nosso Senhor lhe ponha
A sua alma em bom logar.

Graças a Deus para sempre
Que a minha pomba fallou,
Que a minha alma estava morta,
Agora resuscitou.

As contas do meu rosario
São balas de artilheria,
Que combatem nos infernos
Gritando — Ave Maria!

Oh! china, mudai teu nome
Que teu nome me atormenta;
Quando me falla innocencia
Vareia-me o pensamento.

Innocencia, se eu soubera
Da noticia uma luz,
Eu deixaria mais quatro
Na bocca fazendo cruz.

Depois de morta fallaes
Debaixo do frio chão,
Descança, minha querida,
Esse vosso coração.

Sabeis que eu já estive preso
Por vos dar attenção,
Oh! querida de minh'alma,
Vida do meu coração !

De Belem vieram flôres
Nascidas no Oriente,
De côres tão matizadas
Que admira toda a gente.

Os pastores com cordeiros
E os cordeiros com flôres,
Tambem querem festejar
O nascimento do Senhor.

Dormindo estava sonhando
Comtigo, minha belleza,
Acordei-me, achei-me em claro,
Em sonhos não ha firmeza.

Tendes o cabello crespo,
Ainda agora eu reparei;
Se eu reparasse ha mais tempo,
Não amava a quem amei.

Da Bahia me mandaram
Um presente com seu molho:
A costella de uma pulga,
O coração de um piolho.

Os gallos já estão cantando
E os passarinhos tambem,
Já vem amanhecendo,
E aquella ingrata não vem!

Atrevido gavião
Merece ser atirado,
Para não ter o atrevimento
De comer pomba creada.

Ajudai-me, companheiro,
Que eu tambem te ajudarei;
Apesar de morar longe,
Alguma cousa farei.

Meu tatú de rabo molle,
Meu guisado sem gordura,
Eu não gasto o meu dinheiro
Com moça que não tem formosura.

Meu amor, fallai baixinho
Que as paredes tem ouvido;
O segredo mais encoberto
É sempre o mais sabido.

Não te encostes na parede,
Que a parede larga pó;
Encostai-te em meus braços,
Que esta noite dormi só.

O tatú é um homem pobre
Que não tem nada de seu,
Tem uma casaca velha
Que o defunto pae lhe deu.

Toda a mãe que tem filho,
Razão tem para chorar
Que não sabe ainda da sina
Que Deus tem para lhe dar.

A cachaça é meu parente,
O vinho é meu primo-irmão;
Não ha funcção nenhuma
Que meus parentes não vão.

Meu amor está mal commigo,
Eu não sei por que motivo;
Que me importa, lá se avenha,
Não é de amores que eu vivo.

Quem diz que o amor custa,
É certo que nunca amou,
Eu sempre amei e fui amado,
Nunca o amor me custou.

Quando eu vim de minha terra,
Muita menina chorou,
Só a ladra de uma velha
Muita praga me rogou.

Ámanhã, se Deus quizer,
Fará sol se não chover;
Heide pôr-me a caminho,
Não me importa de morrer.

Amanhã vou-me embora,
Hoje estou me aviando,
O cavallo que vou n'elle
Está no campo se creando.

A açucena quando nasce
Arrebenta pelo pé,
Assim arrebenta a lingua
De quem falla o que não é.

Quando eu vim da minha terra,
Muita menina chorou,
Eu tambem chorei meu pouco,
Por uma que lá ficou.

As moças da Cachoeira
São bonitas que eu bem vi,
Estavam lavando roupa
No Passo do Jacuhy.

Se fordes á Cachoeira
Levai contas de rezar,
Cachoeira é purgatorio
Onde as almas vão penar.

Quem me dera estar agora
Onde está o meu pensamento:
De Porto Alegre para fóra,
De Cachoeira para dentro.

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Da mulher nasce a firmeza,
Do homem a ingratidão.

Meu pae e minha mãe choram
Por me verem feito soldado,
Antes quero servir ao rei,
Do que me ver desgraçado.

Abalei o pé da roseira,
Mas não pude arrancar,
Quem não tem bens de raiz,
Glorias não póde alcançar.

Lagrimas são que eu almôço,
Janto suspiros e dôr,
Á tarde merendo ais,
Á noite ausencia de amor.

Você chamou-me de feia,
Me chamou de coisa má;
Agora quer agradinho,
Acabou-se, já não ha.

Lá se vae o sol entrando
Por um canudo de prata,
Vae ferindo, vae matando,
O coração d'aquella ingrata.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres,
Quando o sol promette prenda,
Que fará quem tem amores!

Estrella do céo brilhante,
Raio de sol encarnado,
Se tens amores com outro,
Não me tragas enganado.

Eu estava no meu cantinho,
Não mexia com ninguem,
Você foi quem mexeu commigo,
Ande já, me queira bem.

Querido bemzinho, adeus,
Lembra-te sempre de mim,
Que este amor que eu te tenho,
Só com a morte terá fim.

Oh morte, porque não vens
Findar os meus dias fataes?
Vivendo eu ando penando,
Morrendo não peno mais.

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azues soberanos,
Estas tres castas de olhos
Para mim foram tyrannos.

Se o amarello desbota,
O azul se perde a côr,
Sem me perderes de vista
Não me percas de amor.

Eu fui aquelle que disse,
E depois de dizer não nego,
Que achando amor de meu gosto,
Morro secco e não me entrego.

Rio Pardo, Cachoeira,
Rio-Grandense — lá do norte,
Hei de levantar bandeira
Té onde fôr a minha sorte.

Minha gente, venham vêr
Coisa que nunca se viu:
O tição brigou com a braza,
E a panellinha cahiu.

Mancebo, que estás fazendo,
Em tua espada encostado?
Namora-te da mais moça,
Que a mais velha já é casada.

Na minha espada encostado
Não offendo a ninguem;
Como casou a mais velha,
Case a mais moça tambem.

Atirei com balas de ouro
Nas muralhas de Castella,
Matei duas castelhanas,
Que estavam de sentinella.

Não sei se ria, ou se chore,
Não sei que faça de mim:
Eu cantando dôbro penas,
Chorando penas sem fim.

Quando eu era pequenino
Cantava que retinia:
Eu cantei em Sorocaba,
No Oriente se ouvia.

Meu pae, p'ra me vêr casado,
Prometteu-me um burro branco;
Depois que me viu casado:
—Meu filho, o burro está manco.

Cabello preto e crêspo
Faz um lindo parecer;
Todos querem o cabello crêspo,
Mulato ninguem quer ser.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a flôr da maçanilha,
Viva fulano de tal
E toda a sua familia.

Os enfados do papae
Já não posso supportar;
Eu já tenho quinze annos,
Minha mãe, quero casar.

Estas mocinhas d'agora
Já não sabem namorar,
Botam panella no fogo
E não sabem temperar.

Um conselho quero dar
A todo moço convivente:
Não ame moça feia,
Que o feio péga na gente.

Meu pae, p'ra me vêr casado,
Prometteu-me tres ovelhas:
Uma torta, uma renga,
E uma nambí de uma orelha.

Lá detraz d'quelle serro
Tem um bandinho de moças;
Com licença da mais velha,
Quero fallar com a mais moça.

Botei o pé no estribo,
Meu cavallo estremeceu;
Adeus, senhores que ficam,
Quem vae-se embora sou eu.

Vejo lá n'aquella banda
As espadas reluzir,
Vejo meu amor em guerra
E não posso lhe accudir.

Chimarrita, meu bemzinho,
Chimarrita, meu amor,
Por amor da chimarrita
Passo tormentos e dôr.

O Chico cahiu no poço,
Do fundo tirou areia;
Ninguem tenha dó do Chico
Que está preso na cadeia.

Meu pae, p'ra me vêr casado,
Prometteu-me uma panella;
E depois que me casei
Não vi nem um caco d'ella.

Sou rio-pardense, não nego,
Sou senhor de minhas acções;
Sei amar sinceramente
Não soffrendo ingratidões.

Não te encostes na parede,
Nem no páo do pecegueiro,
Encosta-te nos meus braços,
Que não te custa dinheiro.

Se o pintor que pintou Anna
Tambem pintou Leonor,
Por Anna sahir formosa,
Que culpa tem o pintor?

Esta vae por despedida,
Por despedida esta vae:
Minha mãe ficou sem dentes
De tanto morder meu pae.

Quem me dera ser a seda,
Depois da seda o setim,
Para andar de mão em mão,
As moças pegando em mim!

Seu Manoel p'ra vêr as moças
Fez uma ponte de prata,
As moças não passam n'ella,
Seu Manoel quasi se mata.

Trepei n'uma goiabeira
E lá de cima cahi;
Minh'alma ficou na rama,
Já não vivo, já morri.

Eu fui lá não sei aonde,
Visitar não sei a quem,
Fiquei assim não sei como,
Morrendo não sei por quem.

Rua abaixo, rua acima,
Sempre de chapéo na mão,
Namorando as casadas,
Que as solteiras minhas são.

Ninguem viu o que vi hoje:
Um macaco fazer renda,
Tambem vi uma perúa
De caixeira n'uma venda.

A parreira tem mil galhos,
No meio fórma um enleio,
Cuida de mim que sou teu,
Deixa lá o amor alheio.

Se vires a garça branca
Pelos áres ir voando,
Dirás que são os meus olhos
Que te vão acompanhando.

Lá se foi amor tecido,
Não póde ser desatado,
Dois corações unidos
Não póde ser apartado.

Esta noite não fui fóra,
Não fui a parte nenhuma,
Até as estrellas do céo
Servem de testemunha.

Menina, minha menina,
Quando me vês p'ra que corres?
Se és bonita, apparece,
Se és feia, porque não morres?

Sou bonita, sou formosa,
Isto é de geração,
Das mulheres correr dos homens
Que são de má condição.

Os homens quando começam
A mexer com seu amor,
Junta dedo com dedo,
Jura por Nosso Senhor.

Valha-me a Virgem Maria,
Saudades me estão matando;
Por teu respeito, querido,
Agora vivo penando.

Quatrocentos guardanapos,
Seis vintens em cada ponta,
Você diz que sabe tanto,
Venha sommar esta conta.

Se hoje estou casado,
Deus Nosso Senhor me casou,
Dou por muito bem empregado
Ser captivo de quem sou.

Menina, que sabeis tanto,
Sommai esta conta:
Quatrocentos guardanapos,
Seis vintens em cada ponta.

Seis vintens em cada ponta
Tem meu pai em seu thesouro,
Quatrocentos guardanapos
São quinze dobras de ouro.

Menina, minha menina,
Minha flôr de cananéa,
Nasceste n'este mundo
Para ser minha tetéa.

Menina, que está tão triste,
Com a mão chegada ao rosto,
Diga-me quem foi a causa
D'esse tão grande desgosto?

Moça, que estaes na janella
Como ouro na balança,
Atirai-me com beijinhos,
Perdoai a confiança.

Si fôres á Fachina
Dá lembrança áquella gente,
Si perguntarem por mim,
Digas lá que estou doente.

Tenho meu cavallo baio,
Marchador da madrugada,
Marcha, marcha, meu cavallo,
Vamos vêr a namorada.

Escrivão perdeu a penna,
Escreveu com um pé de rosa
Letrinhas tão miudinhas,
Sentença tão rigorosa.

Onde vae, senhor zorrilho,
Com tamanha desparada?
Vou na costa de Bagé
Dançar a polka mancada.

Alecrim verde cheiroso,
Mangerona d'outra banda,
Heide amar-te, menina,
Nem que corra demanda.

A firmeza de meu peito
Só a ti eu hei de contar,
Hei de amar-te toda a vida,
Até depois de faltar.

Meu amor, meu amorzinho,
Nunca te esqueças de mim,
Que tambem te guardarei
Uma firmeza sem fim.

Eu desejava saber
Qual é a tua tenção,
Com que fim, com que sentido
Pedistes meu coração?

Embora se passe o tempo,
Embora se passe um anno,
Seja teu coração firme,
Que no meu não ha engano.

Atirei um limão cheiroso
Na janella do meu bem,
Deu na clara, deu na morena,
Deu na mulata tambem.

A minhoca é bicho feio,
É bicho que entrou no chão;
Tu tambem és muito feio
E entraste em meu coração.

Muita perna tenho visto,
Perna fina, perna grossa;
Mas a perna mais bonita
É da menina da roça.

A gallinha dorme no poleiro,
O pato dorme no chão,
O pobre dorme na esteira,
O rico dorme no colchão.

Meu lencinho bordado
Dei á minha querida,
Quando d'ella me apartei,
Em signal de despedida.

Lá vae o meu amor
De muda para a cidade,
Aqui fico sósinho,
Morrendo de saudade.

Sae d'aqui, porca suja,
Vae-te lavar na maré;
Outros melhores do que tu
Dou com a ponta do pé.

Tenho tantos namorados,
Que já completei o nono,
Comtigo será o decimo,
Meu cara de mono.

Estando eu na sua porta
Com meu feixinho de lenha,
Esperando a resposta,
Que de sua bocca venha.

Em cigarrinho de papel
Fumo verde não fumega,
Onde ha moça bonita
Meu coração não socega.

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna do arirú,
A mulher matou o marido,
Pensando que era jacú.

Sou como a flor da murta,
D'aquella que cae no chão;
Quantos mais carinhos faço,
Mais desenganos me dão.

O marmelo é fructa boa
Que está no seu galhinho posto,
Ninguem póde privar
Amor que fôr de meu gosto.

Quero dar a despedida
Como deu o pinta-silva;
Adeus, coração de prata,
Perdição de minha vida.

Adeus, amiga do peito,
Adeus, de mim tão querida,
Mil abraços e mil suspiros
Te darei por despedida.

Em despedir-me de ti
Sinto grande afflicção,
Adeus, meu querido amor,
Prenda do meu coração.

A saudade é matadoura,
Minha vida quer tentar,
Chóro, suspiro e padeço,
Já não posso mais penar.

As penas de meu martyrio
Mais crueis não podem ser,
Ter olhos para chorar
E não ter olhos para te ver.

Mandae-me, minha querida,
Seja breve sem demora,
Novas de tua saude,
Que eu de alegria choro.

Se o querer bem se pagasse,
Muito me estavas devendo;
Com dinheiro não me pagas
O bem que te estou querendo.

Já não ha papel nem tinta,
Nem penna em toda a cidade,
Nem tinta com que te escreva
Tão rigorosa saudade.

Buenos-Ayres boa terra,
Santa Fé faz-nos chorar;
As muchachas de Corrientes
Não se podem olvidar.

Quando morreres, meu bem,
Mando fazer-te uma cova,
Com a minha enxada de prata
No meio da lua nova.

La vae uma ave voando
Com as pennas que Deus lhe deu,
Contando penna por penna,
Mais pena padeço eu.

Se as estrellinhas brilhassem
Todas juntas de uma vez,
Não dariam uma idéa
D'esses teus olhos crueis.

Com sangue de minhas veias
Eu mandei-te uma cartinha,
Com o sangue de teu odio
Mandaste resposta á minha.

Menina dos pés pequenos,
Deixe-os estar, porque os tira?
Quanto mais o pé se esconde
Mais a viola suspira.

Menina dos olhos grandes,
Olhos grandes como o mar,
Não me olhes com teus olhos
Para eu não me afogar.

Se o casar fosse tão bom
No fim como é no começo,
Eu pediria a meu pae
Que me casasse no berço.

Estou dormindo, estou sonhando,
Acordo, fico a pensar,
O pezar que me devora
É ver meu amor penar.

Quando me aperta a saudade,
Chego na janella e digo:
Alto céo, tyrannas nuvens,
Quem me dera estar comtigo!

O malvado trem de ferro
Quando na estação chegou,
Na carreira que elle vinha,
No caminho não parou.

Vou para o Rio de Janeiro
Fazer queixa ao delegado,
Que o malvado trem de ferro
Muita gente tem matado.

Eu vou dar a despedida
Como deu o bacuráo,
Uma penna no caminho,
Outra no galho do páo.

Eu já vi esses teus olhos,
Domingo, dia de missa;
Arrenego d'esses olhos,
Podem mais do que a justiça.

No cimo d'aquelle morro
Tem uma escada de vidro,
Por onde sobe meu bem,
Por onde desce Cupido.

Menina, se eu podesse
Dos teus olhos fazer luz,
Deixaria mais de quatro
Na bocca fazendo cruz.

Alecrim da beira d'agua
De viçoso está tremendo,
Estas mocinhas de agora
De paixão estão morrendo.

Vou-m'embora para as Lages
P'ra casar com uma lageana,
Que estas mocinhas d'aqui
São bonitas, mas infames.

Você me mandou cantar
Pensando que eu não sabia,
Eu não sou como a cigarra
Quando canta, leva o dia.

A açucena, quando nasce,
Vem abrindo, vem fechando;
Meu amor, quando me enxerga,
Vem todo se requebrando.

Manjaricão douradinho,
Douradinho até o pé,
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Lá detraz d'aquelle serro
Tem um pé de lirio só,
Faço carinhos a todos,
Mas quero bem a ti só.

A moda da chimarrita
Veiu de Cima da Serra,
Pulando de galho em galho
Foi parar em outra terra.

O preto que vai no branco
Significa um queixume;
Si tu te queixares de mim
Eu de ti tenho ciumes.

Laranjeira da fortuna
Que só duas laranjas deu,
Uma que cahiu no chão,
Outra que meu bem comeu.

Tanta laranja madura
Espalhada pelo chão,
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração.

Lá se vae o sol entrando,
Deixando raios atraz,
Tanta morena bonita
Só p'ra mim, que sou rapaz.

Você diz que me quer bem
Á vista de tanta gente,
Ora tome pelas ventas;
Quem quer bem tem outro geito.

Meu junquilho amarello,
Teus cheiros já são perdidos,
Trata de vêr outros olhos
Que estes já estão decididos.

Meu amor não é d'aqui,
É de lá do outro lado;
Estas mocinhas d'aqui
Têm cabello arripiado.

Dizei-me o que significa,
Que vem a significar
Caminhar para tão longe,
Cantando p'ra não chorar?

Fui á fonte vêr Maria,
Encontrei com Isabel;
Isso mesmo é que eu queria,
Cahiu-me a sôpa no mel.

Eu queria, ella queria,
Eu pedia, ella não dava;
Eu chegava, ella fugia,
Eu fugia, ella chorava.

Eu vi meu bem, eu vi,
Eu vi meu bem no jardim,
Com suas mangas arregaçadas,
Seus braços côr de carmim.

Eu vi meu bem, eu vi,
Eu vi meu bem na janella,
Com suas mangas arregaçadas,
Seus braços côr de canella.

Eu vi meu bem, eu vi,
Eu vi meu bem no fogão,
Com suas mangas arregaçadas,
Seus braços côr de carvão.

Mandei fazer um barquinho
Da casca do camarão,
Para levar o meu bem
De Santos ao Cubatão.

Seja Marcia, muito embora,
O symbolo da ingratidão,
Eu a deixo: a outra Marcia
Unirei meu coração.

Doce mentira
Sabe agradar,
Um desengano
Póde matar.

Ès claro que nem leite,
Córado como uma romã,
Pareces-me a estrella d'alva
Quando sáe pela manhã.

Eu vi Cupido montado
No seu cavallo picaço,
De bolas e tirador,
Faca, rebenque e laço.

Atirei um limão verde
Lá detraz da sacristia,
Deu no ouro, deu na prata,
Deu na moça que eu queria.

Quando vim da minha terra
Trouxe platas e platinhas,
Eu me chamo Chico Doce,
Namorado das meninas.

Marilia, se me não amas,
Não me digas a verdade;
Finge amor, tem compaixão,
Mente, ingrata, por piedade.

Mandei fazer um balaio
P'ra guardar meu algodão,
Balaio sahiu pequeno,
Não quero balaio, não.

Menina, tu és a causa
Do mundo fallar de mim,
Eu já estou sem vergonha,
Tu me puzestes assim...

Menina, você o que tem,
Que commigo se enfadou?
Será porque seu negrinho
A seus pés não se curvou?

Mulatinha, se eu pudera
Formar do mundo um altar,
N'elle te collocaria
Para o povo te adorar.

No cantinho do teu peito
Eu desejava morar;
Não estorvando a quem mora,
Diz-me se tem logar?

Adeus, delicias dos olhos,
Infinito coração,
Encostai-te no meu peito,
Vê se eu sou leal ou não.

Suspirar é meu sustento,
Quando estou de ti ausente;
Nado me alegra o sentido,
Só comtigo estou contente.

Alecrim na beira d'agua
De viçoso está pendendo,
As mocinhas de hoje
De faceiras estão morrendo.

« Mamãe, eu quero casar.
— Filhinha, diga com quem?
« Mamãe, com o primo Chiquinho.
— Filhinha, não casas bem.

As mocinhas de hoje
Só o que querem é casar,
Botam a panella no fogo
E não sabem temperar.

O tatú foi encontrado
No serro de Bagé,
Com seu lacinho nos tentos,
Laçando boi jaguané.

Manjaricão se chama
Uma esperança perdida,
Quem não goza o que deseja
Mais vale perder a vida.

Lá atraz d'aquelle serro
Passa boi, passa boiada,
Tambem passa mulatinha
Do cabello arripiado.

Quem quizer ouvir cantar
Vá nas grades da cadêa,
Que ouvirá os presos cantar
Ás escuras, sem candeia.

Eu comi uma laranja,
A semente botei fóra,
Da casca fiz um barquinho,
Meu amor, vamo-nos embora.

Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um balão,
De dia trago no peito,
De noite no coração.

Vae-te, carta venturosa,
Vae vêr a quem quero bem,
Diga-lhe que eu fico chorando
Por não poder ir tambem.

*

Perdi pae, perdi mãe,
Perdi todo o meu haver,
Falta só perder a vida,
Não tenho mais que perder.

Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar, ouvi chorar;
Eram dois amantes firmes
Com pena de se apartar.

Eu tenho a minha viola
Feita de páo de colhér,
Quem quizer ouvir mexerico,
É da bocca de mulher.

Eu plantei a sempre-viva,
Sempre-viva não nasceu,
Deus permitta que sempre viva
O meu coração com o teu.

Menina da saia branca,
Corpinho da mesma côr,
Peça a teu pai que te case,
Que eu quero ser teu amor.

Viestes, meu bem, viestes,
Viestes á boa hora,
Meu pae já está dormindo,
Minha mãe deitou-se agora.

O cigarro dizem que tira
As maguas do coração,
Cigarro tenho pitado,
As maguas nunca se vão.

O marmello é boa fructa
Em quanto não apodrece,
Assim são amores novos
Em quanto não aborrece.

Corre, corre, minha pombinha,
Vae para o matto te esconder,
Que aqui passa um gavião
Que jurou de te comer.

Papagaio, penna verde,
Emprestae o teu vestido,
Quero ir aos castelhanos,
E não quero ser conhecido.

O anú é passaro preto,
Passaro de bico rombudo,
Foi praga que Deus deixou
Todo o negro ser beiçudo.

Negro preto, côr da noite,
Cabello de pichahim,
Pelo amor de Deus te peço,
Negro, não olhes para mim.

Menina, teu pae não quer
Que tu meu amor sejaes,
Bota-lhe cinza nos olhos,
Que elle céga e não vê mais.

Eu não sou filho d'aqui,
Sou filho lá de fóra;
Ando cumprindo o meu fado,
Acabando vou-me embora.

Eu não tenho pae nem mãe
Nem n'esta terra parentes,
Sou filho das aguas claras,
Neto das aguas correntes.

Tenho o meu cavallo baio,
Cada passo meia legua,
Quando quero ver as moças,
Meu cavallo me carrega.

Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar uma cegonha;
Parecia que dizia:
— Salta d'aqui, sem-vergonha!

Não tenho medo de ti
Nem da faca mais pontuda,
Tenho medo quando vejo
Perna fina cabelluda.

O annel que me déstes
Era de vidro, quebrou-se,
O amor que tu me tinhas
Era pouco e acabou-se.

Rio abaixo, rio acima,
Perdi o meu annel de ouro,
Quem o achar, me dê,
Que é prenda d'uma crioula.

Rio abaixo, rio acima,
Perdi o meu anel de prata,
Quem o achar, me dê,
Que é prenda d'uma mulata.

Que passarinho é aquelle
Que está na flôr da banana,
Com o biquinho a dar-lhe, dar-lhe,
Com as azinhas quero mana?

Meu pae, minha mãe choram
Por me vêrem feito soldado,
Com minha farda nas costas,
Com meu cabello cortado.

O tatú me foi á roça,
Toda a roça me comeu,
Plante roça quem quizer,
Que o tatú quero ser eu.

O tatú é bicho manso,
Nunca mordeu a ninguem;
Ainda que queira morder
O tatú dentes não tem.

Quero bem a minha malicia
Como cousa que eu já visse,
Eu nada maliciei
Que certo me sahisse.

Alegre nasci cantando,
Agora chorando morro,
Meus olhos pagam tributo
Dos tempos que alegres foram.

Heide pegar nos meus olhos,
Heide furar com um páosinho;
Os meus olhos são a causa
D'eu andar por máo caminho.

Heide pegar nos meus olhos,
Heide degradar em França;
Os meus olhos são a causa
D'eu andar sempre em mudança.

Eu era aquelle tunante
Que andava pelas coxilhas
Errando tiros de laço
Com vinte e cinco rodilhas.

No tempo em que eu te amava
Mais valia estar doente
Com vinte e cinco sangrias
Ou morto de um accidente.

Não quero bem a ninguem
Nem ninguem me queira a mim;
Não quero passar trabalhos
Nem ninguem passar por mim.

Vou cantar gallinha morta,
Agua no fogo fervendo;
A gallinha foi para outro,
Eu fiquei chorando e vendo.

Antonico pequenino
Tem coração de gallinha;
O presente que elle faz
É mellado com farinha.

Se eu soubesse com certeza
Que tu me tinhas amor,
Cahia nos teus braços
Como o sereno na flôr.

Onde vae, senhor Ricardo,
Tão vermelho apaixonado?
Vou buscar a minha espada
P'ra ensinar um malcriado.

Uma velha muito velha,
Comedeira de feijão,
Foi á missa de pellêgo,
Pensando que era balão.

Jura o sol e jura a lua,
Juram as estrellas tambem;
Eu jurei de te amar
Só a ti e a mais ninguem.

Botei flôres a brilhar
Dentro de um caixão de vidro,
A paixão que me acompanha
É não poder fallar comtigo.

Não vivo para os prazeres,
Que tu não pódes gozar;
Vivo para vêr-te alegre,
Vivo só para te amar.

Lá se vae meu coração
Amarrado com uma fita;
Já que eu lá não posso ir,
Acceita minha visita.

Manjaricão miudinho
No peito do meu amor;
Quando me verei comtigo,
Minha delicada flôr?

O errar n'uma cantiga
Não se deve admirar,
Que o melhor atirador
Erra um passaro no ár.

Tens os dentes tão miudos
Como pedrinhas de sal,
Tens a falla deliciosa
Para mais penas me dar.

Tanto pé de cabra
Como pé de capitão,
Quem tiver seus filhos
Dê-lhes boa educação.

Chica pediu ao Chico
Dinheiro para gastar;
Respondeu o Chico á Chica:
— Dinheiro custa a ganhar.

Coração entristecido,
Chega ao pé d'aquella flôr,
Perguntae-lhe, assim brincando,
Se ella quer ser meu amor?

Uma velha, muita velha,
Mais velha que meu chapéo,
Ouviu fallar em casamento,
Levantou as mãos p'ra o céo.

Não choreis, meu menino,
Não choreis, meu amor,
Que a faca que córta
Dá talho sem dôr.

Minha gallinha pintada
Que põe tres ovos no dia;
Se ella mais um puzesse,
Que de ovos não teria !

Lá se vae meu coração
Como servindo de prenda;
Maltrate como quizer,
Que não tem quem o defenda.

Quem me dera ser pintor
Como foi o Sam Lourenço,
P'ra pintar a Mariquinhas
Na pontinha do meu lenço !

Dizem que a mulher é falsa,
Tão falsa como um papel;
Mas quem vendeu Jesus Christo,
Foi homem, não foi mulher.

Picapáo tão atrevido
Que de um páo fez um tambor
Para tocar alvorada
Na porta do seu amor.

Ter amores n'este mundo
Só quero, meu bem, comtigo;
Quero saber por resposta
Se queres tambem commigo?

Meu amor é uma lage
Que está no meio do mar;
Dá-lhe o vento, dão-lhe as ondas,
Não se move do lugar.

Negro preto, chapéo branco,
Apesar que eu não posso ver,
Parece uma tempestade,
Quando está para chover.

Bemzinho, tu não desprezes
O teu amor nem uma hora,
Que o amor desprezado
Bate a aza e vai-se embora.

Manjaricão rajadinho,
Rajadinho pelo pé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

Não penses que pela ausencia
Eu de ti me heide esquecer;
Quanto mais longe estiver,
Mais firme te heide ser.

Vou fazer esta saude
Que agora foi alembrada:
Vivam todas que aqui estão
E a gente lá dos meus lados.

Andas vestida de branco,
Em trajos de castelhana;
Ou tu has de ser minha
Ou a minha espada me engana.

Qual será o valentão
Que me anda experimentando?
Das armas faça cama
E do valente estou zombando.

Ámanhã me vou embora
Por estas estradas fóra;
Minha falta ninguem sente,
Minha ausencia ninguem chora.

Lá vem a lua sahindo,
Redonda como um vintem;
Inda bem não estou casado,
Já me dão o parabem.

Batatinha quando nasce
Deita rama pelo chão;
Mulatinha quando deita
Bota a mão no coração.

Minha gente, vou-me embora,
Mineiro está me chamando;
Mineiro tem o costume:
Chama a gente e vae andando.

Pirolito que bate, que bate,
Pirolito que já bateu;
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

Fui soldado, sentei praça
No regimento do amor;
Como sentei por meu gosto
Não posso ser desertor.

Menina da saia branca,
Que fazeis no teu quintal?
— Estou lavando o meu lencinho,
Para o dia de Natal.

Antonico côr de mico,
Manoel côr de limão;
Antonico nos meus braços,
Manoel no coração.

Os foguinhos estão armados lá na praç
Para moças e os moços irem vêr;
Mas o caso está de chuva,
Santo Antonio tem que vêr.

Meu amor, cousinha doce,
Meu amor, figos passados;
Meu amor, tão bonitinho,
Meu amor, tantas saudades.

Mancebo, casae commigo,
Que sou fiadeira da roca:
Sete semanas e meia
Fio meia maçaroca.

Se eu soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não te dava meu coração
Para tão cedo soffrer.

Adeus, que já parto
Por este mundo sem fim;
Diga a toda a gente boa
Que não se esqueça de mim.

Eu vi o sabiá cantando
No galho da pitangueira,
Eu digo adeus á prima Chica,
Que não é qualquer asneira.

Quando eu te vi, logo disse:
— Lindo amor para se amar;
Permitta Deus que sejas
Amante firme e leal.

Já tive dias felizes,
Zombando da sorte austera;
Perdi os mimos que gozei,
Já não sou quem d'antes era.

A estrella que no céo gira
Não tem brilho, não tem luz,
Como esses olhos, menina,
Meu martyrio, minha cruz.

Dormindo estava sonhando
Que estava na Vaccaria,
Acordei, achei-me preso
Nos braços de Anna Maria.

Principiei a amar de pé
Ao depois fui agachado,
Fui ao depois de gatinhas,
Afinal fui apanhado.

Ingrata, eu bem te dizia
Que isto havia de ter fim!
Olha como sahiu certo!
Já te esqueceste de mim...

Eu sou general de amor,
Que atacando a fortaleza,
Ou heide morrer na empresa
Ou chamar-me vencedor.

Mocito guapo e chibante,
Do *carçado* do *sarto arto,*
Dizei-me se tens um cigarro
De *paia de mio vermeio?*

Senhora, minha senhora
Da minha veneração,
Chupe lá quatro fumaças
D'este seu venerador.

Atirei um cravo n'agua,
De mimoso foi ao fundo;
Os peixinhos responderam:
Viva Dom Pedro Segundo.

Se eu fôra peixinho,
Soubesse nadar,
Salvava meu anjo
Das ondas do mar.

Eu vou dar a despedida
De toda gente que fica,
Adeus, queridas e ingratas,
Lembranças á prima Annica.

Picapáo do matto grosso,
Tem catinga no sovaco,
De dia pica no páo,
De noite no seu buraco.

Cupido subiu ao throno,
Descalço, pisando em flores,
Dizendo: viva quem amo,
Morra quem não tem amor.

Eu fui soldado dragão
Do bigode retorcido,
Onde assento a minha espada
Deixo golpes conhecidos.

Lá vae um semblante airoso
Correndo pelas coxilhas,
Se despedindo de um laço,
Com quatro, cinco rodilhas.

Coração de pedra dura
Como pedra de amolar,
A pedra no fogo abranda,
Só tu não queres abrandar.

Coração, arriba, arriba,
Onde não puder, descança,
Que não ha maior allivio
Que seja de uma esperança.

O meu coração te dei,
A outra não posso dar,
Que serei teu eternamente,
É o que te posso affirmar.

Tanto bem que eu te queria,
Olha o pago que me destes;
Só quem não tem coração
Faz o que tu me fizestes.

As arvores, por serem arvores,
Sentem o golpe que lhe dão;
Como não queres que eu sinta
Essa tua ingratidão?

Triste vida de quem vive
Rolando cantos alheios,
Come e dorme aos bocadinhos,
Bebe e ama com receios.

Tudo que nasce no mundo
Tem seu fim particular:
Tudo nasce com destino,
Eu nasci para te amar.

Eu fui aquelle que estive
Detraz do lirio assentado,
Chorando lagrimas tristes,
Como quem se vê deixado.

Eu te vi e tu me vistes,
Tu me amastes, eu te amei;
Qual de nós amou primeiro
Nem tu sabes, nem eu sei.

Adeus, delicias dos olhos,
Infinito coração;
Encosta-te no meu peito,
Vê se sou leal ou não.

Eu sempre te fui leal,
Sempre te guardei respeito;
Morro por tuas feições,
Acabo por ti sujeito.

Acabo por ti sujeito,
Morro por tuas feições;
Tenho uma dôr no meu peito,
Que me chega ao coração.

Que me chega ao coração,
Uma dôr de sentimento,
São saudades que eu padeço,
De não te vêr ha tanto tempo.

De não te vêr ha tanto tempo
Esta culpa não é minha,
De não viver na ausencia
De tuas vistas, menina.

De tuas vistas, menina,
Nunca hei de me ausentar,
Ninguem me falle em ausencia,
Que meu allivio é chorar.

O meu allivio é chorar
Por um amor tão amante,
Agora ha de me dizer
De quem fostes tão constante?

De quem fostes tão constante,
Pois quem foi que te ensinou,
Sendo elle tão letrado
A esses pontos não chegou.

A esses pontos não chegou,
Sendo elle tão entendido,
Ainda pretende gozar
A mais linda bizarria?

A mais linda bizarria
Isto não vai o maior,
É tão claro como o dia,
Resplandece como o sol.

Resplandece como o sol,
Ah! meu Deus, não abrazar,
Adeus, minha linda rosa,
Adeus, querida e amada.

Para ti me vou chegando,
Conhecendo o teu amor;
Adeus, delicias dos sonhos,
Adeus, delicada flor.

Laranjeira ao pé da porta,
Na cama me vai o cheiro,
Tanta mocinha bonita
Para mim que sou solteiro.

Alecrim na beira d'agua,
Mangerona d'outro lado,
Pensas que por ti eu morro,
Cara de sapo rachado.

Ámanhã eu vou-me embora,
Ha de ser se Deus quizer,
Quem de mim tiver saudades
Guarde para quando eu vier.

Meu amor, canastra velha,
Cesto, samburá sem fundo,
Eu bem quero, mas não posso
Tapar a bocca do mundo.

Ámanhã me vou embora
Por essas estradas fóra,
Pitando meu cachimbinho
Como negrinho d'Angola.

Eu sou aquelle tunante
Do mundo bem conhecido,
Que tirei uma madama
Dos braços de um presumido.

Noite escura tenebrosa
Não temas de me fallar,
Quem ama não teme a morte,
Quem teme não sabe amar.

Tico-tico depennado,
Sapecado por Angola,
Inda bem não sabe lêr,
Já quer ser mestre-escóla.

Tico-tico rasteirinho
Tira o galho do caminho,
Que á noite quero passar,
Tenho medo dos espinhos.

Tatú desceu a serra
Com fama de lançador,
Tira laço, bota laço,
Bota pealos de amor.

Tatú cahiu na roça
Pelo cheiro da banana,
Tambem eu quero cahir
Nos braços de Dona Anna.

Amo-te como presente
Em longa separação,
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

Meu coração é mudo,
Não falla nem apparece,
Se meu coração fallasse
Diria por quem padece.

Hei de mandar fazer um relogio
De um galhinho de poejo,
Para contar os minutos
Do tempo que não te vejo.

Lá vem o sol sahindo
Deixando raios atraz,
Tanta moça bonita
Para mim, que sou rapaz.

Plantei e semeei
Carrapixo na estrada,
Isto é o que não custa vêr,
Gente feia e malcriada.

Fui ao matto cortar lenha,
Finquei um espinho no pé,
Amarrei com fita verde,
Cabellos do senhor José.

Menina da saia branca,
Vestido da mesma côr,
Quem não ama militar
Não sabe o que é ter amor.

Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um botão;
Assim mesmo é que eu quero
Para trazer no coração.

Cravo não bole com a rosa
Que está quieta na roseira;
Não sabes que é peccado
Mexer com moço solteira?

Cigarrinho de papel,
Fumo verde não fumega,
Quando vejo moça bonita
Meu coração não socega.

Triste de mim solteirinho,
Passo a vida a pensar;
Eu bem quero, mas não posso,
Não posso deixar de amar.

Quem quizer brigar commigo,
Traga faca e facão,
Eu tambem sou pequenino,
Tenho grande coração.

Nas ondas do mar se criam
Peixes que nadam bem,
Eu tambem estou me criando
Para regalo de alguem.

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta,
Eu canto para disfarçar
Um mal que me atormenta.

Amarrei o sol com a lua
Com a fita da verdade,
Para arriscar minha vida
Por te fazer a vontade.

Quanto não era melhor
Achar-se a rosa em botão,
Do que vêr-se agora
Desfolhada pelo chão!

Tatú subiu a serra
No seu cavallo lazão,
Com laço e bolas nos tentos
Repassando um redomão.

Tatú do rabo molle
Faz guizado sem gordura,
Elle é bonito e feio,
O que lhe falta é formosura.

— Chimarrita, mulher velha,
Quem te trouxe lá do Rio?
« Foi um velho marinheiro,
Na prôa de seu navio.

Vou cantar a Chimarrita,
Que hoje ainda não cantei,
Deus lhe dê boas noites
Que hoje ainda não lhe dei.

Deixe-me cantar bem alto
P'ra acordar a visinhança,
P'ra vêr se aquella ingrata
Ainda me traz em lembrança.

Não tenho medo de homem,
Nem do ronco que elle tem;
O bezouro tambem ronca,
Vai-se vêr, não é ninguem.

Quem me dera estar agora
Onde está meu coração,
Lá no campo da saudade,
Onde meus suspiros vão.

Menina, minha menina,
Como está tão bonitinha,
No reino do céo esteja
Sua mãi, sua madrinha.

Vou dar a despedida
Como deu Christo em Belem,
Meus senhores e senhoras,
Até para o anno que vem.

Vou dar a despedida
Como deu o cachorro magro,
Comeu, encheu a barriga
E sahiu abanando o rabo.

Meu amor é um rato,
Duas vezes um ratinho,
Fura aqui, fura acolá,
Vai seguindo seu caminho.

Minha viola está dizendo
Que a prima está com uma dôr,
Minha gente, venha vêr
A fama do cantador.

Dormindo estava sonhando
Conversinha de louco,
Abraçado com uma pedra,
E ás boquinhas com um touco.

No voar de uma pomba
Por cima de uma rama,
Ella voando me disse:
Muito padece quem ama!

Tu és, morena, o sol brilhante
Que ante meus olhos se some;
Minhas lagrimas — o orvalho
Que em pranto se consomme.

Não sei se vá ou se fique,
Não sei se fique ou se vá;
Indo lá não fico aqui,
Ficando aqui não vou lá.

Tantas laranjas maduras
Por esse caminho fóra,
Tantas moças bonitas
E minha mãi sem uma nora!

Dizem que ciumes matam,
Ciumes não matam, não;
Pois se ciumes matassem
Estava eu morto de paixão.

Lá vae o sol entrando
Por detraz d'aquelle monte,
E a noite doce orvalho
Vem derramando na fonte.

Papagaio, pennas verdes,
Altos mysterios de Deus,
Casa velha tudo é rato,
Morre quem Deus é servido.

Adeus, Queromana ingrata,
Qu'inda te pretendo vêr
Abrazada de saudade,
Ninguem hade te valer.

Minha gallinha pintada,
Meu gallo carijó,
Se a minha gallinha é boa,
O meu gallo inda é *mió*.

Minha mãe mandou-me á escóla
Aprender o b-a-ba,
Minha mestra me ensinou
O lundú do *marrud*.

Senhor Néco, vá-se embora,
Não se metta a capadocio,
Vá tratar do parelheiro
Que fára melhor negocio.

No sertão de Cariripe
Havia um sapo casado,
Na secca de vinte e cinco
Quasi que morre torrado.

Andorinha do coqueiro
Dá-me novas de meu bem,
Dize-me se elle é morto
Ou vive nos braços de alguem.

O tatú foi encontrado
No passo de Sam Sepé,
Com bolas e laço aos tentos
Atraz de um boi jaguané.

Acuda, tatúa, acuda,
Acuda se não eu morro,
Venho todo lastimado
De dentadas de cachorro.

Este mundo é todo enganos,
N'elle vamos engolfados;
Rompem-se sedas e panos,
Ficão ossos esburgados.

Pescador que andas pescando
Lá para as bandas do sul,
Pescador, vê se me pescas
A moça do lenço azul.

Lá vae o sol entrando
Na ponta de um guardanapo,
Quem tem seu amor defronte
Disfarça a tomar tabaco.

Lá vem o sol sahindo,
Deixando raios atraz,
Que linda chinoca, amigo,
Para mim, que sou rapaz!

Adeus, Coritiba triste,
Alegres Campos Geraes,
Eu sou aquelle que disse
Que a Sam Paulo não vou mais.

A batata quando nasce
Deixa a raiz no chão,
Menina quando se deita
Bota a mão no coração.

Esta noite fui a um baile,
Um poeta me tirou ;
Me chamou de lirio branco,
De açucena me tratou.

Quem quer bem dorme na rua,
Na porta do seu amor,
Da pedra faz travesseiro,
Do sereno cobertor.

Dancem, dancem, minha gente,
Que uma noite não é nada ;
Se não dormires agora,
Dormirás de madrugada.

Minha gallinha pintada,
Meu gallo *suro rabão,*
Vou tirar minha gallinha
Das unhas de um gavião.

Carurú arrenegado
Toda a noite me tentou,
Quando foi de madrugada
Foi-se embora, me deixou.

A viola sem a prima,
A prima sem o bordão
Parece filho sem pai,
Corrido do seu irmão.

Atirei com um limão verde
Na menina da janella,
Ella me chamou de louco,
Louco fiquei eu por ella.

Minha mãe chama-se Rosa,
Eu sou filho de roseira,
Não posso deixar de amar
Uma flôr que tanto cheira.

Vou fazer uma saude
Pela folhinha do caêté,
Viva o senhor Antonico
E mais a sua mulher.

Meu pae é um caco velho
Tocador de marimbáo,
Minha mãe é uma coruja,
Móra n'um ôco de páo.

Vou cantar gallinha morta
Que um amigo me pediu,
Eu não quero que elle diga:
«Ingrato, não me serviu.»

Carangueijo não é peixe,
Carangueijo peixe é,
Se não fosse o carangueijo
Não se dansava em Bagé.

Uma pulga me deu um tapa,
Um piolho um bofetão,
Depois foram se gabar
Que me botaram no chão.

Viva o noivo, viva a noiva,
Viva o tronco que os gerou,
Viva o padrinho e a madrinha,
Viva o padre que os casou.

Eu vou dar a despedida
Como deu o quero-quero,
Depois da festa acabada:
«Pernas para que te quero.»

Seu quindim vae lá,
Seu quindim vem cá,
Ora toque seu quindim
Para mim dansar.

Cravo goivo, amor-perfeito
Mettido na tua almofada;
No dia em que te não vejo
Não como, não faço nada.

Yáiá dá-me um doce,
Quem pede sou eu;
Yáiá não me dá,
Não quer bem a eu.

Andorinha, tico-tico,
Saracura, sabiá,
Passarinho bico verde,
Meu bemzinho aqui está.

Ainda que teu pai não queira,
Tua mãe diga que não,
Tu querendo e eu querendo
Isto está em nossa mão.

Ha tres cousas n'este mundo
Que me faz arrenegar:
Noite escura, mulher velha,
Cachorrada no quintal.

Cupido, o rei dos amantes,
Monarcha mui atrevido,
Na serra do infernilho,
Fez corcoviar um novilho.

Estes teus olhos, menina,
São varinhas de justiça,
São olhos que me prenderam
Logo da primeira vista.

Sereno da madrugada
Cahiu no talo da couve,
Quem me dera que eu cahisse
Nos braços de quem me ouve!

Chorando tomei amores,
Chorando amores tomei,
Chorando tu me mataste,
Chorando morto fiquei.

Oh que olhos de menina,
Oh que menina de olhos!
Estes teus olhos, menina,
São a menina dos meus olhos.

Tristes ais, negras saudades,
Não me mates de repente,
Que para matar só basta
Querer meu bem viver ausente.

Vi o teu rasto na arêa,
E puz-me a considerar,
Que lindo será teu corpo,
Que teu rasto faz chamar.

A maré enche e vasa,
Deixa a praia descoberta,
Vão uns amores, vem outros,
Não se dá cousa mais certa.

Lá do céo cahiu um cravo,
De tão alto desfolhou,
Quem quizer casar commigo,
Falle com quem me criou.

Alecrim na beira d'agua,
De viçoso está tremendo,
As moças de Porto-Alegre
De faceiras estão morrendo.

Jurastes, jurei, jurámos,
Jurámos, jurei, jurastes,
Quebrastes, quebrei, quebrámos,
Quebrámos, quebrei, quebrastes.

Alecrim verde cheiroso.
Na janella do meu bem,
Ainda bem não estou casado,
Já me dão os parabens.

As estrellas do céo correm,
Eu tambem quero correr,
Por causa de dois amantes
Que acabou-se o bem-querer.

Esta noite fiz um furto,
Queira Deus me perdoar,
Roubei a filha do velho,
Pelo fundo do quintal.

O tatú subiu a serra
Com tenção de beber vinho,
Apertaram a garganta,
Vomitou pelo focinho.

Lá detraz d'aquelle cêrro
Tem um sino sem badalo;
Já me dóe esta cabeça
De ensinar este cavallo.

Tyranna, feliz tyranna,
Tyranna, que eu vi, eu vi
Na cabeça de um velho,
Um ninho de bem-te-vi.

Lá detraz d'aquelle cêrro
Tem um pé de carrapicho,
Já botei as cangalhas,
Agora falta o rabicho.

Lá detraz d'aquelle cêrro
Tem um pé de pimenteira,
Para botar na bocca
De quem fôr mexeriqueira.

Vou principiar os meus versos
Com voz bem linda cantando,
Para que os circumstantes
Não passem a noite chorando.

Menina, diz-me o teu nome
E tambem tua morada;
Eu tenho um cavallo gordo,
Um galope não é nada.

Quem me dera ter agora
Um cavallinho de vento,
Para dar um galopinho
Aonde 'stá meu pensamento.

O amarello desbota,
O azul não perde a côr;
Se me perderes de vista,
Não me percas de amor.

Acordei antes da aurora
Dando suspiros por ti,
Suspirei o dia inteiro,
Suspirando adormeci.

Menina dos olhos grandes,
Não olhes para mim chorando;
Tu pensas que eu não te quero,
Eu te estou namorando.

Vinde cá, minha bem-feita,
Corpo de fita lavrada,
Cinturinha de mesura,
Corpinho de marmelada.

Plantei o rôxo dentro d'agua,
O azul na beiradinha;
Se pegar, minha fortuna,
Se morrer, desgraça minha.

Subi ao mais alto cêrro
Para ganhar violencia,
Para vêr uns certos olhos
Que de mim estão ausentes.

*

A pombinha com o pé n'agua
Póde estar quarenta dias,
Um amor longe de outro
Não póde nem um dia.

Puz-me a pesar pedrinhas
No deserto em que vivi,
Mais pesavam as minhas penas
De que quantas pedras vi.

Lá no cume da tristeza,
No centro da soledade,
Nutriu-se o meu coração
Soffrendo a dôr da saudade.

As moças de Taquary
Usam uma tal saia-balão;
Cousa feia, amigo Juca,
por Deus e um patacão.

Menina, minha menina,
Põe a mão nas sobrancelhas,
Que do céo te estão cahindo
Rosas brancas e vermelhas.

Menina, minha menina,
Gósto muito de teu sério,
Parece que recebestes
A corôa do Imperio.

Chiquinho cahiu no Riacho,
Foi ter lá n'Asenhá,
As moças pescaram elle
Suppondo que era jundiá.

Atirei um limão verde
Na janella de meu bem,
Deu na cravo, deu na rosa,
Deu na torre de Belem.

A lua sahiu bem clara,
Entre nuvens se escondeu,
Não póde encontrar ventura
Quem sem ventura nasceu.

Minha senhora, me diga,
Quem pergunta quer saber:
Sahindo d'aqui agora
Aonde vou amanhecer?

Costa de Camaquam,
Costa de sinceridade,
Aonde vão filhos alheios
Padecer tanta saudade.

Quero, mana, quero, mana,
Quero, mana, estou querendo
Um pedacinho de panno
Para botar um remendo.

O tatú foi encontrado
No cêrro de Batovy,
Com seus lacinhos nos tentos;
Ninguem me contou, eu vi.

O tatú foi encontrado
No cêrro do Viamão,
Com seus lacinhos nos tentos
Repassando um redomão.

Bemzinho, te vou contar
No domingo em que te vi,
Fiquei todo embellezado,
Das prendas que vi em ti.

Na segunda apromptei-me
Para te ir visitar:
Logo que vi o teu rosto
Fiquei louco por te amar.

Na terça por todo o dia
Para mim tudo era flôr,
Só pensando em gozar
Delicias de teu amor.

Quarta-feira destinei
Continuar nossa amizade,
Se assim fosse de teu gosto,
Como é de minha vontade.

Na quinta fallei a teu pae:
Disse-me elle que cedia;
Só me restava saber
Se o meu amor me queria.

Mandei fallar a tua mãe;
Foi no dia de sexta-feira:
Ella me disse que sim,
Que não te tinha p'ra freira.

Sabbado, não te arrependas
Dos filhos que havemos de ter;
Ou com elles, ou sem elles,
Juntos temos de viver.

No domingo veja os moços;
Olhai bem para a feição,
E depois não te arrependas,
Vidinha do coração.

A folha da laranjeira
De noite parece prata;
Tomar amores não custa,
A separação é que mata.

Sentei-me a chorar saudades
Debaixo de um pecegueiro,
Veiu uma flôr e me disse:
Chora bem teu captiveiro.

De Minas Geraes — o ouro,
De Montevidéo — a prata,
De Portugal — a rainha,
Do Rio Grande — a mulata.

Bode do cabello grande
Merece ser bem penteado,
Com pente de cinco pernas,
Para não ser confiado.

— Minha laranjeira verde,
De que estás tão desfolhada?
« Foi do vento d'esta noite,
Sereno da madrugada.

Adeus, campo, e adeus, matto,
Adeus, casa aonde morei;
Já que é forçoso partir,
Algum dia te verei.

Quando vejo o encarnado
Me lembra do regimento,
Minha espada, minha lança,
Meu soldo, meu fardamento.

Dentro do meu peito tinha
Duas pombas se criando,
Uma voou e foi-se embora,
Outra ficou me matando.

Lá do outro lado do rio
Está uma rosa por se abrir;
Quem me dera ser sereno,
Para na rosa cahir!

Limoeiro é páo de espinho
D'onde nasce a penitencia,
No meu peito acharás
Dobrada condescendencia.

Menina, esses teus olhos
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me matas,
Correntes com que me prendem.

Minha menina bonita,
Um gavião quer te comer;
A rigor de polvora e chumbo
O gavião hade morrer.

Eu não canto por cantar,
Nem por ser bom cantador,
Canto por matar saudades
Que tenho de meu amor.

Eu vi a morte pescando
De caniço e samburá;
Quando a morte pesca peixe,
Que fome não ha por lá!

Fui ao mar buscar laranjas,
Fructa que no mar não tem;
Vim de lá todo molhado
Das ondas que vão e vem.

Ès branca como o jasmim,
Colorada como a rosa;
Se tu me amares sempre,
Dou-te uma terneira barrosa.

Por menor cousa ás vezes
Perde um qualquer o tino,
Por isso ás vezes me sinto
Como aspa de boi brazino.

A mão lhe quiz apertar
Estirando bem o braço,
Caramba! que estava longe
Como um comprimento de laço.

Pardo forro sem governo,
Senhor das minhas acções;
Sei amar gratuitamente
E punir ingratidões.

Quando eu vim para este baile
Trouxe uma estrella de guia,
Porque sabia que estava
A prenda que eu mais queria.

Antonico, meu caro irmão,
Vou contar-te, meu amigo,
A triste vida que passo,
Sem afago e sem abrigo.

Rebenqueado da saudade
E esporeado da fortuna,
Para que tanto penar
Se vida tenho só uma?

De meus trastes que ficarem
Te reservo umas chinelas,
Que o bagual repiniquei
Na frente de umas morenas.

Minhas bolas, o meu laço,
Meu rebenque e tirador,
Destino àquelle que fôr
Bem gaúcho pealador.

Na sepultura me ponhas
Um letreiro colorado,
Para que o mundo leia:
«Aqui jaz um desgraçado».

Enhá-tuca com siá Anninha,
Qual d'ellas mais bizarrona,
Lá estão na camarinha,
Sentadas n'uma carona.

Tem na cabeça Enhá-tuca
Um bizarro ramalhete,
E prega botões de ouro
Em fino e lindo collete.

Ao lado de Enhá-Gertrudes
Está siá Anninha mui pimpona;
Dizei-me, amigo Manduca,
Qual d'ellas a mais bizarrona?

Aqui cheguei, amigo Chico,
Da marcha um pouco delgado,
Mas os pastos da cidade
Já me tem embarrigado.

Ha bom encosto e abrigo,
E mui regular aguada;
Para um homem da cochilha,
P'ra que melhor invernada?

Memorias á tia Rosa,
Lembranças á comadre Maruca,
E mandos a quem é
O teu amigo Manduca.

A saudade me constrange
E me mata sem querer;
Esse teu peito, menina,
O meu tumulo hade ser.

Viuvinha, viuvinha,
Eu quero ser teu marido;
Pois tu és tão bonitinha,
Que por ti ando perdido.

Amanhã vou galopar
O meu velho redomão,
Para passar gaúchando
No porta de meu coração.

Adeus, centro da belleza,
Minha delicada flôr,
Quando me verei comtigo,
Prenda de tanto valor!

Adeus, centro da belleza,
Espelho aonde eu me via;
Se a fortuna me ajudar,
Te heide buscar algum dia.

Está chovendo, quer chover,
Onde nos abrigaremos?
Na sombra d'esses teus olhos,
Que rico abrigo teremos.

Lá dentro d'esse teu peito
Eu desejava morar,
Não estorvando a quem mora,
Dizei-me se tem logar.

Os olhos do meu bemzinho
Andam em leilão na praça;
Não ha dinheiro que pague
Uns olhos de tanta graça.

Por te querer tanto bem
Deus me hade castigar,
Por te trazer no meu peito,
No mais mimoso logar.

Amorosa sympathia
Que por ti minh'alma sente,
Não me negues cruelmente
Tua doce companhia.

Com o prado, com as flôres
Comparo minha ventura,
O prado porque floresce,
A flôr porque pouco dura.

Fui soldado e sentei praça,
Mas não foi na infanteria,
No segundo regimento,
Na primeira companhia.

Dôr de dentes n'uma unha,
Dôr de barriga n'um braço,
Dôr de cabeça na orelha,
Que m'atormenta o cachaço.

De sete irmãos que tive
Fui eu o mais desgraçado;
Sete annos de cadêa,
Agora vou degredado.

Minha mãe, minha mãesinha,
Lançai-me a sua benção,
Que já sigo barra fóra
Na primeira embarcação.

Francisco Pedro d'Abreu
Primeiro dos legalistas,
Defensor de sua patria
E terror dos anarchistas.

Senhor Netto, deixe o povo,
Não se metta a capadocio,
Vá cuidar nos parelheiros,
Que fará melhor negocio.

Senhor Netto não deixa o povo
Nem vai cuidar dos parelheiros,
Porque tem p'ra seu andar
Silva Tavares e Medeiros.

Heide mandar escrever
Por montanhas e deserto,
Com letras d'ouro o nome:
«Antonio de Sousa Netto».

Tico-tico no terreiro,
Quando chove não se molha,
Onde ha moça solteira
P'ra as casadas não se olha.

As moças de Porto Alegre
São lindas e dançam bem,
Vestidos todos rendados,
Pés pequeninos ellas tem.

A vinte e cinco de maio,
No passo de Inhanduhy,
Camêlo virou capincho,
Ninguem me contou, eu vi.

Alfinetes são ciumes,
Agulhas variedade,
As mulheres são como a cobra,
Bicho de toda a maldade.

Uma ausencia me retira,
Uma saudade me mata,
Uma pena me atormenta,
Uma dôr é que me mata.

Hontem vi uma menina
A correr desesperada,
Fui-lhe logo ao encontro,
Era ella a minha amada.

Se o padre santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Deixava da santidade
P'ra dançar o fado tambem.

Meu lacinho é de correntes
E as correntes são de prata,
Minhas bolas de metal,
Onde batem logo mata.

Quem quizer que eu vá e volte,
Mande varrer a estrada,
Por causa das pedrinhas miudas
E do sereno da madrugada.

—Ó Maria, bateram na porta,
Corre lá, vai vêr quem é !
« As pisadas são de homem
E atraz vem alguma mulher.

Cravo rôxo, Desideria,
Pintadinho d'amarello,
Bota a mão em meu peito
P'ra tu vêres como te quero.

Antonico, pé de mico,
Manoel, pé de macaco,
Antonico, pica fumo,
Manoel, toma tabaco.

Quando vires a tarde triste
E a noite para chover,
São lagrimas de meus olhos
Que correm por não te vêr.

O tatú subiu a serra
P'ra serrar seu taboado,
Com a sua mala de farinha
E com sua pipa de melado.

Eu venho do dá e toma
E vou para o toma e dá;
Nunca vi dá cá sem toma,
Nem toma lá sem dá cá.

Os teus olhos mais os meus
Ambos tem um parecer,
Mas os teus tem um geitinho
Que bota os meus a perder.

Não sei que têm os meus olhos
Quando olham para ti,
Acham nos teus um geitinho
Que nos outros nunca vi.

Toda moça que dorme na rua
Não tem vergonha nenhuma,
E a que dorme fechada
Não tem vergonha de nada.

Eu quero dar um conselho
A quem o quizer tomar :
Quem quizer viver no mundo
Hade ouvir, vêr e calar.

O amor entra pelos olhos,
Vae ao peito direitinho,
Se não acha resistencia
Vai seguindo o seu caminho.

O amor é cego e não vê,
Pisa como um passarinho,
Furá aqui, fura acolá,
Vae seguindo o seu caminho.

Quem espera desespera,
Quem espera sempre alcança ;
Não ha maior allivio
Que viver na esperança.

Solteirinha, não te cases,
Goza tua boa vida,
Que eu já vi uma casada
Chorando de arrependida.

Você diz que não me quer,
Diga-me a razão porque?
Você diz que eu que sou pobre,
Que riqueza tem você?

Eu não quero tomar mate,
Quando os ricos estão tomando ;
Quando chegam a dar aos pobres,
Os páosinhos estão nadando.

Quer o rico, quer o pobre,
Todos tem seu amorsinho ;
O rico com seu dinheiro,
O pobre com seu carinho.

Meu coração de babosa,
Baba aqui, baba acolá,
Meu coração palpita,
Faz lá dentro: tá, tá, tá.

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Teu nome está retratado
Dentro do meu coração.

Já fui gallo, já cantei,
Já fui senhor do poleiro;
Hoje sou desprezado
Que nem cisco no terreiro.

Eu vi uma barata
No capote de vô-vô,
Assim que ella me viu
Bateu azas e voôu.

Quem ama não tem vergonha,
Não se lhe dá de fama,
Está vendo a hora que dizem:
« Mata o ladrão que me ama. »

Curitiba, minha terra,
Terra donde eu me criei;
Não foi por falta de amores
Que eu de lá me retirei.

Eu como cravo me abro,
Tu como rosa te fechas,
Eu como amante te busco,
Tu como ingrata me deixas.

Cajueiro, cajueiro,
Quem te botará no chão?
Debaixo das tuas ramas
Foi a minha perdição.

Limoeiro, abaixa a rama
Que eu quero apanhar limão,
Para tirar uma nodoa
Que tenho no coração.

Marréquinha da lagôa,
Patuny do Passo Fundo,
Como queres que eu te ame
Se tu és de todo o mundo?

Meu amor é trigueirinho,
Todo queimado do sol,
Assim mesmo é que eu quero:
Quanto mais preto melhor.

Já te quiz e já te não quiz,
Já te perdi a affeição,
Já te varro com a vassoura
Que varri o triste chão.

A tyranna é mulher brava
Que móra no Faxinal,
Socando sua cangica,
Comendo feijão sem sal.

Andorinha do coqueiro
Dá-me novas de meu bem,
Os meus olhos estão cançados
De esperar por quem não vem.

Na minha horta plantei
Sementes de marianna,
Nasceram cravos e rosas,
Uma angelica côr de cana.

Senhora, minha senhora,
Corra a mão no seu cabello,
Que do céo está cahindo
Pingos d'agua de cheiro.

Eu tomei amor ao longe,
Por ser a linha mais forte,
Rebentou-se a linha ao meio,
Triste de quem não tem sorte.

Eu amei, fui infeliz,
Eu jurei de não amar;
Os teus olhos me fizeram
Meu juramento quebrar.

Ha tres dias que não janto,
Ha quatro que não almoço;
Á falta de teus carinhos
Quero comer, mas não posso.

Cravo rôxo, sentimento,
No bolso de minha almofada,
O dia que não te vejo
Não coso, não faço nada.

Tudo que é verde no mundo
Heide mandar queimar,
Verde é esperança,
Estou cansada de esperar.

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azues soberanos,
Estas tres classes de olhos
Para mim forão tyrannos.

No tempo em que eu te queria,
Rompi mattos de espinhos;
Agora pago dinheiro
Para não vêr teu focinho.

Quando eu estava na Bahia,
Debaixo das palmeiras,
Lá mesmo que eu gozava
Os quindins das brazileiras.

Sarrabalho era homem pobre,
Não tinha nada de seu,
Só a triste mulher
Que sua sogra lhe deu.

Lá se vae meu coração
Partido em quatro pedaços,
Meio vivo, meio morto,
Vae acabar nos teus braços.

Péga lá meu coração,
Vinga n'elle os meus delictos,
Cravae-lhe um punhal agudo,
Não te embaracem meus gritos.

O meu nome é amar-te,
Por sobre-nome querer-te,
Por appellido adorar-te,
Por alcunha merecer-te.

Botei o preto por gala,
O branco por bizarria,
O verde por esperança
De ainda te vêr algum dia.

Distante de um bem que adoro
Prazer minh'alma não tem;
Reflicto a cada momento:
Muito soffre quem quer bem.

Vinde cá, meu cravo d'ouro,
Minha semente de prata,
A tua vista me alegra,
O teu retiro me mata.

Vinde cá, meu cravo d'ouro,
Minha papoula da India,
Eu te quero perguntar
Se me queres bem ainda.

Os duros grilhões de amor
Por pesados não me assusta,
Temo d'elles, porque sei
Prisão de amor quanto custa.

Folguei quando foi forjado
Grilhões para me prender,
Agora quero quebral-os,
É tarde, não póde ser.

Álerta, pombinha branca,
Que ha caçador na terra
Com espingarda de ouro,
Onde faz ponto não erra.

Caçador p'ra me caçar
Hade ser bom caçador,
Hade ter olhos de prata,
Mão de bom atirador.

Adeus, fontes, adeus, rios,
Adeus, pedras de lavar;
Olhos que me viram ir
Quando me verão voltar?

Tenho meu lencinho branco,
Com um raminho em cada ponta;
Brinca lá com quem quizeres,
Depois justaremos conta.

D'aquellas tardes alegres,
D'aquellas noites serenas
Que eu te tive nos meus braços
Hoje me servem de penas.

Rei nasceu para seu throno,
Os peixinhos para o mar,
Eu tambem nasci no mundo
Sómente para te amar.

Nas ondas do mar se cria
Rei dos peixes nadadores.
No mundo tambem se criam
Olhos pretos matadores.

As ondas do mar são verdes,
No mar tudo são verduras;
Nas faces d'esse teu rosto
Deus botou a formosura.

Puz-me a contar as estrellas
Com a ponta de minha espada,
Principiei á bocca da noite,
Acabei de madrugada.

Eu passei por tua porta,
Mandei a mão na fechadura;
Não me quizestes abrir,
Coração de pedra dura.

Atirei um limão verde
Por riba da sacristia,
Deu no cravo, deu na rosa,
Deu na moça que eu queria.

Lá detraz d'aquelle cêrro
Tem um banquinho de vidro,
Onde se senta o meu amor
Quando vae fallar commigo.

Vou-me embora, tenho pressa,
Tenho muito que fazer;
Tenho que parar rodeio
No peito do bem-querer.

Abaixa-te, limociro,
Quero apanhar um limão
Para tirar uma nodoa
De dentro do coração.

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração!

Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do quintal;
Calla a bocca, cachorrinho,
Deixa meu amor chegar!

Desafôro do passarinho,
Onde foi fazer o ninho,
Na mais alta laranjeira,
No derradeiro galhinho.

Quando te fôres embora
Me escrevas do caminho,
Se não tiveres papel
Nas azas de um passarinho.

Da bocca faço tinteiro,
Da lingua penna aparada,
Dos dentes letra miuda,
Dos olhos carta fechada.

Vou-me embora d'esta terra,
Não é por matar ninguem,
Por causa de um mexerico,
Desaparta um querer-bem.

O ferro e a ferrugem
O tempo tudo consomme,
Só não posso consummir
A lembrança do teu nome.

Maria, minha Maria,
Minha flôr de melancia,
Um beijinho da tua bocca
Me sustenta todo o dia.

Alecrim verde cheiroso,
Dá-me novas do meu bem,
Se elle é morto, se elle é vivo,
Se está nos braços d'alguem.

Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar uma coruja,
Parecia que dizia :
Salta d'aqui, cara suja !

Ainda que o fogo se apague
Na cinza fica o calôr,
Ainda que o amor se aparte,
No coração leva a dôr.

O vento que veiu hoje
Levou palha e deixou trigo,
Eu te quero perguntar
Se essa carranca é commigo.

Esta casa está bem feita
Por dentro, por fóra não,
Por dentro cravos e rosas,
Por fóra manjaricão.

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma,
O cravo anda em demanda
Por a rosa ter mais uma.

O cravo como atrevido
Mandou-lhe carta de amor,
A rosa como senhora
Mandou recolher a flôr.

Justos céos, oh! que gloria,
Já zombei do amor um dia,
Já quebrei, fiz em pedaços
O grilhão que me prendia.

A penna para escrever
Hade ser de pato macho;
O amor para se amar,
Deve ter nome de Ignacio.

Laranjeira pequenina
Carregada de flôr,
Eu tambem sou pequenina
Carregadinha de amor.

Depois de morto tres dias,
Debaixo do duro chão
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

As folhas do matto virgem
Dá-lhes o vento, todas bolem;
Meu bemzinho, não te affiijas,
De saudades ninguem morre.

Menina, minha menina,
Vocemecê m'a fez bôa,
Fez-me dormir no sereno,
Como o sapo na lagôa.

Estes teus olhos, menina,
São confeitos, não se vendem,
São balas com que me atiram,
São correntes que me prendem.

Eu amei uma casada,
Me puz a considerar:
Por mim deixa o seu marido,
Por outro me hade deixar.

Minha mãe, me dê a chave,
Quero apanhar nove rosas:
Tres brancas, tres encarnadas,
Tres amarellas cheirosas.

Chove, chove miudinho
Na cópa de meu chapéo;
Já não bastam os meus trabalhos,
Ainda castigo do céo.

Ai Jesus, cortei um dedo,
Ai Jesus, está bem cortado;
Com o sangue bordei um lenço,
Ai Jesus, está bem bordado.

Quem é aquelle que lá vem
Com o lenço feito bandeira?
Pelo geito que estou vendo,
É o carro polvadeira.

Amor de perto querido
De longe mais estimado;
De perto me causa pena,
De longe pena e cuidado.

Meus olhos quando te viram,
Meu coração te adorou,
Nas correntes dos teus braços
Minha alma presa ficou.

Mas antes nunca te visse,
Te visse e não te quizesse,
Trabalhos não passaria,
Se de ti nunca soubesse.

Heide me pôr a cantar,
Já que chorando nasci,
Para vêr se recupero
O que chorando perdi.

Quando eu era gallo novo
Comia milho na mão,
Hoje que sou gallo velho
Bato com o bico no chão.

Tenho o meu chapéo de palha,
De pêllo não posso ter;
De pêllo custa dinheiro,
De palha posso fazer.

Ando roto, esfrangalhado,
É meu gosto andar assim;
Ando cumprindo o meu fado,
Ninguem tenha dó de mim.

Se tu te vaes e me deixas,
Saudades de mim não tem,
Não confesses que me amas,
Nem digas que me queres bem.

Quem me vê estar cantando
Cuidará que estou alegre,
Mas meu coração está tinto
Como a tinta que se escreve.

Se a sorte me der outro
Heide-o amar por dever;
Mas a ti, por sympathia,
Heide amar até morrer.

As estrellas correm todas,
Correm de sul ao norte,
Só eu não posso correr
De minha tyranna sorte.

No logar onde habitas
Na tua tranquillidade,
Não te lembras que por ti
Estou morrendo de saudade.

Cravo, não bula com a rosa,
Deixa a rosa na roseira,
Tu bem sabes ser peccado
Bolir com moça solteira;

O meu talento insulta
Essa tua tyrannia;
Meu coração teve a culpa
De amar-te com demasia.

Sobrancelhas de retroz,
Olhos de viva alegria,
Vê o pago que tu déste
A quem tanto te queria!

Nas ondas do mar tem limo,
Debaixo do limo o peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo,
Estás bem livre que te deixe.

Alecrim da beira d'agua,
Bate o vento, logo torce,
Os olhos d'este ladrão
Já de mim tomaram posse.

Se soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não dava meu coração
Para agora padecer.

Trago meu peito ferido,
Corre sangue aos borbotões,
Firmeza, minha firmeza,
Contra tua ingratidão.

Quando começei a amar
Botei sortes á ventura;
Quando me quiz retirar
Já meu mal não tinha cura.

Sou firme, dos firmes firme,
Sou firme, não te engano;
Como não heide ser firme
Se por meu gosto te amo?

Eu vi teu rastro na arêa,
Puz-me a considerar:
Que mimo terá teu corpo
Quando o rastro faz chorar?

Não boteis o papel n'agua,
Que molhado vai ao fundo,
Triste da moça solteira
Que cae na bocca do mundo!

De joelhos caí n'agua,
De joelhos fui ao fundo,
De joelhos ando penando
Meu bem n'este mundo.

O azul é côr do mar,
Quando o mar está manso;
O dia que não te vejo
Meu coração não tem descanso.

Esse teu cabello louro
Que me traz em confusão,
É a corrente terrivel
Que prendeu meu coração.

Despe teu mimoso peito;
Cheio de ferreo desdem;
Ingrata, ouve meus gemidos,
Espera por mim tambem.

Embora a natureza gema,
A nada dou attenção,
Porque já por systema
Tenho bronzeado o coração.

Vinde cá, meu limão doce,
Saboroso no comer,
Não descubras meu segredo
Que só a ti dei a saber.

Lá do céo caiu um cravo
Verde, rôxo, amarello;
Entra dentro de meu peito,
Verás como eu te quero.

N'esse teu coração terno
Amor e união tem,
Podésse eu firme adorar
Só a ti, a mais ninguem.

Tens o cabello preto,
Que agora reparei,
Se já tivesse reparado
Não amava quem amei.

Oh! bella, porque me matas
E a vida me estaes dando?
Se tens de ser meu amor
Não andes vira-virando.

Lá se vae pelo mar fóra
Meu lindo ramalhete,
De saudades já não posso
Apertar o meu collete.

Sois a flor mais delicada
Que creou a natureza,
Sois mais linda que a rosa,
Que brilha com mais grandeza.

Aguas claras correntias
Correm por baixo do chão,
Por ditoso me daria
Beber agua de tua mão.

Vou-me embora, tenho pressa,
Tenho rosas que apanhar,
O meu amor é muito rico,
Não quero mais trabalhar.

Suspiro cahiu no chão
Com tamanha matinada,
Póde-se mandar rolar
Que você não lambe nada.

Eu não sou cêpo de páo
Nem raiz de canelleira,
Sou brinquinho das casadas
E ramalhete das solteiras.

Quero dar a despedida
Como deu a saracura:
Os ciumes da mulher
Com chicote se cura.

Moça bonita é veneno,
Mata tudo o que é vivente,
Embebéda as creaturas,
Tira a vergonha da gente.

Limão tira o fastio,
Só eu por vêr não o tenho,
Se tu por mim fazes gosto
Eu por ti maior empenho.

Nunca te esqueças de mim
Na mais longa ausencia,
Eu jurei de te amar
Durante minha existencia.

Quem se vae para tão longe
Que deixa seu passarinho,
Quando vier não fique triste
Se achar outro no ninho.

Casar com mulher papuda
Que desgraça não será!...
Quando fôr deitar na cama
Que de roncos não dará!

Eu era o que te dizia
Tu eras que duvidavas,
Que no fim do nosso amor
Tu eras quem me deixavas.

Enche o rio, vasa a maré,
Fica a praia descoberta,
Vae-se um amor e vem outro,
Não ha cousa mais certa.

Coração que a dois ama,
Nunca disse que quer bem,
Que faz carinhos a todos
E não quer bem a ninguem.

O cachorrinho esta latindo
Lá p'ra a banda do chiqueiro;
— Cala a bocca, cachorrinho,
Não sejas mexeriqueiro.

Tenho o meu cavallo baio,
Creoulo de Jaguarão,
Para vêr as mulatinhas
No serro dos Tres Irmãos.

Muitos que não me conhecem,
Indaguem, perguntem bem,
E me empreguem amizade
Que empregar-lhes-hei tambem.

*

418863

Agora me estou lembrando
Dos pagos de Jaguarão:
Amores que foram meus
Agora de quem serão?

Depois de um peito querer
E de um coração se agradar,
Não ha poder no mundo
Que faça um bem se apartar.

Quem quizer que eu cante bem
Dê-me um mate de cangonha,
Para limpar este peito,
Que está cheio de vergonha.

Minha gallinha pintada
E meu gallo carijó,
Minha gallinha morreu,
O meu gallo ficou só.

Você me chamou de feio;
Sou feio mas sou dengoso:
Tambem o tempêro verde
No comer é saboroso.

Gira o sol, gira a lua,
Giram as estrellas tambem;
Gira o meu Deus da minh'alma,
Por Deus que te quero bem.

Eu sou a fructa da murta,
Aquella que cae no chão,
Quanto mais carinho eu faço,
Mais desengano me dão.

Atirei com uma pistola
Na bocca de um bacamarte;
O amor que não é firme
É bem que a pistola mate.

Quando eu cheguei aqui
Matinho estavam tomando,
Quando me chegaram a dar
Os páosinhos estavam nadando.

Você me chamou de feio,
Ainda mais arreganhado;
Eu sou feio na verdade,
Mas, porém, sou engraçado.

Minha mãe chama-se Caca,
Minha avó Caca Maria;
Em casa tudo era caco;
Sou filho da cacaria.

Você me chamou de feio,
Eu tambem digo que sim;
Lá em casa havia um feio
Que pegou feiura em mim.

Dois corações unidos,
Ligados pela paixão,
Suspiram, lamentam, choram
A cruel separação.

Sou soldado, sentei praça
No regimento do Amor;
Ainda não jurei bandeira,
Já me têm como desertor.

Alfinetes são ciumes,
Agulhas são variedades,
As moças são como cobras,
Bichos de tanta maldade.

Dos filhos que o meu pae teve,
Eu fui o mais destemido;
Para amar moça bonita
Eu fui o mais presumido.

Um talento sem allivio
Sem nunca poder descançar;
Distancia de quatro leguas
Ainda ouvi um gallo cantar.

O meu amor é pequenino,
Do tamanho de um botão:
De dia trago no peito,
De noite no coração.

O meu modo de andar alegre
Deus me deu por natureza,
Já não é porque eu não sinto
No meu coração tristeza.

Borboleta côr de canna,
Encosta-te no rosto meu;
Aqui está quem te venera,
Quem morre por ti sou eu.

Estrella do céo brilhante,
Secretária do meu peito,
Digo a Deus e a todo mundo
Que morro por teu respeito.

Se eu morrer com minha falla,
Com o meu juizo perfeito,
Heide pedir que me enterrem
No jardim d'este teu peito.

Manoel, Manoelsinho,
Fita verde no chapéo,
Quando sae a passear,
Parece um anjo do céo.

Ia indo para Santo Amaro,
Metti um espinho no pé,
Atei com fita verde,
Cabellinho do José.

De qualquer pôcinho d'agua
Deus póde fazer um peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo
É impossivel que eu te deixe.

No rio nadam os peixes,
Nos mares o camarão,
No centro d'este teu peito
Navega o meu coração.

Maria, tu não desprezes
Eu por ser pobre e não ter;
Póde o rico desprezar-te
E o pobre não te querer.

Tirar-me da tua vista,
Isso sim, podem fazer;
Mas privar-me que eu te queira,
Sem ser Deus, eu quero vêr.

Das bellezas que ha no mundo
Só em ti fiz eleição;
Adeus, prenda da minh'alma,
Joia do meu coração.

Por ti vivo, por ti morro,
Por ti levo a suspirar;
Meu coração não póde
Tua ausencia supportar.

Coitadinha da pombinha,
Aonde foi fazer o ninho;
Deixou um logar tão bom
No collo da sinhá Anninha.

Desde o momento em que te vi
Te fiquei querendo bem;
Assentei cá no meu peito
Não amar a mais ninguem.

Eu vi a gallinha morta
No pé da guavirova;
Quem roubou minha gallinha
Foi a ladra da invejosa.

Eu vi a gallinha morta
No pé da mesa escripto;
Eu já vivo aborrecido
De cantar n'este districto.

Eu vi a gallinha morta,
A mesa já estava posta,
Chegue, chegue, minha gente,
Que a gallinha é para quem gosta.

Dentro de meu peito ha
Um cantinho reservado;
Este não dou a ninguem,
Só para ti tenho guardado.

Dentro de meu peito ha
Um cravo rôxo-dourado;
Este não dou a ninguem,
Só para ti tenho guardado.

Meu pae, para me vêr casado,
Prometteu-me um tamborete;
Depois que me viu casado:
«Meu filho, toma porrete.»

Pelo sol eu te peço
Que me tenhas amor,
Não queiras que assim acabe
O meu amante valor.

Mandaste que esperasse
Debaixo da pimenteira,
Esperei, tu não viestes,
Mulatinha feiticeira.

Mulata, sangue de gata,
E outras tambem tem,
Não sei que tem as mulatas
Que todos lhe querem bem.

Vaqueriano, vou contar-te
Com dôr de coração:
O missioneiro vai s'embora
Para as plagas de missão.

Na astucia e no querer
E' inutil o rigor,
Porque tem maior poder
A mocidade e o amor.

Quando um branco está comendo,
Com um negro em companhia,
É o branco o devedor
Ou do negro é a comida.

Me disseste que eras firme
Como a palmeira no sertão,
Se ella fosse bem firme,
Não tremia até o chão.

A pedra que muito rola,
Limo nunca ella tem,
Não sei que tem minha vida
Que não me quer mais bem.

Meu bemzinho, se eu podesse,
Fazia o dia maior,
Dava um nó na fita verde,
Outro no raio do sol.

Eu não sou filho d'aqui
Só o filho lá de fóra;
Vim só ganhar dinheiro,
Acabando vou-me embora.

Você diz que me quer bem,
Que me traz dentro do peito,
Isso sim, não acredito,
Quem quer bem, tem outro geito.

O azul é côr do céo
Para quem descanso tem;
Que descanso posso eu ter
Estando ausente do meu bem?

Quando eu vim da minha terra,
Muita menina chorou,
Só o diabo de uma velha
Tantas pragas me rogou.

Muitas estrellas no céo,
Muita areia no chão,
Os olhos da minha querida
Me ferem o coração.

Atraz daquelle serro,
Tem gato minhaú,
Peguei o rabo d'elle
Para chave do meu bahú.

Marrequinha, minha marrequinha,
Nada sempre na lagôa,
Cansando n'aquella agua
Estende as azas e vôa.

Totó e a tia Chica,
Ha muito já são um par,
O tempo corre ligeiro,
Meu pae eu quero casar.

Marrequinha, marrequinha,
Filha do marreco macho,
Não sei como um bichinho tão pequeno,
Nada n'um tamanho passo.

Tantos ais, tantos suspiros
Que do fundo d'alma vem,
Não são ais, nem são suspiros,
São saudades do meu bem.

Puro amor e sympathia
Dominou meu coração.
Receiando no futuro
Receber ingratidão.

Por sympathia te amei,
Com amor heide adorar-te,
Com extremo heide querer-te,
Juro mais nunca deixar-te.

Heide um raminho offertar-te
Em paga do que me déste,
Só n'elle haverá saudades,
Chaga, martyrio ou cypreste.

Como queres que te ame?
Como amante verdadeiro?
Só que tires do sentido
O que amaste primeiro.

O que eu amei primeiro
Do sentido já tirei,
Era amante mui forçado
Por teu respeito deixei.

Andei no mar, andei á roda,
Todo o mar arrodiei,
Nunca conheci trabalhos
Senão depois que te amei.

Dá-me de tua parra um figo,
Uva de tua figueira,
De teu peral uma rosa,
De teu rosal uma pera.

Não tenho mais que te dar,
D'este jardim do meu peito,
Só se fôr a flôr generosa
Chamada amor-perfeito.

Fechei o meu coração,
Mandei a chave a Lisboa,
Não quero mais amar
Senão a tua pessoa.

Suspirar é meu costume,
A toda hora do dia,
Estando de ti ausente
Não posso ter alegria.

Lá vae o sol entrando
Por um canudo de prata,
As moças do Povo Novo
Não é branca, é mulata.

Chimarrita e chimarrita,
Chimarrita do sertão,
Vae casar a sua filha,
Deu de dote um patacão.

Um moço para ser bonito
Hade ter as pernas tortas,
Uma belida na vista,
Uma corcova nas costas.

Meu tatú do rabo molle,
Meu guisado sem gordura,
As moças de Porto Alegre
Têm pernas de saracura.

Bento Gonçalves da Silva,
Da liberdade é o guia,
É heroe, porque detesta
A infame tyrannia.

N'estes campos solitarios,
Onde a desgraça me tem,
Fallo, ninguem me responde,
Olho, não vejo meu bem.

Por estes cantos chorando
Andarei todos os dias,
Sempre encontrando tristeza
Sem nunca ter alegria.

Perto d'uma laranjeira,
Meu bemsinho encontrei,
Eu sósinho junto d'ella,
Vejam como eu não fiquei.

Dai-me minha viola,
Quero cantar e tocar,
Canto noites e dias,
Sem cansar e parar.

As nuvens correm ligeiras,
No céo tocadas do vento,
Não sei quando tu queres
Que seja o nosso casamento.

Chapéo de fita verde,
De palha de girivá,
Não sei que tu me queres,
Eu nada tenho para dar.

Adeus, vou-me embora,
Para que tantos enganos,
N'outro lado d'aquelle rio
A gente não são tão tyrannos.

Suspirando passo a noite,
Lamentando passo o dia,
Ausente de ti, meu bem,
Não posso ter alegria.

Só por ti minha alma sente
Amorosa sympathia,
Não me negues cruelmente
Tua dôce companhia.

Desde o dia em que te vi
De amar-te fiz tenção,
É justo, prenda minha,
Que me dês teu coração!

O azul é côr do céo,
P'ra quem descanço tem;
Que descanço posso ter
Ausente de ti, meu bem!

Os campos verdes se alegram
Quando vêm o sol nascer,
Assim meus olhos se alegram,
Quando te chegam a vêr.

Saudades te persigam
Como a mim tem perseguido,
Só me falta morrer por ti
Ou perder os meus sentidos.

Quem raiva de mim tiver,
Grande paixão hade ter.
Hade ladrar como um cão,
Não me hade poder morder.

A pitanga é fructa dôce,
Mais dôce é o araçá,
Quem quizer casar commigo
Ha de viver n'um *fubá*.

O cravo tambem se muda
Do jardim para o deserto,
De longe tambem se ama
Quem não póde amar de perto.

Venho de lá tão longe,
De tão longe venho eu,
Renovar uma saudade
D'um amor que já foi meu.

Quem quizer vêr olhos tristes
Olhe para os meus desgraçados,
Já foram olhos queridos,
Hoje estão desprezados.

Não tenho camisa branca,
Só visto as de chita,
Amo a mulher feia,
Porque não me querem as bonitas.

Dentro de meu peito tenho
Uma dôr que me consomme,
Quando eu vou suspirar,
Da bocca me sae teu nome.

No meio d'aquelle mar
Tem um cruzeiro de vidro,
Onde se apartam olhos,
Coração arrependido.

Aquelle mar está cercado
De garrafinhas de vidro,
Todos logram seus amores,
Só eu os trago no sentido.

Alto céo, bonitos ares,
Espelho de formusura,
No dia em que eu te vêr
Serei mais feliz que a ventura.

Quatro flôres no meu peito,
Fizeram sociedade,
Cravo rôxo, amor-perfeito,
Martyrio e saudade.

Olhos pretos matadores,
Dizei porque não confessaes
As mortes que tendes feito,
Os corações que roubaes?

Eu não sei minha firmeza
Para comtigo o que tem,
Só me pede o coração,
Amar-te e querer-te bem.

Eu heide te amar por arte
Que ninguem hade saber,
Eu heide brincar com todos,
Só a ti heide querer.

Não tenho o que te offereça,
Senão puros affectos meus,
Não tenho bens da fortuna,
Mas que culpa tenho eu?

O amor quando se encontra,
Mette sustos e dá gosto,
Sobresalta o coração,
Faz fugir a côr do rosto.

Senhor Antonio Joaquim,
Raminho de bem-querer,
Quem chegar á sua sombra
Não se hade arrepender.

Saudade consummidora,
Eterna socia de amor,
Serás minha companheira,
Irás commigo onde eu fôr.

Se os meus suspiros podessem
A teus ouvidos chegar,
Verias que uma saudade,
É bem capaz de matar.

Já vi o sol á meia-noite,
Estrellas ao meio-dia,
Quem anda cego d'amores
Veria mais que veria...

Não basta meus trabalhos,
Ainda a tua tyrannia,
Deus queira que não soffras
Minha falta algum dia.

Se vires a garça branca
Por cima do mar voando,
Será as minhas saudades
Que a pouco me vão deixando.

As beiras da minha casa
Fazem goteiras sem chover,
Meu amor brincar com outro,
É cousa que não posso vêr.

Eu com armas não venci,
Outro sem armas venceu,
Foi da sorte protegido,
Foi mais feliz do que eu.

Depois d'um peito querer,
Um coração se agradar,
Nem todo poder do mundo
Faz um amor se apartar.

Aguas claras correntias,
Da tua belleza nasce,
Eu seria criminoso,
Se te visse e não te amasse.

Alegres dias passámos
Com tanta satisfação,
Hoje tristes soffremos
Tão cruel separação.

*

Não tenho que te mandar
N'esta triste solidão,
Acceita minhas saudades,
E tambem meu coração.

Fallai-me d'onde estás
Prenda minha querida;
Estou de ti tão longe
Perto de acabar a vida.

O verde é esperança,
Esperança tenho em Deus;
Quando verei teus braços
Entralaçados com os meus!

Fui no jardim passear,
Disfarçar minha dôr,
Encontrei o teu retrato,
Na mais mimosa flôr.

Não póde o tempo mudar
Dois corações já unidos,
No centro de meu peito,
Guardo os teus gemidos.

Ventura quizera eu ter
De viver junto comtigo,
Para socego de minha alma
E descanço do meu sentido.

Lá por cima d'aquelle cerro
Corre a agua de beber,
Ou mais cedo ou mais tarde
Heide em teus braços morrer.

Cada vez que boto a vista
Lá para onde moraes,
Uma coisa me amofina
Saudades cada vez mais.

Póde o céo produzir flôres
A terra estrellas crear,
Como póde meu coração
Ser vivente sem te amar?

Dormindo estava sonhando
Comtigo, minha belleza,
Acordei-me, achei-me em claro,
Em sonhos não ha firmeza.

Tendes o cabello crespo,
Ainda agora eu reparei,
Se eu reparasse ha mais tempo,
Não amava a quem amei.

Da Bahia me mandaram
Um presente com seu molho:
A costella de uma pulga,
O coração de um piolho.

Os gallos já estão cantando
E os passarinhos tambem,
Já vem amanhecendo
E aquella ingrata não vem!

Atrevido gavião
Merece ser atirado,
Para não ter o atrevimento
De comer pomba criada.

Ajudai-me, companheiro,
Que eu tambem te ajudarei,
Apesar de morar longe
Alguma cousa farei.

Meu amor, fallae baixinho,
Que as paredes tem ouvido,
O segredo mais encoberto
É sempre o mais sabido.

Não te encostes na parede,
Que a parede larga pó,
Encostae-te em meus braços,
Que esta noite dormi só.

O tatú é um homem pobre
Que não tem nada de seu,
Tem uma casaca velha
Que o defunto pae lhe deu.

Toda a mãe que tem filho,
Razão tem para chorar
Que não sabe ainda da sina
Que Deus tem para lhe dar.

A cachaça é meu parente,
O vinho é meu primo-irmão,
Não ha funcção nenhuma
Que meus parentes não vão.

Meu amor está mal commigo,
Eu não sei porque motivo,
Que me importa, lá se avenha,
Não é de amôres que eu vivo.

Quem diz que o amor custa,
É certo que nunca amou,
Eu sempre amei e fui amado
Nunca o amor me custou.

Ámanhã, se Deus quizer,
Fará sol se não chover;
Heide pôr-me a caminho,
Não me importa de morrer.

Se fordes á Cachoeira
Levae contas de rezar,
Cachoeira é purgatorio
Onde as almas vão penar.

Quem me déra estar agora
Onde está o meu pensamento!
De Porto Alegre para fóra,
De Cachoeira para dentro.

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Da mulher nasce a firmeza,
Do homem a ingratidão.

Meu pae e minha mãe choram
Por me verem feito soldado,
Antes quero servir ao rei
Do que me ver desgraçado.

Abalei o pé da roseira
Mas não pude arrancar,
Quem não tem bens de raiz,
Glorias não póde alcançar.

Lagrimas são que eu almoço,
Janto suspiro e dôr;
Á tarde merendo ais,
Á noite ausencia de amor.

Você chamou-me de feia,
Me chamou de cousa má,
Agora quer agradinho,
Acabou-se, já não ha.

Lá se vae o sol entrando
Por um canudo de prata,
Vae ferindo, vae matando
O coração d'aquella ingrata.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côr,
Quando o sol promette prenda
Que fará quem tem amor?

Estrella do céo brilhante
Raio do sol encarnado,
Se tens amores com outro,
Não me tragas enganado.

Eu estava no meu cantinho,
Não mexia com ninguem,
Você foi quem mexeu commigo,
Ande já, me queira bem.

Querido bemsinho, adeus,
Lembra-te sempre de mim,
Que este amor que eu te tenho
Só com a morte terá fim.

Ó morte, porque não vens
Findar os meus dias fataes?
Vivendo eu ando penando,
Morrendo não peno mais.

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azues soberanos,
Estas tres castas de olhos
Para mim foram tyrannos.

Se o amarello desbota
O azul se perde a côr,
Sem me perderes de vista
Não me percas do amor.

Eu fui aquelle que disse
E depois de dizer não nego,
Que achando amôr de meu gosto,
Morro secco e não me entrego.

Rio Pardo, Cachoeira,
Rio-Grandense — lá do norte,
Heide levantar bandeira
Té onde fôr a minha sorte.

Minha gente, venham vêr
Cousa que nunca se viu;
O tição brigou com a braza,
E a panellinha cahiu.

QUARTA SERIE

Orações e Parlendas

A Nossa Senhora

(Rio de Janeiro)

Levantei de madrugada
Fui barrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
Com ramo d'ouro na mão.
Eu lhe pedi um galhinho,
Ella me disse que não;
Eu tornei a lhe pedir
Ella me deu seu cordão,
Um cordão de quatro voltas
Ao redor do coração.
Lá vae ella, lá vae ella
Por de traz d'aquella serra,
Com sua capa amarella,
Que lhe deu a Magdalena.
Magdalena escreveu
Uma carta a Jesus Christo,

O portador que a levou
É o meu padre São Francisco.
Elle vae vestidinho,
Vestidinho de burel;
Vai arreceber as chagas
Do divino Manoel.

Á Senhora da Apparecida [1]

(Rio de Janeiro)

Senhora da Apparecida,
Rainha do *ceu celeste,*
Pedi a vosso bento Filho
Que nos livre d'esta peste.
Vós sois rainha dos anjos,
Tambem sois dos peccadores;
Pedimos com piedade
Por estes nossos clamores.
Ahi vem a Virgem santa
Com dôres para parir;

[1] Imagem celebre, que tem uma capella proxima á Guarátá, em São Paulo.

Mandou chamar a visinha
Que lhe viesse acudir.
Se a visinha não vier,
Meu Deus, que será de mim?
Não vejo cama, nem gloria,
Nem quem se dôa de mim.
Vejo só um cruzeiro amado
Com um botão de rosa ao pé;
Onde os anjos vão cantar
Jezús Christo e Daniel. (*dominé*)
Ahi vem a Virgem Maria
De noite pelo luar,
Procurando Jesus Christo
Sem o mais poder achar.
Vae encontrar com elle em Roma
Vestidinho n'um altar,
Um calix bento na mão,
Missa nova por cantar.
Quem esta oração rezar
Sexta-feira da Paixão,
Tira sua alma do inferno
E toda a sua geração.
Santissimo Sacramento,
Filho da Virgem Maria,
Guardae-me por esta noite
E ámanhã por todo o dia.

Ao Anjo da Guarda

(Rio de Janeiro)

Anjo da Guarda
Bem-aventurado,
Comvôsco, meu Anjo,
Tenho-me pegado.
Quando eu fôr chamado
De Aquelle Senhor,
Ajudae, meu Anjo,
No cêo a subir;
Subo com Jesus,
Limpo de peccado,
Si eu algum levar
Serei perdoado.
Ás tres horas da tarde,
E ás dez do dia,
Nasceu Jesus
Da Virgem Maria.
Ás tres horas da tarde
O sol escureceu,
Por pregar na cruz
O Filho de Deus.
Ás tres horas da tarde
A terra tremeu,
O povo, tão duro,
Não se arrependeu.
Meu Anjo da Guarda,
Meu Jesus tambem,
Me levae á gloria
Para sempre. Amen!

Pelo signal

(Rio de Janeiro)

Pelo signal
Do bico real,
Comi toucinho,
Não me fez mal;
Si mais houvesse,
Mais comia;
Adeus, seu padre,
Até outro dia.

Oração contra a espinhela

Espinhela cahida,
Portas do mar;
Arcas, espinhelas
Em teu logar.
Assim como Christo,
Senhor nosso, andou
Pelo mundo, arcas
Espinhelas levantou.

ção contra espinha na garganta

Homem bom,
Mulher má,
Casa varrida,
Esteira rota.

Senhor Sam Braz
Disse a seu moço,
Que subisse ou descesse
A espinha do pescoço.

Oração contra o soluço

Doente: Que bebo?
Curandeiro: Agua de Christo,
Que é bom para isto.

Oração contra o cobreiro

— Pedro, que tendes?
«Senhor, cobreiro.
— Pedro, curae.
«Senhor, com que?
— Agua das fontes,
Herva dos montes.

Oração contra o argueiro no olho

Corre, corre, cavalleiro,
Vae na porta de S. Pedro
Dizer á Santa Luzia
Que me mande seu lencinho
Para tirar este argueiro.

Oração do banho

Nossa Senhora lavou
Seu bento filho pr'a cheirar;
Eu me lavo p'ra sarar.

Oração para antes de deitar

Sam Pedro disse missa,
Jesus Christo benzeu o altar;
Assim benzo minha cama
Onde venho me deitar.

Oração do amassar das sezões

Deus vos salve, laranjeira
Que te venho visitar;
Venho te pedir uma folha
Para nunca mais voltar.

Cantigas politicas

(Rio de Janeiro)

D. Miguel chegou á barra
Sua mãe lhe deu a mão;
Vem cá, filho da minha alma,
Não queiras constituição.

D. Miguel chegou á barra
Com suas esporas de prata;
Acavallo no Saldanha,
O Claudino d'arreiata.

D. Miguel é pequenino,
Pequenino e bem feito;
Prometteu a seus soldados
Uma venéra pr'o peito.

Entre Miguel e Pedro,
Ninguem metta o seu nariz;
D. Miguel é nosso rei,
D. Pedro assim o quiz.

O Saldanha quer ser rei,
A mulher quer ser rainha,
Já se não lembra do tempo
Em que vendia sardinha.

D. Miguel subiu ao throno
Por escadas de papel;
O throno é de Maria,
Passa fóra, D. Miguel!

Outras

Oh ilha Terceira,
Já não vales nada;
Porque não venceste
A tropa malhada.

Barcellos é rabeca,
Porto é rabecão;
Tu foste a causa
Da Constituição.

Arre, corcunda!
Patife judeu!
Tu fostes a causa
Que o rei não venceu.

Si fores a Braga
Trazei-me uma fita,
P'ra pôr no chapéo
Que eu sou realista.

Parlendas

— Papagaio real,
Para Portugal.
Quem passa,
Meu loiro?
«É o rei
Que vae á caça,
Leva trombetas
E caixa.

Ai Jesus,
Que eu vou morrer;
Tanto trabalho
Tão pouco comer!
Parrudo, parrudo, êccô!
Péga o veado, caçador.

Papagaio
Do sertão,
Come queijo
E requeijão.
Dá-me um beijo,
Coração?
Huum, huum...
Como sabe
Beijo da moça
Na bocca do frade!

Papagaio
Rico louro,
Pé de prata,
Bico de ouro.
Dá-me um beijo,
Meu louro.
Papagaio
Já comeu?
Papagaio
Não comeu,
Morreu.

Jogo do Tantanguê e do Pintainl

(Sergipe)

Tantanguê
Sae-te d'aqui,
Vae-te esconder.

Pintainho,
Sola, mingola,
Manda o rei
Que tire fóra.

Jogo do Pintainho

(Pernambuco)

Canivetinho
De Pintainho
Que anda na barra
De vinte e cinco.
De cacho de *fulô*,
De bão, bão, bão,
De bom, bô, bô;
Levanta-te mono,
Que tu sois fôrro.

Jogo da Carreira

(Rio de Janeiro)

— Laranja da China?
« Tabaco em pó.
— Quem é o durão?
« Sou eu só.
— Olha lá que te pégo.
« Não pega, não.
— Ora bate, coyó.

Jogo da Argolinha

(Paraty)

Uma, duas, argolinhas,
Finca o pé na pampolina;
O rapaz que jogo faz?
Faz o jogo do capão.
Conta bem, Manoel João,
Conta bem, que vinte são.
Recolhe este pésinho,
Da conchinha na mão.

Pé de pilão
Pé de pilão,
É de rin-fon-fon,
É de rin-fon-fon.

Jogo dos dedos

(Sergipe e Pernambuco)

Dedo mindinho,
Seu visinho,
Maior de todos,
Fura-bôlos,
Cata-piolhos.

Este diz que está com fome,
Este diz que não tem o quê;
Este diz que vá furtar;
Este diz que não vá lá,
Este diz que Deus dará.

Jogo de Sergipe

A *bença,* madrinha,
Dae-me pão com farinha,
Para dar á minha gallinha
Que está presa na casinha...
Chô! gallinha,
Vae p'ra tua camasinha.

Outro

(De Sergipe)

— Gente! cadê Varisto?
« Foi p'ra róça.
— Gente, fazer na roça?
« Plantar mandioca.
— Gente, p'ra que mandioca?
« P'ra farinha.
— Gente, p'ra que farinha?
« P'ra dinheiro.
— Gente, p'ra que dinheiro?
« P'ra feitiço.
— Gente, no mundo ha d'isto.

Parlendas

(Pernambuco)

Bão-ba-la-lão,
Sinhô capitão,
Na terra do mouro
Morreu seu irmão,
Cozido e assado
No seu caldeirão.

Meio dia,
Panella ao fogo,
Barriga vazia;
Macaco torrado
Que veiu da Bahia,
P'ra dar tapona
Em siá dona Maria.

(Sergipe, Rio de Janeiro e Pernambuco)

Ámanhã é domingo,
Pé de cachimbo;
Gallo monteiro
Pisou na areia;
A areia é fina
Que dá no sino;

O sino é d'ouro
Que dá no bezouro;
O bezouro é de prata
Que dá na mata;
A mata é valente,
Que dá no tenente;
O tenente é mofino,
Que dá no menino;
Menino é valente
Que dá em toda a gente.

Outra

Dinglin, dingues, Maria Pires?
Dinglin, dingues, Estou fazendo papa.
Dinglin, dingues, Para quem?
Dinglin, dingues, Para João Manco.
..... Quem foi que o mancou?
Foi a pedra.
Cadê a pedra?
Está no mato.
Cadê o mato?
O fogo o queimou.
Cadê o fogo?
A agua apagou.
Cadê a agua?
O boi bebeu...
Cadê o boi?
Foi buscar milho.
Para quem?
Para a gallinha.

Cadê a gallinha?
Está pondo.
Cadê o ovo?
O padre o bebeu.
Cadê o padre?
Foi dizer missa.
Cadê a missa?
Já se acabou.

Outra

O gato amarrado
Dá para miar;
A boa champanha
Dá para dansar.

Este é o gato
Que pegou o rato,
Que roeu a roupa
Que estava na corda
Que amarrava a bota;
Bota vinho, bota,
Vira, vira, vira!

Adivinhas

Caixinha de bem querer,
Todos os carapins
Não sabem fazer?

(*O mandubim.*)

Casa caiada
Lagoa agua?

(*O ovo.*)

Garças brancas
Em campos verdes,
Com o bico n'agua
Morrendo á sêde?

(*O navio.*)

NOTAS

Dona Infanta. — Segundo Ampère, no seu li-
rèce, Rome et Dante, (p. 68) pertence este romance
lo das lendas odyssaicas, de que existem os vesti-
populares que entraram na formação dos poemas
ricos; a volta do cruzado é similhante ao regresso
ysses.

z aquelle escriptor: «Se M. Fauriel viu com muita
bilidade nas aventuras de Sire Busquet voltando da
la uma transformação longiqua das aventuras de
s tornando para Ithaca, se reconheceu n'ellas um
que ultimo vestigio das narrativas populares que
am de base á Odysséa, taes como se tinham per-
lo na Provença, desde a entrada dos Phoceenses
o seculo XII, porque se não verá uma vaga remi-
ıcia do regresso de Ulysses na graciosa ballada grega
ada *O reconhecimento?*» Ampère transcreve a bal-
que se encontra mais resumida nos *Chants popu-*

laires de la Grèce moderne, de Fauriel, t. II, p. 423, e em Marcellus. Se as grandes tradições da Edade media se espalharam na Grecia na época da quarta cruzada, como o provam Edelestand Du Méril, na introducção do poema de *Flore et Blanceflor,* p. 106 a 117, e Chassang, na *Histoire du Roman,* p. 438, é preciso ter em vista que as tradições da antiguidade grega nunca foram interrompidas no Occidente. Os romances populares communs á Grecia moderna, Italia, França meridional e peninsula hispanica devem ser considerados como pertencentes a este fundo tradicional, de que o genio grego tirou os poemas homericos, e que continuou a persistir na transmissão oral das novas nacionalidades meridionaes. Citaremos as differentes versões que compõem este cyclo: Italianas, em Bernoni, *Canti populari veneziani,* XIII; Wiedter e Wolf, *Volkslieder aus Venientien,* p. 59; Ferraro, *Canti populari Monferrini,* n.° 37; Francezas: Beaurepaire, *Etudes sur la Poésie populaire en Normandie,* p. 76; Du Puymaigre, *Chants populaires du Pays Messin,* p. 8 e seq.; *Chansons des Provinces de France,* p. 193; Tarbé, *Romancero de Champagne,* t. II, p. 2 e 221; Bretan: Luzel, *Gwerzion breiz-izel,* t. I, p. 197; Hespanholas: Amador de los Rios, versão asturiana, na *Historia critica de la Litteratura española,* t. VII, p. 446; Pelay Briz, *Cansons de la terra,* t. I, p. 197; Milá y Fontanals, *Observaciones sobre la Poesia popular,* p. 119, e no *Romancerillo Catalan,* n.° 202 *La vuelta del marido,* analoga á versão de Marcellus.

Nas Notas do *Romanceiro geral portuguez*, p. 164, os *Cantos populares do Archipelago açoriano*, p. 432, ım-se outras fontes. No *Romanceiro do Archipelago Madeira*, do dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, p. ?, acha-se uma versão desenvolvida. Para completar ıstudo da versão brazileira, importa attender ao elenıto colonial da emigração do Minho, o mais importe depois do das ilhas dos Açores; por isso transcrenos aqui uma versão de Celorico de Basto, que anda a das collecções:

Bella Infanta

— Pinheirinho, pinheirinho,
Pinheirinho tão gentil,
Quantas aves ha no céo
Todas vem fallar a ti,
Nenhuma traz a noticia
D'um amor que já perdi.
.....
« Quanto dereis, vós senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
— Dera ouro, dera prata
Que d'elle ficou em mim.
« Quanto dereis, vós senhora,
A quem aqui vol-o trouxera?
— Dera ouro, dera prata,
Dera tudo que tivera.
« Quanto davas mais, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?

— De trez filhas que eu tenho
Lhe daria a mais gentil.
« As vossas filhas, senhora,
Não me servem para mim.
— Uma tem cabello de ouro,
Outra dentes de marfim,
Outra trabalha na seda,
Cobre-a triste de mim.
« Quanto deras mais, senhora,
A quem vol-o aqui trouxera?
— Dera um cavallo branco
Para elle passear.
« O cavallo branco, senhora,
Eu não o sei passear;
Só queria ter comsigo
Um passatempo real.
— Cale-se lá, ó magano,
Que o não mande partir!
A uma triste viuva
O corpo lhe vem pedir!
« Lembre-se você, senhora,
Quando eu a recebi,
Lá no campo de Sant'Anna,
Testemunhas outo mil?
— Se tu él-o meu marido,
Não me estejas a mortificar,
A vossa filha mais velha
Tem-me feito mil zombar.
« A vossa filha mais velha
Eu a mandarei degolar.

Publicado no *Zeitschrifte fur romanische Philol*
t. III, p. 63, differindo muito das outras fórmas co

cidas. No *Romancero portuguez,* publicado em Leipzic por Victor Eugenio Hardung, t. I, p. 71 a 88, acham-se quasi todas as versões das collecções portuguezas; Du Puymaigre, nos *Vieux chants portugais,* traduziu uma d'estas variantes para francez.

2. **A noiva roubada.** — «Tambem no *Deutsche Sagen,* emquanto Carlos Magno anda em uma expedição contra os pagãos, na Hungria, sua mulher solicitada pelas instancias dos barões promette escolher um esposo. É dentro em tres dias que ella deve declarar a sua escolha; um anjo avisa Carlos Magno d'estas más novas; como vir em tres dias da Hungria a Aix-la-Chapelle? O anjo indica-lhe um cavallo maravilhoso que andará esse caminho em tres dias; chega a Aix no meio das festas do novo casamento; vae-se assentar na cathedral de Aix-la-Chapelle, sobre a cadeira em que deviam ser installados os imperadores, é reconhecido e Hildegarda volta com alegria para o seu marido.» (Saint-Marc Girardin, *Notices politiques et litteraires de l'Allemagne,* p. 122). O mesmo critico, além d'esta traducção allemã colhida por Grimm, aponta uma variante no romance italiano *Spagna historiata,* em que o anjo e o cavallo são substituidos pelo diabo; e accrescenta: «Assim a mesma historia encontra-se tanto ao Meio-dia como ao norte; a imaginação popular muda sómente os detalhes segundo os logares, tomando por pagãos os seus inimigos mais proximos; na Allemanha os Hungaros, no Meio-

dia da França os Serracenos de Hespanha.» (Ib., p. 123). Na traducção franceza das *Lendas allemãs* de Jacob Grimm, por L'Heretier (de l'Ain), t. II, p. 124, vem esta tradição bastante desenvolvida, extrahida de uma chronica em verso; por ella se vê que se liga ao mesmo cyclo do romance da *Bella Infanta*.

Da Ilha de Sam Miguel recebemos uma outra versão, que aqui reproduzimos, como exemplo da fórma da dissolução em um conto em prosa:

« Havia um rapaz chamado Antonio, que estava para se casar e tinha um cavallo branco. Depois embarcou e deixou a noiva e o cavallo em casa de umas tias, para casar quando viesse. Veiu e achou as tias sentadas a fiar, e disse:

Deus esteja com minhas tias
Sentadinhas a fiar.
« Deus esteja com meu sobrinho,
Se nos vem a visitar.
— Que é do meu cavallo branco,
Que eu aqui deixei ficar?
« O vosso cavallo branco
Foi para a guerra pelejar.
— Aonde está a minha noiva,
Que aqui deixei ficar?
« Vossa noiva está nas bodas,
E ámanhã vae casar.

Elle então disse que ia a casa dos noivos; e as tias lhe disseram:

« Ó Antonio! não vás lá,
Que hãode-te querer matar.
— Por ir a casa dos noivos
Não me hãode querer matar,
Que na terra aonde estive
Aprendi a pelejar.

E elle sempre foi; chegou ás portas, estavam os noivos a jantar, e entrou. Quizeram arrastar cadeiras, mas elle lhe disse:

— Não se arrastem as cadeiras
Que não me quero sentar;
Com licença dos padrinhos
Á noiva quero fallar.

Os padrinhos deram licença e elle fallou; e ella disse em voz alta isto:

— « Fique o dito por não dito,
Já não me quero casar;
Os meus primeiros amores
É que eu não posso deixar.

foi casar com o Antonio.»

Além das fontes citadas no *Romanceiro geral portuguez*, nota 7, e *Cantos do Archipelago açoriano*, nota p. 406, acha-se no *Romancerillo catalan*, de D. Manuel Milá y Fontanals, sob o n.° 244 o romance *La boda interrompida* com variantes fundamentaes que a proximam da tradição germanica.

Na *Revista brazileira*, t. I, p. 557, vem uma variante de Paraty, com este final:

« Devia ser enforcado
Quem me queria enganar;
Dizendo que tu morreras
Lá na guerra a batalhar.
Mas perdôa-me meu querido,
O mal que assim eu lhe fiz,
Que n'esta terra, por Deus,
Inda deve haver juiz.

3. Bernal francez. — D'este romance apparecem versões em todos os povos meridionaes. No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.° 227 acha-se sob o titulo *La condessa muerta*, e n.° 255, *La mujer perversa*. Em Palay Briz, *Cansons de la Terra*, t. II, p. 81, vem sob o titulo *La mala mujer*. Na *Romania*, de 1877, pag. 69, Milá y Fontanals publicou uma versão gallega de um romance cujo final é como o de *Bernal francez*. Nos *Chants populaires recueillis dans le Pays Messin*, por Du Puymaigre, n.° XXVII, vem este romance com o titulo *L'Amant barbare*. Transcrevemol-o, pela importancia que tem para a unidade da poesia dos povos occidentaes:

« J'entends quelqu'un à ma porte,
Qui m'empèche de dormir.
— C'est votre amant, ô ma belle,
Qui vous empèche de dormir.

La belle met sa robe blanche
Et la porte s'en va l'ouvrir.
Il la prit par sa main blanche,
Le petit doigt il lui coupa.

« Tu as envie de me faire,
Faux traître, de me faire mourir.
— Tu en verras bien de l'autre,
Avant que je sorte d'ici.

Il tira son épée claire,
Et son cœur il lui perça;
Il la porta sur un arbre
Qui n'avait jamais fleuri.
Il prit le cœur de la belle,
Sur un plat d'argent l'a mis;
Il le porte à sa mère
Entre Rouen et Paris.

D'aqui em diante o romance toma outra direcção; u Puymaigre cita em nota um canto allemão colligido m Coume, em que ha a situação do assassinato da mu- ıer, mas desapparece o motivo, por onde se não sabe ɜ é o amante ou o marido que se vinga. O nosso ami- o Reis Damaso publicou na *Encyclopedia republicana*, . 155, uma versão da Lagoa (Algarve) que importa ɔlleccionar:

Bernal francez

« Oilá, oilá, oilá,
Oilá, quem está ahi?
— É Bernal francez, senhora.
« A porta *vos* vou abrir.

Vindo *então* a senhora
Pelos ladrilhos descalça:
« Apagaste o meu candim
Pelo canudo de prata.
— Que me importa a mim, senhora,
Se a luz dos seus olhos basta?

.....

Levou-o para o seu jardim,
Lavou-o de mãos e pés
Em aguas de alecrim.
Fez-lhe uma cama de rosas,
Deitou-o em par de si.
Era meia noite em ponto,
Elle sem se virar para si.
« Que tens, Bernal Francez,
Que não te viras para mim?
Se tens medo de meus filhos
Elles estão dormindo;
Se tens medo de meus criados
Elles estão por ahi;
Se tens medo de meu marido
Longes terras está de mim,
Os mouros o cativem lá,
E más novas me venham aqui.
— Não tenho medo de seus filhos
Que elles filhos são de mim;
Não tenho medo de seus criados
Que elles criados são de mim.
Não tenho medo de seu marido
Que aqui o tem em par de si.
« Matae-me, senhor, matae-me,
Que isto foi sonho que eu sonhei!

— Que te mate Deus do céo
Que para isso te creou;
Mas deixa vir a manhã
Que eu te darei de vestir,
Bom sapato, boa meia,
Gregantilha colorada
E saia de carmezim.

Manhã que era chegada,
Elle que a degollava.
Montado no seu cavallo
A toda a brida partiu;
Indo mais para diante
Um lanceiro que encontrava:

— Adonde vás, ó lanceiro,
Que vás tão cuidoso em ti?
« — Vou vêr a minha amada
Que ha muito que a não vejo.
— Tua amada já é morta,
E morta que eu a matei;
Se para isso viera preparado
O mesmo te dera a ti.
« — Anda, anda, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim.

Indo lá mais adiante
Um alvisão que encontrava;
Elle teve tanto medo,
Que fez modos de fugir:

« Não fujas, Bernal Francez,
Não fujas tu já de mim!

Olhos com que te olhava
Já de nevoa os cobri;
Bocca com que te beijava
Já de terra a cobri;
Braços com que te abraçava
Já não tenho força em si.
A mulher com que casares
Que se chame Anna como a mim,
Para quando chamares por ella
Te alembrares de mim.

4. Dom Duarte e Donzilla. — Este cyclo de uma donzella que morre de amores por ter encontrado o seu amante casado, é extensissimo e commum ao occidente da Europa. Du Puymaigre, na sua traducção *Vieux chants portugais,* traz um grande numero de fontes similares, que importa consignar. Acha-se na *Primavera y flor de Romances,* tom. II, p. 48, com o titulo *O conde Sol.* — Nas Asturias esta peripecia passa-se com Gerinaldo. (*Iahrbuch,* de 1861). Ha tambem uma situação analoga em Bujeaud, *Chants populaires des Provinces de l'Ouest,* tom. I, p. 293. Niort, 1866. Outra versão na *Revue de la Franche-Comté,* novembro de 1863. Ha versões italianas em as collecções de Nigra, *Canzoni populari del Piemonte,* fasc. II, p. 186; e Ferraro, *Canti popolari Monferrini,* n.° 42. Roma, 1870.

Depois de todas as versões apresentadas nas collecções portuguezas, aqui reproduzimos duas da tradição oral da Ilha de S. Miguel (Archipelago dos Açores). Apre-

phenomeno notavel da assimilação do romance *ntina* com o da *Donzella que morre de amores*, portante para o problema tão complexo da ela- poetica popular:

O caçador

(Versão da Ilha de S. Miguel)

Caçador que fôra á caça
Á terra do sol subia;
Anoiteceu-lhe n'uma terra
Onde gente não havia;
Chegou-se a um arvoredo,
Dos mais altos que lá havia,
Lançou seus olhos acima
Avistou uma donzilla,
Penteando seus cabellos
Que o arvoredo cobria.

— Que fazeis aqui menina?
Que fazeis aqui donzilla?
Penteando esses cabellos
Que o arvoredo cobria?
« Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Que viesse para aqui
Estar sete annos e um dia.
Sete annos são acabados,
Por noite se acaba o dia;
Levai-me, senhor, levai-me
Por Deus, ou por cortezia,

Nas ancas do seu cavallo,
Que na sella não cabia.

Cavalleiro se safava,
Donzella deixar queria:

— De quem sois vós, menina,
De quem sois vós, donzilla?
« Sou filha de uma mulata
Da maior mulataria;
Quem em mim puzer as mãos
Mulato se tornaria;
Cavallo em que montasse
Logo arrebentaria,
Terra por onde eu passasse
Mais novidade não daria,
Fonte por onde eu bebesse
Ella logo se seccaria.

Indo mais para diante
A donzella se surria.

— De que vos rides, menina,
De que vos rides, donzilla?
« Rio-me do cavalleiro,
E da sua cobardia,
Que achara Anninhas na serra
E guardara tal cortezia.
— Atraz, atraz, meu cavallo,
Que minha espora é perdida;
Pois ella era de prata,
Que me ficou á partida.
« Adiante, cavalleiro,

Vá seguindo a sua guia,
Que se a espora era de prata,
De ouro meu pai lh'a daria.
No thesouro de meu pai
Muito mais ouro haveria;
Sou filha d'el-rei de França,
Neta d'el-rei de Castilha!
Levai-me a cas' de meu pai,
Que elle me acceitaria;
Se tiver de tomar amores
A vós não engeitaria.

*

Ao cabo de sete annos
Donzilha casar queria.
Sahiu de casa a princeza
Caçador a procurar,
Á sua propria mulher
Vai por elle perguntar:

« Não pergunto por igrejas,
Nem por contas de rezar,
Pergunto por cavalleiro
De mil terras natural?
— Cavalleiro não está aqui,
Foi para a caça caçar;
Se vindes com muita pressa
Eu o mando já chamar,
Ou pela minha Therezinha
Ou pela minha Guiomar.
« Deixai estar as vossas filhas
Cada uma em seu logar,

Que a pressa não é muita.
Eu bem posso esperar.

Palavras não eram ditas
Cavalleiro a chegar:

— Deus esteja com duas damas
Cada uma em seu logar!
« Deus venha com o cavalleiro
Que tão bem soube fallar.
Olha bem se te alembras
Quando me querias amar?
— Agora tenho mulher,
E filhos de sustentar.
« Se tendes mulher bonita
Deus vol-a deixe lograr;
Se tendes filhos pequenos
Deus vol-os deixe crear.

Palavras não eram ditas
Donzella desmaiará.

— Dai-me licença, senhora,
Que um beijinho lhe vá dar!
Para vêr esta donzella
Se ella a si se quer tornar?
— Dê-lhe um, dê dous,
Até tres, não lhe dê mais.
— Dai-me licença, senhora,
Que um abraço lhe vá dar,
Para vêr esta donzilha
Se a si se quer tornar?
« Dê-lhe de um até dous,

Até tres, não lhe dê mais.
— Dai-me licença, senhora,
Que na cama a vá botar,
Para vêr esta donzella
Se a si se quer tornar.
« A licença que vos dou
É que a mandeis queimar,
Em dez carradas de lenha,
E eu para as atiçar.

O conde com grande dôr
Alli se deixou finar.

*

Lá vão os dous do amor,
Já lá vão a enterrar;
Um se enterra na capella,
E outro detraz do altar.
Á beira da sepultura
Nasceram dous pinheiraes;
A condessa com inveja
Logo os mandou cortar
Para fazer um cadeirado
Para n'elle se assentar.
Um corria sangue e leite,
E o outro sangue real;
E elles como eram santos
Tornaram a arrebentar;
Folhas que d'elles cahiam
No chão estavam a brincar,
Que eram os filhos que teriam
Se chegassem a casar.

Um cresceu, e outro cresceu
No céo foram-se abraçar [1].

O episodio das duas arvores nascidas na sepultura dos amantes deriva de um elemento mythico universal. Na *Uranographia chineza*, p. 679, vem uma lenda que versa sobre este episodio; transcrevemol-a do extracto de Gubernatis:

« Conta-se que *Hanpang*, secretario do rei Kang, da época dos Sungs, tinha uma mulher joven e bella, chamada Ho, que elle amava extremosamente. O rei, desejando esta mulher, mandou prender-lhe o marido, que se matou na prisão. A esposa, para escapar á teimosia odiosa do rei, precipitou-se do alto de um terraço. (Lenda portugueza da moura *Saluquia*). Depois da sua morte achou-se-lhe na cintura uma carta ao rei pedindo-lhe para ser enterrada na sepultura de seu marido. O rei, irritado, deu ordem para que a enterrassem em separado. A vontade do céo não tardou a revelar-se. De noite dous cedros nasceram sobre as duas sepulturas; e em dez dias tinham-se tornado tão altos e tão poderosos, que entrelaçaram os seus ramos e raizes, embora distantes. O povo chamou-lhes: os Cedros do amor fiel ». (*Myth. des Plantes*, tom. II, p. 54). No conto egypcio

[1] N'este romance do *Caçador* ha o syncretismo de tres romances independentes, como se póde verificar pela tradição da Ilha de S. Jorge.

dos *Dous irmãos,* a mulher de Batu, casada com o pharaó, pede-lhe que mande cortar as duas grandes perséas (arvore da vida, no Egypto). Aqui é uma mulher diosa e ruim; n'outros romances portuguezes é o pae da princeza que manda cortar as arvores nascidas na sepultura. Nos *Chants historiques de l'Ukraine,* traducção de Chodzko, é uma rosa que nasce na sepultura do mancebo: «Esta rosa é a alma do mancebo morto de amor pela donzella.» Em um canto popular da Normandia, colligido por Beaurepaire, acha-se este mesmo episodio:

Sur la tombe du garçon
On y mit une épine,
Sur la tombe de la belle
On y mit une olive.
L'épine crut si haut
Qu'elle embrassa l'olive,
Ou on tira du bois
Pour batir des eglises.

Sobre o mytho das arvores cortadas que deitam *sangue* ou *ambrosia,* (leite) vide Gubernatis, *Mythologie des Plantes,* tom. I, p. 284.

O romance dos dous amantes, de cuja sepultura nascem arvores que confundem no ár os seus ramos, acha-se tambem no Afghanistan; é a historia dos amores entre Andam e Durkhannêa; aqui em vez de ser o pai é o marido que interrompe esses amores. (*Rev. des Deux Mondes,* 1863, novembro, p. 232.)

5. **D. Maria e Dom Arico.** — Em todas as collecções portuguezas, continentaes e insulares, é este o romance de *Dom Aleixo*, assassinado por causa dos seus amores por uma traição. Transcrevemos em seguida uma versão inedita do Algarve, colligida em 1871, que serve para tornar mais intelligivel a lição brazileira, já bastante deturpada:

Dom Aleixo

(Versão de Lagos)

Namorou-se Dom Aleixo
Com Dona *Isabel Maria;*
De dia ronda-lhe a porta,
De noite lhe fallaria.

— D'onde vaes, ó Dom Aleixo?
« Vou á de Dona Maria.
— Volta p'ra traz, Dom Aleixo,
Não sigas tua romaria,
Que lá estão sete ladrões
Para te tirar a vida.
« Outros sete que elles fossem
Eu atraz não voltaria,
Com punhal de ouro que eu tenho
Com elle me defenderia.

Chegado lá mais adiante
As pedradas que zuniam:

« Ó ladrão d'essas pedradas,
Isso não é valentia;

Puxemos pelas espadas,
Briguemos á fidalguia.
Áquelle que não na tiver
Eu a minha lhe emprestaria,
Com punhal de ouro que eu tenho
Com elle me defenderia.

Lembraram-se de uma pistola
Que na algibeira traziam;
Já o sangue era tanto
Que pela calhe corria;
Quem havia de accudir aos gritos?
Dona Isabel Maria.

« Não me enterres na egreja,
Nem no adro, que é sagrado;
Enterra-me áquella esquina,
Onde eu fui tão namorado,
Para quem passar, que diga:
— Olha um triste desgraçado
Que nem morreu de velho,
Nem tão pouco mal logrado;
Que morreu do mal de amores
Que é um mal desesperado.

6. **Dom Alberto.**— Pertence este romance ao cyclo *Conde Alarcos,* profundamente tragico. A versão brara está deturpadissima e incompleta. Para que se ieça melhor o poema, transcrevemos aqui uma verinedita da Ilha de S. Miguel, que nos foi communi-i pelo Dr. Ernesto do Canto. Se alguma realidade orica existe n'este romance é o das relações de Ju-

lia, filha do Imperador Augusto, com alguns dos seus maridos, descasados para satisfazerem o seu capricho. A tradição passaria na epoca byzantina para a sociedade feudal, que lhe deu o colorido proprio d'estes rudimentos de epopêa.

Este romance encontra-se na tradição popular da Galliza, com o nome de *Conde Algalia,* publicado por Milá y Fontanals, na *Romania,* VI anno, p. 68, em 1877. O mesmo auctor nas *Observaciones sobre la Poesia popular,* (Barcelona, 1853) traz este romance na versão catalã, com o titulo *Conde Floris,* com que tambem apparece em Palay Briz, *Cansons de la Terra,* t. III, p. 31.

Eis a versão portugueza inedita:

O Conde de Alado (Alarcos)

(Versão da Ilha de S. Miguel)

« Trez filhas que meu pae teve
A todas creou sem mãe;
Duas estão casadas,
Só eu não tive ninguem.
— N'esta terra, minha filha,
Eu não tenho quem te sirva,
Só o Conde de Alado
Com sua mulher e filhos.
« Mande-o meu pae chamar
Para jantar cá um dia,
E no meio do jantar
Tocae-lhe em cousas minhas.

— Não sabes tu, Conde, a que
Te mandei chamar aqui?
É p'ra matar tua mulher,
E casar com minha filha.
= Como posso eu matal-a,
Se eu matal-a não podia?
Mando-a p'ra casa dos paes,
Seus filhos a sustentariam.
— Se tu, Conde, não a matas,
Eu a ti te mataria.
= Como posso eu matal-a,
Se eu matal-a não podia?
Mando-a deitar ao mar,
Os peixes a comeriam.
— Se tu não a matas, Conde,
Eu a ti te mataria.
— Como posso eu matal-a
Se eu matal-a não podia?
Mando-a deitar no mato,
Os bichos a comeriam.
Mando dobrar os sinos,
Finjo que ella falleceria.
— Acaba, Conde, d'aí,
Com esta grande porfia,
E traz a sua cabeça
N'esta formosa bacia.

Montou o Conde a cavallo
Sem saber o que fazia,
Cada suspiro que dava
Seu cavallo abalaria,
Cada soluço que dava
Seu cavallo arrasaria.

*

— « Conde Alado, Conde Alado,
Conde Alado, alma minha!
Conta-me as tuas tristezas
Como contas alegrias!
Se te morreu pae ou mãe
Eu o saber quereria.
= Não me morreu pae, nem mãe
Nem donzella que teria,
Morreu-me a melhor prenda
Que eu na minha casa tinha.
Vamos, vamos para a mesa
Que eu lá te contaria!

Conde Alado estava á mesa,
Conde Alado não dizia.
— « Conde Alado, Conde Alado,
Conde Alado, alma minha!
Se te morreu pae ou mãe
Eu saber o quereria;
Tenho janellas douradas
De lucto as forraria;
Tenho vestidos de seda
De lucto os cobriria.
= O rei me disse, senhora,
Que acabasse com a porfia,
Levasse a tua cabeça
N'esta maldita bacia!
— « Conde Alado, Conde Alado,
Tu, tu não me matarias?
Manda-me para cas' de meus paes,
Meus filhos me sustentariam.
= Assim lhe disse eu, senhora,
Elle disse-me que não queria!

E que acabasse depressa
Com escusada porfia.
— « Traz-me cá Dona Anninhas,
Quero-lhe dar de mamar
Este leite de amargura,
Este leite de pezar.
« — Dona Anninhas 'stá dormindo,
Tu não queres acordar.
— « Dá-me cá um copo d'agua
Que me quero consolar!
Da-me uma toalha
Que me quero embrulhar,
Não quero que vejas esta
Cara que has de matar.
Dae-me licença, senhor,
Que reze uma ave-maria.
— Se n'ella pedes a morte
Do rei mais da sua filha,
Pede tambem por mim,
Que a vida não queria.

Batem, que batem á porta
Era em pino do meio dia!
Vem dizer — Morreu o Rei!
A Infanta não dura um dia,
Seja o Conde Alado, rei!
Condessa a nossa rainha.
Apartar os bens casados
Era o que Deus não podia.

3, 9. **Dom Carlos de Montealvar; Dona Branca.** te romance acha-se uma referencia na *Arte de*

Galanteria de Dom Francisco de Portugal: « por que e genero de peninentes pretendem por lo de :

Conde Clares com amores
No podia reposar,

y parece que en ellos se hallará aquella tão pura fr dad de servir por servir, penar por penar.» (Op. (p. 122.) No *Zeitschrifte fur romanische Philologie,* \ duas versões de Celorico de Basto e de Penafiel, colleccionadas:

D. Carlos de Montealvar

(Celorico de Basto)

Estando *a* Clara-linda
Com o Conde a conversar,
O preto, criado do rei,
Muito bem posto a espreitar:

— Deus te salve, Francisquinho,
Ou Deus te queira salvar,
Se o viste ou não viste
Ao rei não vás contar.
« Se eu o vi ou não vi
Ao rei o não vou dizer ;
Diga-me, ó minha senhora,
Quanto me hade prometter?
— Dar-te-hei ouro, dar-te-hei prata,
Quanta tu possas contar,
Dar-te-hei o meu cavallinho
Para n'elle passear.

« Nem quero ouro nem prata
Pela não saber contar;
Nem quero o seu cavallinho
Que eu não sei passear;
Só queria uma noite
A senhora a meu mandar.
— Atrevido, confiado,
No que havia de fallar,
Diante d'este senhor,
Estando eu a conversar!

« Abaixe lá essa corôa
Ou não queira abaixar,
Infanta Clara-linda
Amores fica a tomar.
— « Se m'o dissesses occulto
Premio te havia de dar;
Disseste-m'o a publico
Vou-te já mandar matar.
Infanta Clara-linda
Essa vae a degolar.

Estava a filha d'oratorio,
Passou o preto a enforcar:

— Não vaes por nenhum ladrão,
Nem por nenhum malfeitor,
Tu vaes por publicar
As filhas ao teu senhor.
.....
Quem me dera um paquete
Depressa, não devagar,
Que me levasse uma carta
Ao Conde de Montealvar.

= Deita cá, ó mana minha,
Que eu t'a lá heide levar,
Jornada que foi de um dia,
Faço-a até ao jantar.
— Viva o conde d'esta casa,
Tristes noticias lhe trago.
« — Se são boas venha dentro,
Venha dentro ao jantar.
— Nem são boas que lhe eu dê,
Bem me peza de lh'as dar,
Infanta Clara-linda
Lá fica p'ra degolar.
« — Toma moço, toma moço,
Vai, ferra-me este cavallo,
Com ferradurinhas de ouro,
Ás avéssas hãode andar.
Alarga-lhe a contracilha,
E estreita-lh'a ao peitoral;
Se a menina a enforcar foi,
Ao caminho heide ir esperar.

O conde se vestiu de frade
E se apresentou no arraial,
E disse:
— Páre lá essa gente,
Essa justiça moiral,
Que uma menina tão linda
Não hade ir por confessar.

E o pai lhe disse:
= S'ella é tua, Deus t'a dê,
Ou me la queres tirar?

— Eu sou um frade de missa
Que venho para a confessar.
= Pegue-lhe pela mão direita,
Leve-a para o laranjal.
— O rabo da ramasquilha
Meu pai n'o hade aventar.

— Venha cá, minha menina,
Faça confissão geral.
Diga-me, ó minha menina,
Quantas vezes tem peccado?
« Uma foi no Sam João,
Outra na Paschoa das Flores,
Outra foi nos meus principios
Quando tinha meus amores.
— Diga-me, ó minha menina,
Quem são os seus amores?
— Não tenho outros amores
Senão o conde de Alvar;
Desgraçada foi a hora
Quando eu os fui tomar.
— Deite-me cá um beijinho
D'essa bocca de flores.
« Atrevido, confiado,
No que havia de fallar!
Bocca que Dom Carlos beija
Não é para frade beijar.
— Deite-me cá um beijinho
Não tenha que arrecear,
Que eu sou o mesmo Dom Carlos
Que venho para a levar.
« Mas o rabo da ramasquilha
Meu pai o está a aventar.

— Eu trago tesourinhas
Que mui bem sabem cortar.

Elle era estrujeitante; deitou uma pouca de terra ao ar, fez um nevoeiro e fugiu com ella.»

No *Romancerillo catalan*, de Milá y Fontanals, n.º 258, acha-se sob o titulo *La infanta seducida*.

10. O casamento mallogrado. — Refere-se evidentemente ao facto historico da morte do principe Dom Affonso, filho unico e herdeiro de D. João II, quando andava correndo o aléo no areial de Santarem. Nunca encontrámos este romance na tradição continental; é frequente nas ilhas dos Açores, e acha-se tambem colligido no *Romanceiro do Archipelago da Madeira* do Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo. Por isto se póde inferir que foi levado para o Brazil pela emigração insulana. O sentido historico acha-se ali totalmente perdido, e tanto que vinha confundido com o romance de aventuras *Dona Branca*. Para a comprehensão d'este romance historico aqui reunimos uma versão achada por M. Gaston Paris em um velho manuscripto, digna de fixar-se nas collecções portuguezas:

Endeixa á morte do principe D. Affonso

Ay, ay, ay, ay! que fuertes penas!
Ay, ay, ay, ay! que fuerte mal!

Hablando estava la Reyna
En su palacio real,

Con la infante de Castilla
Princeza de Portugal.

Ay, ay...

Ali vino un caballero
Con grandes lloros llorar:
« Nuevas os traigo, señoras,
Dolorosas de contar.

Ay, ay...

« Ay ! no son de reino extraño,
De aqui son, de Portugal ;
Vuestro princepe, señora,
Vuestro princepe real...

Ay, ay...

« Es caido de un caballo
Y l'alma quiere a Dios dar;
Si lo quereis de ver vivo
No quered vos tardar.

Ay, ay...

Ali estava el Rey su padre
Que quiere desesperar ;
Lloran todas las mugeres
Casadas y por casar.

Ay, ay...

Extrahido do Ms. n.° 12:744 (fl. IIII, XX, XV, *v*) da liotheca nacional de Paris, e publicado por Mr. Gaston

Paris na *Romania*, t. I, pag. 373. É a mais antiga dexa da tradição popular ácerca do desastre do unico e herdeiro de D. João II.

Endexa do casamento mallogrado

(Ilha de S. Jorge)

Casada de oito dias
Á janella foi chegar,
Vira vir um cavalleiro
Com um lencinho a abanar:

— Novas vos trago, senhora,
Mui custosas de vos dar;
Vosso marido é morto
Na praia do areial;
Caiu do cavallo abaixo
Andando a passear,
Rebentou-lhe o fel no corpo
Está em risco de escapar.
Se vós o quereis vêr, senhora,
Tratai já de caminhar.

Vestiu vestido preto
Por mais vagar lhe não dar;
Tres criadas atraz d'ella
Sem a poder alcançar.
O pranto que ella fazia
Pedras faziam chorar!
Chegou á praia do areal,
Seu marido vira gritar:

— Calae, condessa, calae-vos,
Não me dobreis o meu mal,
Que o vêr vosso desamparo
A minha alma faz penar.
Ide-vos para Castella
Onde tendes padre e madre;
Que sondes menina nova,
Que vos tornem a casar.
« Esse conselho, marido,
Eu não n'o quero tomar;
Heide-me ir para a minha casa,
Hei-me sentar a rezar;
Morte que levaes o conde
Condessa vinde buscar.

ıblicamol-a na *Historia do Theatro portuguez*, t. I, , por não ter podido entrar na collecção dos *Can-ıpulares do Archipelago açoriano*, onde aliás ha duas versões communicadas pelo Dr. João Teixeira ɜ. As relações com o manuscripto de Paris são do alto interesse.

l e 12. **A Náo Catherinetta.** — Na *Theoria da ·ia da Litteratura Portugueza*, terceira edição, es-mos: « No romance tradicional portuguez da *Náo ·inetta*, que não se encontra na poesia hespanho-ıparece-nos o costume da anthropophagia; a náo perdida na volta do mar, e a sorte é que designa hade ser devorado pelos seus companheiros. Ha

aqui a grandeza sublime das cantilenas germanicas, que os successos da navegação da India não fizeram senão avivar na memoria do povo. Na *Vida de Agricola*, Tacito, descrevendo a pirataria dos Usipienses, que devastavam a Bretanha (no romance diz-se: *Já vejo costas de França*) allude á anthropophagia no mar: = Algumas vezes repellidos, foram reduzidos pela fome a comerem primeiramente os fracos de entre elles, depois aquelles *a quem cabia a sorte*. Depois de terem assim circumdado a Bretanha, perderam os seus navios por não os saberem governar, e foram tomados pelos piratas, e cahiram successivamente nas mãos dos suevos e dos frisios. = (Cap. XXVIII). No norte de Portugal em que preponderou, sobretudo na Galliza, o ramo suevico, é frequente o romance da *Ndo Catherinetta* ». (p. 42). Muitos factos d'esta ordem nos provam que os romances heroicos não são *nacionaes* portuguezes, nem tão pouco recebidos da Hespanha, que em muitos cyclos nos é inferior, mas sim pertencentes a essa unidade ethnica occidental, entrevista por Nigra e Wolf emquanto á similaridade dos romances nos povos do Meio-dia da Europa. Confirmando este principio, apresentamos os elementos comparativos por onde se apreciará melhor a universalidade d'esta tradição, ampliando os factos já accumulados por Du Puymaigre nos *Vieux chants portuguais*:

1. No *Intermédiaire*, tom. XII, p. 183, cita-se um canto bretão, analogo ao da *Ndo Catherinetta*.

2. No *Gwerzion-breiz-izel*, tom. II, p. 183: a can-

ção *Les Matelots*, immensamente parecida com a nossa. Eil-a segundo Du Puymaigre, no *Choix de vieux chants portugais*, pag. 174:

« Escutae todos e vós ouvireis — um gwerz novamente composto — feito sobre um rancho de marinheiros — que se embarcaram sobre o mar profundo.

« Vinte sete annos elles estiveram — sobre o mar profundo embarcados — e o ultimo anno dos vinte e sete — a comida lhes faltara.

« E ao faltar-lhes a comida — pensaram em comer um d'elles...

« E quando botaram sortes (*tiré à la courte paille*) — foi no capitão que cahiu a sorte. — Senhor Deus, será possivel — que os meus marinheiros me comam!

« Gageiro, meu pequeno gageiro — tu que és diligente e ligeiro — sobe áquelle mastro grande — para saber onde é que estamos.

« Elle subiu cantando — e chorando é que descera; — subiu ao alto do mastro — não avistou nenhuma terra.

« Sobe ainda ao mastro grande — para saber onde é que estamos — será pela ultima vez.

« Elle subiu outra vez chorando — mas depois desceu cantando. — Parece-me que chegamos a terra — eu vi a torre de Babylonia... » Etc.

3. Damase Arbaud, *Chants populaires de la Provence*, Aix, 1862. No tom. I, p. 127, traz o romance de um navio que andou sete annos no mar, partindo de

Marselha para Portugal, e termina com a mesma situação do gageiro; intitula-se *Lou Moussi:*

Quand lou moussi n'es sur poumo
Lou moussi s'es mes a cantar.
— Ah ! da que cantes, vaillant moussi,
Veres tu quanque port de mar ?
— Vese Toulon, vese Marselho,
Nuestre Damo de la Cioutat,
Vese tres jouinos demeiselos
Que promenonn long de la mar...

4. Rathery, ap. *Moniteur* de 15 de junho de 1853 traz duas versões bretãs, uma de Bordeaux, outra d valle d'Ossau.

5. Smith, na *Revue des Langues romanes* (nov. dez., 1879, p. 248,) a complainte da *Court pailles,* an loga ao romance portuguez.

6. Pelay Briz, *Cansons de la terra, cants popul res catalans.* Barcelona, 1866-1877. No tom. VI, p. 3 e 33, vem dous romances que pertencem a este cycl

7. Du Puymaigre, *Choix des vieux chants port gais,* pag. 177, traz uma canção franceza preciosa:

Il était un petit navire,
Qui n'avait jamais navigué ;
Quant il partit pour l'Amerique,
Il portait vingt-cinq passagers.
Au bout de cinq à six semaines,
Les vivres vinrent à manquer.

Il fallut donc tirer au sort,
Pour savoir qui sera mangé.
Le plus jeune met la main dans l'urne,
Ç'est lui qu' le sort a designé :
— O sainte Vierge, ô ma patronne,
Ç'est donc moi qui serai mangé !
Il court, il grimpe à la grand'hune,
Il voit la terre, il est sauvé.

Si cette chanson vous embête,
Nons allons la recommencer.

No *Romancerillo catalan,* publicado por Milá y Fonls, sob o n.° 215 vem este romance, digno de com-r-se com a versão brazileira :

El grumette

Set bastiments partiren de Marsella
Per aná á la ciutat d'Oran,
Set anys han anat en borrasca
Els mantiments van faltant.
El patró de la galera
Pallas curtas 'nhi va tirant,
Tot tirant 'nhi las pallas curtas
La mas curta le 'n pertocá.

« Qui será 'l galardo mosso
Que la vida m' en salvara ?
Li'n daré una de mas fillas,
Y un bastiment sobredaurat.

— Yo seré lo gallardo mosso
Que la vida ll' vull salvá.
« Qui 'm vulga salvá la vida
Cubert' amunt ha de pujá.

Quant est al mitx de l'arbre mestre
El gallardo 's posa á plorá:

— Yo no veig sino sol y aygua
Y las onas de la mar.
« Puja, puja, gallardo mosso,
Molt mes amunt has de pujá.

Quant es al cim del arbre mestre
El gallardo 's posa a cantá:

— Veig els turons de Marsella,
Y las mantanyas blanquejá,
Y també una capelleta
Tota vestideta del mar.
« Si podem eixi d'aquesta
L'anirem á visitá,
Li farem un sant retaule
Y un altá sobredaurat.
Quant los marinés hi passarian
L'ancian á visitá.

Se o romance da *Bella Infanta* e da *Noiva ro* são rhapsodias soltas do cyclo homerico conserva tradição occidental, e trazidas pelos navegado nios, que, segundo Ernest Curtius, andaram cor dos com os Phenicios, o romance da *Ndo Cathe*

ɔnce evidentemente ao grupo das lendas odyssai-

13. **Iria a Fidalga.** — É uma das lendas agiolo- ı mais queridas do nosso povo; n'ella subsiste, já sem ser comprehendido, o direito consuetudina- le certos burgos, de não admittirem cavalleiros den- los seus muros. Acha-se tambem na tradição galle- ɔ o snr. Milá y Fontanals, publicou no tom. VI da *ania,* p. 52, uma versão importante n'esta lingua. Manuel Murguia, na sua *Historia de Galicia,* t. I, 79 (Lugo, 1865) colligiu a seguinte versão que aqui adamos:

Romance de Santa Irena

Estando cosendo
Na miña almoada,
Miña agulla d'ouro,
Meu dedal de plata,
Miña tixeiriña
De folla de lata;
Pasa un caballero
Pideme pousada;
Meu pai era vello
Non me dixo nada.
.....
De tres irmãs qu'éramos
A mim me levou,
No medio do monte
El me preguntou:

— Que nome me puxo
Quen me bautizou?
.....
« Ay! na miña terra
Irena me chaman,
Agora na casa
Triste e malfadada.
.....
Sacou ó punal
E ali á matou,
Cuberta de toxos
Ali á deixou;
D'ali á sete ános
Por ali pasou:
.....
— Pastorciños novos
Qu' andades co' gaudo,
Qu' imazen é aquela
Qu' está nese adro?
« Esa é Santa Irena
Qu' o traidor matou,
Cuberta de toxos
Ali á deixou.
— Minha Santa Irena
Meu amor primeiro,
Dádme saude
No brazo direito!
« Como ch'á ei dar
Tirano e traidor,
Si tu me mátaches
Sin pena e sin dor?

Transcreveremos em seguida uma outra

da de Santa Iria, de Celorico de Basto, publicada na *tschrift fur romanische Philologie:*

Santa Iria

.....
Veiu um cavalleiro e pediu pousada
Meu pae era velho, e disse que lh'a dava.
De tres que nós eramos só em mim pegou;
Para o monte Espinhal, para lá me levou.
Lá mesmo no monte lá me perguntou:

—Tu na tua terra como és chamada?
« Eu na minha terra, Iria a fidalga,
Pela terra alheia, triste, malfadada.

Puxou um alfange, lá me degolou;
Coberta de feto no monte me deixou.
D'ahi a sete annos por lá passou:

—Pastores de gado, que gado guardaes,
Que santa é essa que vós adoraes?
— « É Santa Iria que traidor matou;
Coberta de flores no monte a deixou.
— Iria, Iria, meu amor primeiro,
Dá-me saude no braço direito,
Que eu te jejuarei sete annos a eito.
« Não darei nem nada, cruel carniceiro,
Que o meu pescoço fizeste talheiro.

São notaveis as relações que existem entre a versão

gallega e a do alto Minho, como uma transição natural para as variantes portuguezas do *Romanceiro geral*, n.os 45, 46 e 47, e dos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, n.º 71. No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, do dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, vem duas variantes preciosas, uma com o nome de *Santa Irena*, (p. 17) como a designação gallega, e outra (p. 19) já tendendo á dissolução em prosa. No *Romanceiro do Algarve*, de Estacio da Veiga, p. 181, o romance de Santa Iria apresenta a singular transformação do metro de redondilha menor, ou de cinco syllabas, para redondilha maior, ou de sete syllabas. Sobre este phenomeno da poesia popular portugueza, já deixámos algumas indicações no *Manual da Historia da Litteratura portugueza*, p. 129.

14. Flor do Dia. — Este romance do cyclo da má sogra apparece citado em Portugal no seculo XVII, na *Arte de Galanteria* por Dom Francisco de Portugal: «En aquella edad en que el contrai era gala; y *Don Buezo* el galan...» (P. 85, da ed. de 1670).

Fomos encontrar este romance na tradição oral do Minho (Airão) com o titulo de *Don Beço*, e o nosso amigo Reis Damaso o colligiu no Algarve (Lagoa) com o titulo de *Dom Bozo*. N'esta versão o nome de Flor d'Alma, condiz com o nome brazileiro de Flor do Dia, e a metrificação em redondilha menor indica um caracter vetustissimo. Nada tão profundamente tragico como este

dance algarvio, que abaixo transcrevemos. A versão Minho desvia-se para o cyclo de *Dom Pedro*, o marique faz com que a mulher se ponha a caminho so- o parto, por suggestões da sogra. No *Romancerillo talan*, de Milá y Fontanals, acha-se um romance do clo da Flor do Dia, sob o n.° 243. Na revista intitula- *El Folk-Lore Andaluz*, p. 40, vem um romance colli- do em Alcala del Rio semelhante ao romance portuguez Dom Pedro. Eis a sublime versão do Algarve:

Dom Bozo

— Levantae-ves Dom Bozo, se bem me quereis,
Ide chamar vossa mãe, cá vos la chameis.

« Acordae minha mãe do doce dormir,
Venha á Flor d'Alma, que está p'ra parir.

— « Se ella parir, que pára um rapaz varão,
Que arrebente e estale pelo coração.

« Conservae-vos Flor d'Alma na Virgem Maria,
Minha mãe não está em cas', foi á romaria.

— Levantae-vos Dom Bozo, se bem me quereis,
Ide chamar vossa mana ; cá vos la chameis.

« Acordae minha mana do doce dormir,
Venha á Flor d'Alma que está p'ra parir.

« — Se ella parir, que pára uma rapariga,
Que arrebente e estale e acabe a vida.

« Conservae-vos Flor d'Alma na Virgem Maria,
Minha mana não está em cas', foi á romaria.

— Levantae-vos oh Dom Bozo, se bem me quereis,
Ide chamar minha mãe, cá vos la chameis.

« Acordae ó minha sogra do doce dormir,
Venha á Flor d'Alma, que está p'ra parir.

— « Subi, subi, meu genro, comei um bocado,
Emquanto eu ponho este negro toucado.

Acordae meus moços, a selar as mulas,
Emquanto eu visto as negras vestiduras.

Pastorinha nobre que o gado guardaes,
A quem se dobra estes negros sinaes?

— « É pela Flor d'Alma, que morreu de parto.
— « Ai querida filha, filha da minha alma,

Ai minha querida, filha da minha vida.
Se eu lá estivesse ainda eras viva.

Ai filha querida do meu coração
Se eu lá estivesse morrerias ou não ».

A sogra cançava em accender os cirios,
A mãe não cançava em dar suspiros.

15. A Pastorinha. — É uma das xácaras mais fundamente enraizadas na memoria do povo. Parece uma transição das serranilhas lyricas para os ca

ros ou epicos. Na sua fórma toma o caracter dos ies de Conversados. Para avaliar o estado da tra- brazileira, transcrevemos em seguida duas ver- editas do Algarve; na de Lagos repete-se mais ez o phenomeno da transformação do metro de ilha menor em maior; na da Lagôa conserva-se itiva fórma archaica:

A Pastorinha

(Versão de Lagos)

— Deus vos salve oh pastorinha
Que vosso gado guardaes !
« Vinde com Deus, cavalleiro,
Mãe de Deus, salvo sejaes.
— Eu salvei e vós salvaes,
Cumpri com o meu dever.
« Foi criação que me deram
De eu a todos responder.
— Uma bella rapariga,
Como vós, linda pastora,
Tão bonita, tão formosa,
Fala tão encantadora.
.....
« Adeus mãe, e adeus pae,
Adeus gado que eu guardei,
Adeus manos e adeus manas,
Adeus terra onde m'eu criei.
Como pode um pae prohibir
Uma filha o querer bem ;

Os braços de um pae são fortes,
O amor mais firme os tem.
Deixa-me ir deitar meu gado,
Despedir do meu paiz,
Para ir acompanhar
Quem me a mim faz tão feliz.
Eu lhe explico, ó papá;
Que me fez tão feliz
Meu destino não tem geito,
Vocemecê me o dirá.
Estando a pastar meu gado
Ouço cantar passarinhos;
Não me posso sustentar
Senão d'abraç' e beijinhos.

Esta variante afasta-se do typo conhecido, e por (se verá como sobre os velhos moldes o genio popu vae operando de um modo inconsciente a accommoda dos antigos cantos ás novas situações sociaes. A ver de Lagoa é preciosa pelo seu estado archaico:

A Pastorinha

— Deus te salve, Rosa, claro serafim,
Tam linda menina que fazeis aqui?
« Estou guardando o gado, que eu aqui deixei.
— Tam linda menina está guardando gado?
« Se eu nasci, senhor, para esse fado!
— Diga-me a menina aonde pasta o gado?
« Em altas montanhas lá está bom pasto.
— Em altas montanhas corre muito perigo;

Diga-me a menina se quer vir commigo?
« Tal razão como essa não a ouvirei,
Que haviam dizer ao que me sujeitei.
— Diga-lhe a menina que se sujeitou
A uma nuvem d'agua que por aqui passou.
« Não posso mentir, nem mentir sei bem;
Vou virar o meu gado que vel-o alem vem.
— Deixe estar o gado que eu o vou virar,
Ditoso do moço que for seu criado.
« Não quero criado de meias de seda,
Pode rompel-as por essas estevas.
— Vestidos e meias tudo romperei
Só para vos dar gosto minha alma, meu bem.
« Vá-se já embora não me dê tormentos,
Que o não posso vêr nem por pensamentos.
— Como és ingrata e mal agradecida,
Por amor de ti perco eu a vida.
« Eu se sou ingrata faço muito bem;
Eu se sou ingrata assim me convem.
— Vá buscar o gado pela serra fóra,
Fique com Deus que já me vou embora.
« Venha cá meu mano, venha cá correndo,
Que o amor é cego já se vae rendendo.
— Á sombra me assento sem uma má tenção,
Descubro-te a verdade que sou teu irmão.
« Pela serra fóra com o rigor da calma
Mil perdões te peço, irmão da minha alma.
— Cala-te pastorinha, não digas mais nada,
Que a aposta que eu fiz já está ganhada.

Além das variantes conhecidas do Romanceiro de rett, *Romanceiro geral* e *Cantos do Archipelago*

açoriano, appareceram ultimamente no *Romanceiro do Archipelago da Madeira* duas versões importantissimas pelo seu desenvolvimento, e pela fórma dramatica pastoral (p. 257 e 260 da coll. do dr. Rodrigues de Azevedo.) Du Puymaigre, nos seus *Vieux Chants portugais,* traz sobre esta xacára as seguintes fontes: Nos *Canti populari veneziani,* vem com o titulo *L'Onesta alla prova;* acha-se egualmente nos *Canti monferrini,* n.° 67; e em Marcoaldi, *Canti populare inediti,* p. 16. — Damase Darbeau, nos *Chants populaires de la Provence,* t. II, p. 113, apresenta um canto analogo; e Du Puymaigre, nos *Chants populaires du Pays Messin,* p. 54. Ha uma fórma bretã em Luzel, *Gwerzion breiz izel,* t. I, p. 203, 207. A tradição alastra-se para o norte da Europa, como se póde vêr na composição publicada por Marmier nos *Chants populaires du Nord,* p. 175. A situação geral do reconhecimento do irmão e da irmã, repete-se no romance asturiano de *Don Bueso;* no canto da Ukrania *O Irmão e a irmã,* e na bylina russa *Pedro Petrovicht.*

16. **Florioso.** — É o typo perfeito dos colloquios amorosos geralmente conhecidos pelo titulo de Despiques de Conversados. Os cantos improvisados da Desgarrada ou ao desafio são baseados sobre este molde tradicional. Apresentamos uma versão inedita do Algarve (Lagos) que nos mostra como o elemento colonial portuguez aviva constantemente a tradição poetica do Brazil:

Romance da Pastorinha

(Versão de Lagos — Algarve)

— Dae-me licença, senhora,
Dae-me licença inteira,
Quero dispor uma rosa
Em esta fresca ribeira.

« Licença te dou, mancebo,
Mais a Senhora da Guia;
Diga-me o senhor mancebo
Se vem para alguma via?

— Eu a via em que venho
A senhora bem a sabe,
Venho para passar o tempo,
Que é cousa da mocidade.

« Cá me disseram, ó mancebo,
Gosto muito de o saber,
Que toda a vossa memoria
Se encerra em saber ler.

— Não sei ler, nem escrever,
Nem pouco tocar viola,
Só espero de aprender,
Menina, na vossa eschola.

« Eschola, tenho eu de meu,
Não é p'ra vós aprender;
Mas Deus lhe dará juizo,
Memoria, para aprender.

— Oh gapa, senhora gapa,
Tão esquiva me fallaes;
Agora cuidava eu
Que vós me quizesseis mais.

« Quero muito ó mancebo
D'alma, vida e coração;
Mas olhe, comtudo isso
Não me hasde pôr a mão.

— Eu a mão não vol-a ponho,
Tampouco bulo comvosco,
Só de estar á vossa vista
Levo eu em grande gosto.

« Se levaes em grande gosto
Desgostae pòr vida vossa,
Que essa rosa que aqui tendes
Ella é d'outro, não é vossa.

— Se ella é d'outro, não é vossa,
Ainda o espero de ser;
Menina, diga a seu pae
Que nos mande receber.

« Isso é que eu não direi,
Que são razões escusadas;
Menina de quinze annos
Não sabe reger casas.

— Mais meninas do que vós
Regem casas sem marido,

Assim hasde fazer, menina,
Quando casares commigo.

« Oh que razões tão bem ditas,
Tu mancebo hoje disseste!
Se não sabes o caminho
Volta por onde vieste.

— O caminho por onde vim
Eu bem o vejo d'aqui;
Meu Deus, quem se hade apartar
Sem a rosa em par de mim!

« A rosa é que tu não levas,
Porque ella não quererá;
Volte por cá outro dia,
A resposta a levará.

— Não volto por cá outro dia
Gastar as solas embalde;
Vir casar com uma menina
Muito contra sua vontade.

« Dizes bem, oh mancebo,
Que as solas custam dinheiro,
Podes gabar-te ó mancebo
Que tu fostes o primeiro.

— Se eu é que fui o primeiro
Cahi como um ignorante,
A vossos pés 'stou rendido,
Oh meu cravo, oh meu diamante.

Já lá vem o sol nascendo
Com um fio d'ouro na ponta,
Podes-te gabar, menina,
Que corres por minha conta.

Sobre a versão brazileira escreve Sylvio
« No *Florioso* a introducção do elemento negr
uma situação comica; o Florioso é um pretc
pretensões a casar com uma princeza. D'aí tod
do quadro. » (*Rev. braz.*, t. II, p. 126).

17 e 18. O Cego. — A antiguidade d'es
peninsular verifica-se pela persistencia da sua l
lega. D. Manuel Murguia, na *Historia de Gal*
p. 578, traz a seguinte versão:

Romance do cego

— Abrem' as portiñas
Abrem' o postigo,
Dame d'o teu lenzo
Ai meu ben
Que veño ferido.
« Pois si ves ferido
Ves á mala hora,
Qu'as miñas portiñas
Non s'abren agora.
— Si á ninguen as abres
Abremas á min,

Sou un pobre cego
Que veño á pedir.

—« Dalle pan ó cego,
Dalle pan e viño;
Dalle pan ó cego
Que siga ó camiño.
—Eu non quero pan,
Nen tampouco viño.
Quero qu'á tua filla
M'amostre o camiño.
—« Anda, vay menina
Colle roca e liño,
Vai co' pobre cego
Mostrálle ó camiño.
« Adios, miña casa!
Adios, miña terra!
Adios, miña nay,
Ay meu ben
Qu'este bóo pasar era.

)mo III da *Zeitschrift fur romanische Philologie,*
em esta xácara com o titulo:

O cego fingido

—D'onde vens, oh Anna?
« Eu venho da missa.
—Retira-te, oh Anna,
Que lá vem a justiça.

« Se lá vem a justiça,
Deixae-me ir embora,
Que a minha portinha
Não se abre agora.
« Qual é o vadio
Que a esta hora anda?
Que eu estou em faixinhas
Para me ir á cama?
— Se estás em faixinhas
Eu assim te quero;
Se hasde ser minha,
Eu por ti espero.
« Acorde, minha mãe,
Do doce dormir;
Venha vêr o cego
Tocar e pedir.
— « Se toca e pede,
Dá-lhe pão e vinho;
Para que o cego
Siga seu caminho.
— Não quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho,
Queria que a menina
Me ensine o caminho.
— « Ora vae, filha, vae,
Leva roca e linho,
E ensina o caminho
Ao triste ceguinho.
« Espera lá, oh cego,
Que eu estou-me vestindo,
Minha saia roxa,
Meu gibão de linho.
.....

Espiou-se-me a roca,
Acabou-se-me o linho;
Adiante, cego,
Lá vae o caminho.
.....
.....
Lá mais adiante
Está um verde pinho.
— Ora venha, menina,
Mais um bocadinho,
E ensine o caminho
Ao triste ceguinho.
« Valha-me Deus,
E a Virgem Maria,
Que vejo tanta gente
De cavallaria.
Nunca eu vi cego,
Com tal phantasia,
Sua espada de ouro
Á cinta trazia.
De condes e duques
Era pretendida,
Agora de um cego
Me vejo perdida.
— Ascuite, menina,
Não tenha agonia,
Que eu sou o mesmo conde
Que a pretendia.
« Adeus, minhas casas,
Adeus, minhas terras,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me eras.

Esta versão de Celorico de Basto acha-se confundida com um Despique de conversados com que não tem relação. O nosso amigo Reis Damaso, publicou tambem na *Encyclopedia republicana,* p. 202, uma versão do Algarve (Lagoa) que vem completar a área da tradição da Galliza até ao extremo sul de Portugal.

No Lagarto, villa da Provincia de Sergipe, nas festas populares das Janeiras, esta xácara é representada em fórma de Auto, conjunctamente com o *Bumba meu boi,* os *Marujos,* os *Moiros,* elementos espontaneos da elaboração organica do theatro. (*Rev. brazileira,* t. I, p. 265.)

19 e 20. Juliana, D. Jorge. — Na tradição continental portugueza não encontrámos ainda o minimo vestigio d'este romance, conservado no elemento colonial portuguez do Brazil. O facto é importante, e revela-nos como longe da metropole a tradição persiste com mais intensidade. A versão do Ceará publicada pela primeira vez no *Parnaso portuguez moderno,* foi-nos communicada pelo nosso bom amigo Teixeira Bastos, por quem obtivemos a maior parte dos elementos tradicionaes brazileiros. Quando julgavamos que estes dois romances se conservavam exclusivamente no Brazil, recebemos uma versão de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) colligida pelo nosso amigo e eminente naturalista Francisco de Arruda Furtado, que aqui transcrevemos:

O caso de Juliana e Jorge

— Deus te salve, Juliana,
Sentada no teu estrado!
« Deus te salve a ti, D. Jorge,
Em cima do teu cavallo.
— Eu venho-te convidar
Se queres ir ao meu noivado.
« Espera-me ahi, D. Jorge,
Espera-me um poucochinho,
Emquanto te vou buscar
Uma taça de bom vinho.
— Que me déste, Juliana,
N'esta taça com bom vinho?
Que tenho o freio na mão,
Não enxergo o cavallinho!
« Ahi servirá de exemplo
A quem o quizer tomar:
Quem deve as honras alheias
Comsigo irá pagar.
— Já minha madre o sabe
Que não tem o seu menino!
« Já minha madre o sabe
Que eu que não tenho marido.

A ilha de S. Miguel fornece uma enorme quantidade emigrantes para o Brazil, e este facto nos explica o parecimento d'esta tradição em Ponta Delgada, e ao esmo tempo a affirmação de Arruda Furtado que a tra-ção poetica açoriana está ainda mais viva na ilha de Miguel do que na ilha de S. Jorge, representada opu-

lentamente nos *Cantos populares do Archipelago aço*
no. Este mesmo romance repete-se na Catalunha, c
vemos pelo n.° 256, do *Romancerillo catalan* de Mi
Fontanals, que, pela importancia do problema trans
vemos em seguida:

La innoble venganza

Aqui esta la Gudriana
En su jardí delicado,
Cullintne lindas floretas
Per su lindo enamorado.
Mientras las estay cullendo
Don Guespo n'es arribado.

— Deu la guart, la Gudriana,
« Don Guespo ben arribado.
— Domingo en sun de bodas;
Aqui vinch á convidarla.
« Que se senti aqui, Don Guespo,
En esta pedra picada,
Tomará un bocadito
Y en beurá una vegada.

Quant Don Guespo ho que begut
Ya no veya el seu caballo.

— Qué m'has dat la Gudriana
Que no veo mi caballo?
« L'hi dada una medicina
Qu'el Doctó no l'ha ordenado.

— Si tingués papé y tintero
Per escriure una carta
A la triste de mi madre
Que no'm veurá torná á casa.

Á diez horas de la noche
Guespo malo yá n'estaba,
A las doce de la noche
Guespo muriendo ya n'estaba;
La punta de l'alba clara
Guespo enterrado estaba,
Ya portan la Gudriana
Que l'anavan á cremarla.

lo *Romancerillo catalan,* vem uma variante em o nome da mulher que se vinga é Oriana. O texto ão acha-se bastante misturado com phrases caste-as. O nome de Gudriana faz-nos lembrar o da heroina ıanica *Gudruna,* e o quadro descripto esse thema nto das cantilenas normandas da epopêa allemã. Si-, segundo a tradição épica do Edda, esquece-se de Bru-le com quem estava para casar, por effeito de uma la magica que lhe deu a mãe de Gudruna, com a elle depois casa. Como o Jorge do romance insu-e brazileiro, Sigurd tambem tem um cavallo, o Gra-ue atravessa o fogo. Parecerá, á primeira vista, que çada esta aproximação; mas os dois irmãos de Gu-a, Gunar e Hogni, apparecem em um romance po-: da ilha de S. Jorge que ainda não encorporámos

nas nossas collecções. Eil-o, como um precioso fra
da epopêa scandinavo-germanica dispersada na t
portugueza:

Vestigios de uma Saga

(S. Jorge — Açores)

— Eu bem quizera, senhora,
Com ella fallar um dia.
« Isso como póde ser,
Se na sala aonde assisto
.....
Cinco guardas estariam ?
— Diga a sua qualidade,
Que então lhe responderia.
« A primeira guarda era
Um velho que não dormia;
A segunda guarda era
Uma campana garrida;
A terceira guarda era
Uma leôa parida;
E a quarta guarda era
Um rio que bem corria;
Mais a quinta guarda era
Os dois manos que eu tinha.
— Pois essas guardas, senhora,
Com todas m'eu haveria:
Esse velho que não dorme,
Eu o adormentaria;
Essa campana garrida
Metto-a em agua fria;

Essa leôa parida
Dava-lhe pão que comia!
Esse rio que bem corre
Eu de nado o passaria;
E esses dois manos vossos
Eu com elles dormiria.

Este precioso romance, que nos foi communicado da tradição popular de S. Jorge pelo dr. João Teixeira Soares, não veiu a tempo de entrar na collecção dos *Cantos do Archipelago açoriano,* e por isso anda deslocado na *Introducção á Historia da Litteratura portugueza,* p. 78, Porto, 1870.

Na versão de Pernambuco (n.° 19, pag. 37) vem uma particularidade linguistica que importa notar; é a seguinte fórma popular do imperativo:

Vejaes que somos parentes...

em vez da fórma correcta *Vêde.* Na sua traducção dos excerptos do *Fausto* de Goëthe, (p. 208) o snr. Joaquim de Vasconcellos fazendo o confronto com a paraphrase de Castilho, emprega tambem esta mesma fórma de imperativo:

Sejae pois corajoso e apparecei como modelo.

Se os criticos soubessem que o traductor era filho de mãe brazileira, teriam avaliado essa fórma insolita

como um phenomeno de dialectologia portugueza empregado como uma inconsciente reminiscencia da infancia, e não concluiriam pela ignorancia da nossa lingua.

21. Flôr de Alexandria. — É um dos raros romances lyricos, em fórma subjectiva, cujo typo apparece nos Cancioneiros do seculo xv; não o encontramos nas versões continentaes e insulanas, e por isso crêmos pertencer, bem como o n.º 24 á época colonial.

22 e 23. Branca Flôr e Flôres Bella. — É um dos romances mais generalisados na tradição peninsular. Além de se encontrar em todas as collecções portuguezas, e nas localidades que fornecem a emigração para o Brazil, acha-se tambem na tradição catalan, asturiana e castelhana. Em Pelay Briz, *Cansons de la terra,* t. II, p. 159; em Milá y Fontanals, *Observaciones sobre la Poesia popular,* p. 117; na *Historia critica de la Litteratura española,* de Amador de los Rios, t. VII, vem uma variante asturiana, que formava parte de um *Romancero asturiano* de que este illustrado professor e nosso amigo nos deu noticia. Ha tambem uma versão castelhana na *Primavera y Flôr de romances,* t. II, p. 38. Vide a tradição franceza de Du Puymaigre nos *Vieux chants portugais.*

Apresentamos em seguida uma variante inedita colhida no Algarve em 1871, que pertence á nossa vastissima collecção de tradições portuguezas. Serve para o

to do estado de decomposição poetica e para a ência da acção:

Romance das duas irmãs

(Versão de Lagos — Algarve)

Partiu-se o Conde da Arcella
P'r'uma grande romaria,
D'onde foram descançar
Em uma praia mui fria.
O Conde estendia a capa,
Condessa sua mantilha;
Lá por essa noite a dentro
Galé de mouras havia,
Quizeram cativar Conde,
Ell' como homem não qu'ria;
Já o Conde fica morto,
Já a Condessa vae cativa.
Condessa vae pelo mar,
Condessa pelo mar ia,
Foram-na levar de presente
Á Rainha da Turquia.

— Tomae, senhora, a christana
Esta christana cativa,
Dae-lhe as chaves da dispensa
.....
Que ella é de alta linhagem
De Condessa para cima. —

A Rainha se achava
E a Condessa se sentia;
Ao cabo de nove mezes
Ambas pariram n'um dia.
A parteira como falsa
A traição lhe armaria,
Deu o macho á Rainha,
Para reinar em Turquia,
Deu a femea á christana
Para sua companhia:

« Com a agua dos meus olhos
Filho, eu te estou lavando,
Com a fita do meu cabello
Eu te estou apertando.
Se estivesse em minha terra
Com que agua te eu lavara?
Com a agua de alecrim,
Que essa é a agua mais bella.
Se estivesse em minha terra
Com que cinto te apertara?
Com cinto de diamantes,
Com córte de primavera.
Se estivesse em minha terra
Que festas que eu não faria?
Que te punha os santos oleos
Que na minha terra havia.
Se estivesse na minha terra
Que lindo nome te poria?
Que te punha *Branca-flôr*
Branca-flôr, vida minha.
Que te punha *Branca-flôr*
Como uma mana que eu tinha,

Que a cativaram os mouros
Sendo ella bem menina,
Estando ella colhendo rosas
No rosal de sua tia».

— Sobe, christana, cá cima,
Canta lá tua cantiga!
« Sim, cantaria, senhora,
Se me désses a alforria.
.....
— Pelos signaes que me daes
És vós uma mana minha!
Toma lá o teu filho,
Que é gerado em christandia,
Dá-me cá a minha filha,
Que é gerada na berberia.

não receiassemos ampliar excessivamente estas transcreveriamos os dois romances catalães *Las manas,* n.º 242 e 242′, publicados por Milá y ıls, no *Romancerillo Catalan,* p. 214 a 218. Bar- 1882.

A Lima. — Pertence ao genero dos romances vos ou lyricos, que se extinguiu na tradição por-
.

O Genipapo. — Transição natural do romance ɔara a Modinha ou canção de fórma tradicional.

26, 27, 28, 29. — Modinhas brazileiras, geralmente notaveis pela melodia. Sobre a origem d'esta fórma poetica publicamos um largo estudo nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* p. 61 a 80, intitulado *A Modinha, elemento tradicional brazileiro.* O *Senhor Pereira Moraes* é a letra que acompanha uma dansa vertiginosa usada no fim de alguns bailes. A palavra *esmolambado* é derivada de *molambo,* que significa remendo, farrapo. A cantiga da *Mutuca* é usada junto das lareiras aos serões; uma voz vae cantando os versos, e todos os que estão presentes, ou os que vem chegando repetem em côro o estribilho: *Ai siô Salomé.* Mutuca significa o insecto irritante, como a pulga, e designa por isso um genero satyrico. Eis uma amostra de uma modinha inedita:

Fui um dia di pásseio
Á rua do Falla-só,
Vi Saragura cantando
Tres patos e um coco só;
Tomate, machiche,
Quipo, giló,
E varias cousinhas,
Que eu cá sei só.

30. Manoel do Ó Bernardo. — Pertence ao genero poetico popular dos *Fados,* ou cantos dos tropeiros, cujo destino nos confirma a inferencia da sua derivação dos *Huda* arabes. Em Portugal os Fados tomaram um cara-

cter lyrico, como o de *Fui á sepultura vêr*, etc.; alguns têm ainda o caracter narrativo, como o da *Severa*. O phenomeno mais importante é o da sua improvisação actual, sobre successos occorrentes, e na maior parte com caracter satyrico. Entre o povo, *botar um fado* é uma ameaça de ridicularisação.

No Brazil estes fados têm um valor especial, porque nos representam o genero na sua fórma mais antiga, ligada á vida pastoral e aos desafios dos improvisadores, e portanto pertencem á primeira época da colonisação em que o elemento popular trabalhava ainda sob uma certa servidão. O canto do *Rabixo da Giralda*, (n.º 40) é um fado na sua fórma narrativa e ás vezes com um importante colorido épico.

31. **A Moura.** — É uma parlenda infantil, a que na ilha da Madeira se dá o nome de *lenga-lenga*, do arabe *lingui-lingui*, como primeiro notou o snr. Alvaro Rodrigues de Azevedo. (*Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. VIII, nota.) Hollywell, nas suas *Nursery Rhymes*, chama a este genero *historias de accumulação*. Na lenga-lenga *Da Formiga e da Neve*, acha-se uma grande parte da accumulação da perlenga brazileira; (*Rom. do Archipelago da Madeira*, p. 468) e uma fórma em prosa nos *Contos populares portuguezes*, p. 5. Campbell, nos seus *Popular Tales of the West Highlanders*, traz uma parlenda intitulada *Moorachaig and Miorachaig* (vid. a traducção em Brueyre, *Contes populaires de la*

Grande Bretagne, p. 373) em que uma grande parte das accumulações coincidem com a perlenga brazileira. Acha-se tambem nos *Cantos de Pomigliano,* de Vittorio Imbriani, em fórma de kirie. (*Rev. des Deux Mondes,* novembro de 1877, p. 138.)

O mallogrado Celso de Magalhães encontrou a lenda da *Saúba* (formiga) em prosa, importantissima para a caracteristica nacional: «Uma saúba fez um sellinzinho de cêra, e deitou-o sobre uma pedra. Quando veiu procural-o achou-o dissolvido pelo calor do sol. Perguntou então á pedra: — Ès tão valente, que derretes o meu sellim de cêra? A pedra respondeu: — Eu sou valente, mas o sol esquenta-me. Dirigiu-se a saúba ao sol: — Ès tão valente, que esquentas a pedra, que derrete o meu sellinzinho de cêra? — Sou valente; mas a nuvem me encobre. A mesma pergunta feita á nuvem, no mesmo estribilho sempre repetido: — Sou valente, mas o vento me desmancha. O vento diz que a parede o faz parar; a parede diz que o rato a fura; o rato, que o gato o come; o gato, que o cão o mata; o cão, que a onça o devora; a onça, que o homem a mata; o homem, que Deus o aniquila. A saúba vae-se ter com o Omnipotente e repete-lhe o estribilho: — Pois, Deus, és tão valente que matas o homem, que mata a onça, que come o cachorro, que mata o gato, que come o rato, que fura a parede, que faz parar o vento, que desmancha a nuvem, que envolve o sol, que esquenta a pedra, que derrete o meu sellim de cêra? — Sou valente, responde-lhe Deus,

e, para castigar a tua curiosidade, condemno-te a carregar folhas por toda a tua vida sem parar.» A poesia philosophica na Grecia serviu-se d'estes typos tradicionaes de accumulação; são attribuidas a Heraclito estas palavras: «O fogo viu a morte da terra; e o ár viu a morte do fogo; a agua viu a morte do ár, e a terra viu a morte da agua.» (Ottfr. Müller, *Hist. da Litteratura Grega*, t. II, p. 62, trad. Hild.)

32. **Ribeira Velha.** — Parlenda infantil, ainda frequente na fórma na tradição domestica portugueza.

33. **Jaburú.** — Romance picaresco, de que apparece já o typo popular no seculo XVI, como vêmos em Gil Vicente e Antonio Prestes. O cyrisinho, é o *ciry* ou caranguejo dos charcos, que vae á fructa.

34. **A Mulatinha.** — Nos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, n.° 82, acha-se esta fórma de romance em redondilha menor do galanteador, e um notavel paradigma na tradição de Andaluzia. (Vid. o nosso artigo *Os jogos infantis em Portugal e Andaluzia*, na revista sevilhana *El Folk-Lore Andaluz*, n.° 10). A fórma brazileira, com uma accentuada côr local, dissolve-se no intuito satyrico, sendo por ventura uma parodia deturpada do romance que se encontra no *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 301, com o titulo *A Mulatona*, d'uma inexcedivel graça.

34, 35, 36, 37 e 38. — Modinhas populares, mais valiosas pelo lado musical. Vid. supra nota 26.

40. O Cabelleira. — Romance notavel pela sua fórma em redondilha menor, e sobretudo por pertencer a esse cyclo de Guapos e Valentes, que na tradição popular hespanhola se desenvolveu litterariamente no fim do seculo XVII e XVIII, tendo heroes verdadeiramente épicos, Cides do cadafalso e das enxovias, como Francisco Esteban, Don Salvador Bastante e outros. A fórma brazileira revela-nos que este genero é tradicional, origem que se não póde bem discriminar nos abundantissimos *pliegos sueltos* hespanhoes.

41. O Rabixo da Geralda. — Vid. supra nota 30. — O nosso amigo Teixeira Bastos communicou-nos tambem em 1879 uma copia d'esta xácara, do Ceará; apesar da sua extensão, não lhe encontrámos a minima variante d'esta, apresentada pelo snr. Sylvio Romero, o que nos leva a inferir que anda em cadernos de mão. O illustre romancista brazileiro José de Alencar, no jornal *O Globo,* do Rio de Janeiro, em 1874 publicou um notavel estudo *Sobre os romances de Vaqueiros,* que bem quizeramos transcrever integralmente para se conhecer o valor d'este genero peculiar da provincia do Ceará. Data do começo do seculo XVIII o estabelecimento das fazendas de criação de gado no Ceará, depois das fortes luctas entre os posseiros e os concessionarios de sesma-

rias. A grandeza do territorio influiu na braveza do gado, e desenvolveu a audacia dos vaqueiros; diz Alencar: «Entre os poemas pastoris da musa natal, distinguem-se pela antiguidade, como pelo entrecho, dois cuja noticia anda mais divulgada. São o *Boi Espacio,* (vid. 42 e 43) e o *Rabicho da Geralda.* O traço mais saliente das rhapsodias sertanejas parece-me ser a apotheose do animal. Nos combates ou antes nas guerras porfiadas que se pelejam em largos annos pelos *mocambos* e *carrascos* do sertão, o heroe não é o homem, é sim o boi. Este cunho peculiar da poesia pastoril do Ceará resalta em todos os poemas de que tenho noticia, mas em nenhum talvez com o vigor que se nota no *Rabicho da Geralda.* A acção dilata-se por nove annos, segundo uma versão, ou por onze, na lição mais seguida. Durante esse tempo, o boi affronta a habilidade dos vaqueiros; destroça os mais destemidos e afamados campeadores; e, sempre vencedor, só vem a succumbir com a calamidade da *sécca.*» Evidentemente são composições popularisadas, aproximando-se cada vez mais pela transmissão oral da ingenuidade da multidão. Sylvio Roméro considera-as como productos do elemento *caboclo,* o que se comprova pela mestiçagem da população do Ceará.

O costume da coadjuvação no trabalho agricola, dá-se tambem nas populações sertanejas, contribuindo para uma grande actividade poetica. Diz Sylvio Roméro, nos seus estudos da *Poesia popular no Brazil*: «Os vaqueiros usam do celebre *aboiar* e alguns dos nossos *roman-*

ces e *chacaras* mais originaes, como o *Boi Espacio*, o *Rabicho da Giralda*, a *Vaca do Burel*, tem esta origem. (*Rev. Braz.*, t. 1, p. 271.) Araripe Junior, que tem estudado a poesia popular do Ceará, diz: « O auctor do *Rabicho da Giralda*, foi um certo Geraldo, homem assás conhecido na ribeira do Jugaribe pelo seu espirito satyrico e galhofeiro, e que viveu pouco mais ou menos pelo tempo da revolução de 1824. »

42 e 43. Boi Estacio. — (Vide nota supra.) Araripe Junior caracterisa a poesia popular do Ceará pelo sentimento do desanimo e oppressão provocada pelo flagello das *sêccas*. « O canto e a musica do sertanejo são sempre monotonos e lamurientos. Junte-se ás causas geraes a natureza da vida do vaqueiro, entregue durante o verão á indolencia, e durante o inverno a trabalhos quasi invenciveis, e ter-se-ha uma explicação cabal das alternativas de *accento* que se encontram em suas cantigas, ora lamentosas ora phantasiosas, grotescas ou satyricas. » (*Rev. Brazil.*, t. v, p. 464.)

44. Vaca do Burel. — Não foi conhecido por Alencar, e tem a particularidade de revelar que os romances de vaqueiros não são exclusivos do Ceará.

45 a 49. —A fórma do A B C é muito frequente na poesia popular portugueza, e fôra immensamente usada

elos arabes. Pertencem ao cyclo de Vaqueiros, e é a arte mais original da poesia brazileira.

50. Conversa politica. — D'esta composição escre-e Araripe Junior, o que mais fundadamente conhece a radição do Ceará: « Nos tempos de convulsões politi-as, a musa popular não foi insensivel aos acontecimen-os. As classes opprimidas tiveram occasião de derramar sua bilis contra os *corcundas* e *marinheiros*, e fazer apotheose dos vultos mais sympathicos, cuja força dmiravam. »

51. A alforria do cachorro. — Romance picaresco llegorico ás luctas da independencia do Brazil.

52. O Lucas da Feira. — Esboço de romance de luapos e Valentes, que teve um largo desenvolvimento os *pliegos sueltos* hespanhoes. No cyclo de Vaqueiros ha -Filgueiras e outros.

53, 54, 55. — Documentos tradicionaes do elemento frican na população brazileira. No *Calango* ha o sen-imento fetichista da raça negra; o mesmo na viagem lo *Sapo do Cariri*, que tende a obliterar-se na memo-ia. Sylvio Roméro colligiu ultimamente uma versão com-leta.

Em Portugal ha um jogo domestico que consiste em perguntar o que cada pessoa dá para vestir um janota.

Diz uma: — Camisa tinha elle, mas faltavam-lh tões. Diz outra: — Botões tinha elle, mas falta collete, etc. E assim vão indicando todos os a galante ou casquilho; na *Velha Bizunga* ha est jogo, mas na sua fórma completa e poetica, prec lõ espirito dithyrambico.

56 a 62. — Estes cantos lyricos foram colli labios femininos; este facto caracteristico repe Portugal, especialmente no Minho, e foi sempr na população da Galliza. A fórma do A B C de a ainda usual na poesia popular portugueza. A *Ch* ta-se tambem na ilha de S. Miguel; a *Sarabar* fim do seculo XVI, e banida da peninsula pelo dores catholicos, sobrevive ainda nas novas naci des americanas.

68. A obra do Firmamento. — D'esta con ou trova ao divino, diz o dr. F. Ferraz de Mace a houve: « da tradição oral d'um celebre anal cantador e tocador de viola de arraial, da Bei (Formentellos) por nome João Alberto, nascido no d'este seculo. Era homem de lavoura, e tendo e para o Brazil, nas suas horas desoccupadas dele com descantes, sendo escutado por largas rodas tricios e brazileiros.

« Ensinava as suas cantigas e a tocar viola lh'o pedia; porém nunca fez profissão d'essas p

« Em 1860, quando estava para fazer a primeira visita á sua patria, dormiu no Rio de Janeiro em casa de Antonio Ferraz de Macedo, onde o filho d'este (de edade de 14 annos) levou até alta noite a copiar as cantigas supra-escriptas, no dia 31 de janeiro de 1860.

« Segundo referia João Alberto, estas cantigas nunca tinham sido impressas, e só elle as sabia por tradição oral; mas parecia-lhe que havia algumas d'ellas manuscriptas pelos cantadores da sua terra, inclusivè a da *Grande Decima da Obra do Firmamento* (como elle lhe chamava,) a fim de as decorarem melhor, lendo-as ou mandando-as lêr, se o não podessem fazer por serem analphabetos.

« Como tradição oral, a semente d'esta *longa cantiga ao Divino* corre por muitas boccas no Brazil, em estrophes deturpadas, alteradas, mutiladas; de sorte que, dentro em pouco, é facil apparecer degenerada e com extravagantes senão bizarras origens. »

69. Os Marujos. — Documento importantissimo para se vêr como a poesia lyrica e epica cooperam para a creação das fórmas dramaticas; n'este rudimento de Auto está intercalado e representa-se ao vivo o romance da *Ndo Catherinetta,* (vid. n.os 11 e 12) e canta-se a *Canção do marujo.* (Vid. *Cancioneiro popular portuguez,* p. 142.) Tambem o theatro grego nasceu d'esta dupla corrente epica e lyrica. Sylvio Roméro descreve a parte ethnica: « A folgança dos *marujos* representa-se

com um batalhão de rapazes vestidos á maruja, q conduzem um naviosinho. Cantam versos variados e zem evoluções multiplas. Depois de fingirem uma luc vão coser o *panno*, no fim do que ha o episodio do *geiro*, cantando-se os versos da *Ndo Çatherinetta*, de gem portugueza.» (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 266.)

Em Portugal tambem se representa ainda uma d sa figurada dos *marujos*, na festa da Senhora da Ass pção de Arcozello da Serra, na diocese da Guarda; tambem alli uma *Dança dos pretos*, analoga á dos *gos* do Brazil. (*Theoria da Historia da Litteratura po gueza*, p. 159, 3.ª ed.) Na provincia de Sergipe te designação local de *Reinados*.

Celso de Magalhães, com o seu grande tino ethn descreve o *Auto dos marujos*, tal como o viu em lença, (Bahia): «Um grupo vestido á maruja cond um pequeno navio armado de ponto em branco, vélas de sêda e cordame de linha, montado sobre tro rodas, embandeirado em arco e puxado por ro Cantavam versos da *Ndo Catherinetta*, *Fado do ma* e *lupas* (cantigas de levantar ferro). Outro grupo a recia mascarado. Na frente um individuo montava cavallo de páo vistosamente ajaezado de galões fa e fazia-o dansar ao som da musica e do canto aspe acompanhado de pandeiros e pratos.»

70. **Os Mouros.** — Este Auto rudimentar é tam de origem e implantação portugueza. Já no *Cancion*

Rezende vem citado no seculo xv o doce baile da *Mourisca*, que os sentidos faz perder. No seculo xviii, por occasião das festas do casamento de D. Maria i, representou-se na Bahia « a dansa dos officiaes da cutelaria e carpinteria asseadamente vestidos com *farça mourisca*. » Este costume geral a toda a peninsula, sobrevive com uma tenaz intensidade; na *Tribuna*, de Madrid, (n.° 70, 1 anno, 1882) cita-se um desastre acontecido em Cerbera de Alcira na representação d'estes simulacros « entre moros y cristianos, costumbre que data immemorial, y que siempre que se repite, viene ocasionando desgracias á alguno de los bandos. » Na *Actualidade*, do Porto (23 de julho de 1877) cita-se o Auto do *Rei da Moirama*, que se representa em Vianna do Castello na procissão da Senhora do Carmo.

Nas ilhas dos Açores constituem um genero dramatico intitulado as *Mouriscadas*, descriptas por José de Torres (*Panorama*, t. iii, p. 223) e ultimamente por Henrique das Neves, como frequentissimas na ilha de S. Miguel com o nome de *Mouriscas*. (*Gazeta Açoriana*, n.° 6; 1.° anno, 1883.)

Temos colligido um grande numero de materiaes sobre as origens populares do theatro portuguez.

71. O José do Valle. — Não é precisamente um Auto, mas tem a fórma dialogada tão caracteristica da xácara do seculo xvii, da qual diz D. Francisco Manuel de Mello: «Começaram em dialogo á maneira de xáca-

ra.» O heroe pertence áquelles typos de Quevedo, os *xaques*, os nossos faias actuaes, sobre que o escriptor formára o genero da xacarandina.

72. O bumba meu boi. — Pertence á fórma do theatro hieratico das festas populares do Natal e Reis; como diz o snr. Sylvio Romêro: « Vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo do qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem com cantigas licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença apresenta-se o *boi* e rompe o côro. O vaqueiro representa sempre a figura d'um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilherias populares.» (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 265.)

Celso de Magalhães descreveu tambem esta fórma de Auto, a que assistiu em Valença (Bahia): « Um outro grupo pulava e saltava diante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a cantarem desentoada e lugubremente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaqués encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, faziam um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado.»

73. Versos das Tayeras. — Ligam-se a costumes populares curiosissimos. Escreve Sylvio Roméro: «No Lagarto, em Sergipe, no dia de Reis, celebra-se a festa de San Benedicto, e apreciam-se então alli dois folguedos especiaes, o dos *Congos*, que é proprio dos negros, e o das *Tayeras*, feito pelas mulatas. Os Congos são uns pretos vestidos de reis e de principes, armados de espadas, e que fazem uma especie de guarda de honra a *rainhas* e pretas. As *rainhas* vão ao centro, acompanhando a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senhora do Rosario, e são protegidas por sua guarda contra dous ou tres do grupo, que forcejam por lhes tirarem as corôas. Tem um premio aquelle que consegue tirar uma corôa, o que é vergonhoso para a rainha. Os da terra cantam:

Fogo da terra,
Fogo do mar,
Que a nossa *rainha*
Nos hade ajudar...

« As *Tayeras* são mulatas, vestidas de branco, e enfeitadas de fitas, que vão na procissão dansando e cantando com expressão especial e côr toda original. — A musica é puramente brazileira. » (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 267.)

74. O Antonio Geraldo. — É importantissimo este documento pela sua fórma dithyrambica, da qual conhe-

ra.» O heroe pertence áquelles typos de Quevedo, os *xaques*, os nossos faias actuaes, sobre que o escriptor formára o genero da xacarandina.

72. **O bumba meu boi.** — Pertence á fórma do theatro hieratico das festas populares do Natal e Reis; como diz o snr. Sylvio Romêro: « Vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo do qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem com cantigas licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença apresenta-se o *boi* e rompe o côro. O vaqueiro representa sempre a figura d'um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilherias populares.» (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 265.)

Celso de Magalhães descreveu tambem esta fórma de Auto, a que assistiu em Valença (Bahia): « Um outro grupo pulava e saltava diante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a cantarem desentoada e lugubremente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaquês encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, faziam um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado. »

73. Versos das Tayeras. — Ligam-se a costumes populares curiosissimos. Escreve Sylvio Roméro: «No Sergarto, em Sergipe, no dia de Reis, celebra-se a festa de San Benedicto, e apreciam-se então alli dois folgue-dos especiaes, o dos *Congos*, que é proprio dos negros, e o das *Tayeras*, feito pelas mulatas. Os Congos são uns tetos vestidos de reis e de principes, armados de es-adas, e que fazem uma especie de guarda de honra a *inhas* e pretas. As *rainhas* vão ao centro, acompa-hando a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senho-a do Rosario, e são protegidas por sua guarda contra ous ou tres do grupo, que forcejam por lhes tirarem as corôas. Tem um premio aquelle que consegue tirar uma corôa, o que é vergonhoso para a rainha. Os da erra cantam:

Fogo da terra,
Fogo do mar,
Que a nossa *rainha*
Nos hade ajudar...

« As *Tayeras* são mulatas, vestidas de branco, e en-eitadas de fitas, que vão na procissão dansando e can-ando com expressão especial e côr toda original. — A musica é puramente brazileira. » (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 67.)

74. O Antonio Geraldo. — É importantissimo este ocumento pela sua fórma dithyrambica, da qual conhe-

ra.» O heroe pertence áquelles typos de Quevedo, os *xaques*, os nossos faias actuaes, sobre que o escriptor formára o genero da xacarandina.

72. **O bumba meu boi.** — Pertence á fórma do theatro hieratico das festas populares do Natal e Reis; como diz o snr. Sylvio Romêro: « Vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi*, por baixo do qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem com cantigas licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença apresenta-se o *boi* e rompe o côro. O vaqueiro representa sempre a figura d'um *negro* ou de um *caboclo*, vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilherias populares.» (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 265.)

Celso de Magalhães descreveu tambem esta fórma de Auto, a que assistiu em Valença (Bahia): « Um outro grupo pulava e saltava diante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a cantarem desentoada e lugubremente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaqués encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, faziam um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado.»

Versos das Tayeras. — Ligam-se a costumes
res curiosissimos. Escreve Sylvio Roméro: «No
), em Sergipe, no dia de Reis, celebra-se a festa
Benedicto, e apreciam-se então alli dois folgue-
peciaes, o dos *Congos*, que é proprio dos negros,
s *Tayeras*, feito pelas mulatas. Os Congos são uns
vestidos de reis e de principes, armados de es-
e que fazem uma especie de guarda de honra a
s e pretas. As *rainhas* vão ao centro, acompa-
) a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senho-
Rosario, e são protegidas por sua guarda contra
u tres do grupo, que forcejam por lhes tirarem
)as. Tem um premio aquelle que consegue tirar
)rôa, o que é vergonhoso para a rainha. Os da
antam:

Fogo da terra,
Fogo do mar,
Que a nossa *rainha*
Nos hade ajudar...

s *Tayeras* são mulatas, vestidas de branco, e en-
s de fitas, que vão na procissão dansando e can-
com expressão especial e côr toda original. — A
é puramente brazileira.» (*Rev. Brazil.*, t. I, p.

O Antonio Geraldo. — É importantissimo este
ento pela sua fórma dithyrambica, da qual conhe-

ra.» O heroe pertence áquelles typos de Quevedo, os *xaques,* os nossos faias actuaes, sobre que o escriptor formára o genero da xacarandina.

72. O bumba meu boi. — Pertence á fórma do theatro hieratico das festas populares do Natal e Reis; como diz o snr. Sylvio Romêro: « Vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi,* por baixo do qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem com cantigas licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença apresenta-se o *boi* e rompe o côro. O vaqueiro representa sempre a figura d'um *negro* ou de um *caboclo,* vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilherias populares.» (*Rev. Brazil.,* t. I, p. 265.)

Celso de Magalhães descreveu tambem esta fórma de Auto, a que assistiu em Valença (Bahia): « Um outro grupo pulava e saltava diante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a cantarem desentoada e lugubremente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaquês encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, faziam um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado.»

73. Versos das Tayeras. — Ligam-se a costumes populares curiosissimos. Escreve Sylvio Roméro: «No Natal, em Sergipe, no dia de Reis, celebra-se a festa de San Benedicto, e apreciam-se então alli dois folguedos especiaes, o dos *Congos*, que é proprio dos negros, e o das *Tayeras*, feito pelas mulatas. Os Congos são uns tipos vestidos de reis e de principes, armados de espadas, e que fazem uma especie de guarda de honra a duas *rainhas* e pretas. As *rainhas* vão ao centro, acompanhando a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senhora do Rosario, e são protegidas por sua guarda contra dous ou tres do grupo, que forcejam por lhes tirarem as corôas. Tem um premio aquelle que consegue tirar uma corôa, o que é vergonhoso para a rainha. Os da guarda cantam:

Fogo da terra,
Fogo do mar,
Que a nossa *rainha*
Nos hade ajudar...

« As *Tayeras* são mulatas, vestidas de branco, e enfeitadas de fitas, que vão na procissão dansando e cantando com expressão especial e côr toda original. — A musica é puramente brazileira. » (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 267.)

74. O Antonio Geraldo. — É importantissimo este documento pela sua fórma dithyrambica, da qual conhe-

ra.» O heroe pertence áquelles typos de Quevedo, os *xaques,* os nossos faias actuaes, sobre que o escriptor formára o genero da xacarandina.

72. O bumba meu boi. — Pertence á fórma do theatro hieratico das festas populares do Natal e Reis; como diz o snr. Sylvio Romêro: « Vem a ser um magote de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, que vão dansar nas casas, trazendo comsigo a *figura de um boi,* por baixo do qual occulta-se um rapaz dansador. Pedem com cantigas licença ao dono da casa para entrar. Obtida a licença apresenta-se o *boi* e rompe o côro. O vaqueiro representa sempre a figura d'um *negro* ou de um *caboclo,* vestido burlescamente, e que é o alvo das chufas e pilherias populares.» (*Rev. Brazil.,* t. I, p. 265.)

Celso de Magalhães descreveu tambem esta fórma de Auto, a que assistiu em Valença (Bahia): « Um outro grupo pulava e saltava diante de um boi, cujo arcabouço era de madeira, coberto com pannos pintados. No meio de tudo isso, os fadistas, os trovadores da rua, com os violões enfitalhados, a cantarem desentoada e lugubremente modinhas em tons menores. É o fundo do quadro. O variegado dos vestuarios ajudava a belleza do panorama. Os jaquês encarnados, os calções de côres, as fitas, os laços, os ramos de flores, faziam um conjuncto original. Foi onde já vimos o espirito popular mais puro e mais despreoccupado. »

73. Versos das Tayeras. — Ligam-se a costumes ɔopulares curiosissimos. Escreve Sylvio Roméro: «No ɹagarto, em Sergipe, no dia de Reis, celebra-se a festa le San Benedicto, e apreciam-se então alli dois folgue-los especiaes, o dos *Congos*, que é proprio dos negros, ı o das *Tayeras*, feito pelas mulatas. Os Congos são uns ɹretos vestidos de reis e de principes, armados de es-adas, e que fazem uma especie de guarda de honra a *ɹainhas* e pretas. As *rainhas* vão ao centro, acompa-hando a procissão de S. Benedicto e de Nossa Senho-ı do Rosario, e são protegidas por sua guarda contra ɔus ou tres do grupo, que forcejam por lhes tirarem ɜ çorôas. Tem um premio aquelle que consegue tirar ma corôa, o que é vergonhoso para a rainha. Os da ɜrra cantam:

Fogo da terra,
Fogo do mar,
Que a nossa *rainha*
Nos hade ajudar...

« As *Tayeras* são mulatas, vestidas de branco, e en-ɹitadas de fitas, que vão na procissão dansando e can-ɹndo com expressão especial e côr toda original. — A ɹusica é puramente brazileira. » (*Rev. Brazil.*, t. I, p. 67.)

74. O Antonio Geraldo. — É importantissimo este ɔcumento pela sua fórma dithyrambica, da qual conhe-

cemos na tradição portugueza a lenda de *Jesus go.* (*Romanceiro geral,* n.° 43).

75. Versos de Chiba. — Pertence ao genero guedos domesticos. Diz Sylvio Roméro: « Nas *chibas, batuques* e *candombles,* é que o pov toda a espectativa. Chama-se *chiba* na provinci de Janeiro, *samba,* no norte, *caterêtê,* na de Mi *dango,* nas do sul, uma funcção particular da ção dos pardos e mestiços em geral, que con reunirem-se damas e cavalheiros n'uma sala o dre para dansar e cantar. Variadas são as *toc dansas.* Ordinariamente consiste o baile rustico tarem-se em bancos á roda da sala os convidad som de violas e pandeiros, pular um par ao recinto a dansar com animação e requebro sing *bahiano,* ou outras variações populares. O *ba* dansa e musica ao mesmo tempo. Os dansarinc toada certa tem a faculdade do improviso, em zem maravilhas, e os tocadores de viola vão fa mesmo, variando os tons. Dados muitos giros aquelle vai dar uma *embigada* n'outro que sentado e este surge a dansar. O movimento s e passados alguns momentos, rompem as cant pulares e começam os improvisos poeticos. — *no* é um producto do mestiço; é uma transforn *maracatú* africano, das dansas *selvagens,* e portuguez. — O *bahiano* é uma especialidade br

le e o *vapatá* e o *carurú*, tambem implantações afri-nas transformadas, são as tres maiores originalidades o Brazil. » (*Revista Brazileira*, t. I, pag. 269).

A influencia africana não se deve attribuir no Brazil nicamente ao elemento escravo; já no seculo XV em ortugal havia uma abundantissima população negra, e o seculo XVI era luxo das casas nobres terem criados ulatos. O *lundú* e o *batuque* são ainda popularissimos as ilhas dos Açores. No *Fidalgo aprendiz*, de D. Fran-isco Manuel, achamos citada uma dansa chamada *Pé de Veibdo;* é talvez a *chiba* conservada no Brazil; o *caterê-é* é talvez essa dansa que no fim do seculo XVI, se-undo Esquivel, se chamava a *Carretera*. A dansa do *andango* está hoje esquecida em Portugal, acha-se des-ripta na *Viagem em Portugal e Hespanha em 1772*, le Richard Twiss: «Foi em Mafra, que tive o prazer le vêr dansar o Fandango. Foi n'uma taberna. Dansou-o dono da locanda com a mulher, acompanhado á gui-arra. O tocador vibrava varias cordas conjunctamente a res tempos e batia com a mão o compasso no tampo lo instrumento. O *fandango* que se dansa aos pares pa-ece-se muito com o que os hollandezes chamam *plugge lansen*. Apparentemente estes povos adoptaram esta lansa, bem como outros usos, no tempo em que se tcharam debaixo do dominio dos hespanhoes. Os dan-adores estão n'um movimento geral com todo o corpo todos os membros, algumas vezes até desenvoltamen-e, marcam o compasso com o pé e com castanholas.

Havendo falta d'este instrumento, marca-se o compass com estalos dos dedos. O homem tem o chapéu pos na cabeça, e dansa com sua dama, chegando-se e afa tando-se, e fazendo numerosas reviravoltas e requebros A relação com a dansa hollandeza, explicada pelo dom nio hespanhol nos Paizes Baixos, leva-nos a compreben der como a colonisação hollandeza no Brazil não deix ria de coadjuvar a persistencia d'este typo bahiano Comtudo é na Bahia, como diz Celso de Magalhães, qu predomina o elemento africano.

76. Os marujos. — Pertence ao genero da *chiba* notavel pela transformação para um metro de redondi lha menor da *Canção do marujo,* que anda na tradiçã portugueza.

77. Pastorinhas do Natal. — Este genero de poesi acompanha os costumes populares do Brazil transmitti dos pelos colonos portuguezes; as festas geraes do *Na tal, Anno Bom, Reis* e *S. João,* são sempre acompanh das com um cortejo de *chibas, sambas, reinados* e *cha ganças.* Diz Sylvio Roméro: «são as mais alegres e tr vessas para o nosso povo. São quinze dias de folgan constantes e variados. No Lagarto, villa da provincia d Sergipe, foi que melhor as estudei. Os brinquedos ma communs são: o *Bumba meu boi,* (n.° 72) os *Maruj* (n.° 69) os *Mouros,* (n.° 70) o *Cego* (n.° 17 e 18)». *vista Brazileira,* t. I, pag. 245.

Na época mais activa da colonisação portugueza es-s costumes e fórmas do theatro hieratico estavam n'es- momento historico em que inspiraram a litteratura ortugueza. Nos *Autos* de Antonio Prestes (ed. do Porto, ag. 10) acham-se importantes referencias:

> Quebrai-me os pandeiros,
> Fazei-vos agora por mim *janeireiros*.

Por esta outra passagem de Prestes se comprehende elhor a persistencia dos costumes brazileiros:

> Primo, se formos bem pagos,
> De terreiro aqui dansemos;
> Cantaremos, bailaremos
> Bem cantados uns *Reis Magos*.
>
> (Ib. pag. 170).

> Cantai-lhe os *Reis*, se cumprir.
>
> (Ib. pag. 240).

Continúa o snr. Sylvio Roméro: «Em Pernambuco lo *Natal*, costumam armar as chamadas *Lapinhas*. o *nichos* representando o presepe onde nasceu Jesus. então ahi a funcção das *Pastorinhas*, que são mula- ou negras, na primeira flôr da idade, enfeitadas de pellas e que dansam e cantam, acompanhadas de um gralhão vestido burlescamente, a tocar *pandeiro*. —

N'outras provincias tenho presenciado presepes, mas sem a funcção das *Pastorinhas.*» E conclue: «por todas as provincias do imperio, as *Janeiras* são muito populares e concorridas.» (*Revista Brazileira*, t. I, pag. 268). Na visita ao Rio de Janeiro falla o padre Fernão Cardim nos costumes do Natal no seculo XVI, sustentados pelos jesuitas: «N'este collegio tivemos o *Natal com um presepio* muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. O irmão Bernabé *fez a lapa,* e á noite nos alegrava com seu birimbau.» Sylvio Roméro consigna o seguinte facto importante: «que se nota uma apreciavel decadencia em todas as folganças e festividades populares.» (Ib.)

Celso de Magalhães dá tambem curiosas noticias sobre a poesia e costumes populares do Natal e Reis, no Maranhão: «Nas provincias do Maranhão e Bahia, onde nos parece ter encontrado mais puro o espirito popular n'essas festas, ellas são feitas de um modo que alegra o coração e faz bem á alma. Os bandos dos pastores, uma lembrança talvez do theatro litterario, o canto dos Reis, os bailes e bandos de S. Gonçalo, outro arremédo dos antigos Autos, as festas de arraial, do Espirito Santo, tudo isso é de um sabor tão campestre, tão do povo, que encanta. No Maranhão e na capital da Bahia a cantiga dos Reis já se intrometteu pela sociedade abastada e é uma diversão da alta burguezia. Não é raro vêrem-se, em vespera de Reis, bandos de moços e raparigas... parar a uma porta fechada, erguer as vozes casadas, entoar n'uma toada ás vezes monotona os ver

...s... A porta abre-se então, de par em par, e os can...res entram... Uma mesa acha-se sempre profusamen... servida. Os donos da casa buscam por todos os meios gradar ás visitas e estas sahem finalmente, para irem outra casa, e assim correm tres ou quatro n'uma noi... Na ultima casa visitada acaba-se a festa com uma ...ansa. »

Celso de Magalhães nota um phenomeno, que é um dos processos do desenvolvimento da poesia popular: « N'estas festas tem-se substituido os versos populares por outros mais correctos, porém menos simples e bo...itos. Gonçalves Dias tem uns versos de Reis, que hoje se estão popularisando no Maranhão.

« O Natal, que vimos em Porto Seguro, era mais de ...ntristecer que de alegrar. Cifrou-se a festa na *missa do ...allo*. Nem um canto, nem uma folia, nem um grupo, ...ada. Apenas dous presepes acantoados tristemente ao fundo de duas salas. — No Maranhão as festas são as mes...as, com pouca differença, que se fazem na Bahia, com o mesmo cunho popular. A *chegança* substitue o brinquedo dos *marujos*, e o *bumba meu boi* o *cavallinho*. »

Celso de Magalhães falla tambem das festas em Pernambuco, modificadas pelo caracter desconfiado e brigão do povo. (*O Trabalho*, do Recife, de 31 de agosto de 1873; ap. *Revista brazileira*, t. II, 206 a 212).

78. Chiba do boi. — Vide nota n.° 72. Pertence á

serie das modinhas improvisadas no *reinado* das Jan ras.

79. Cavallo marinho. — Auto popular, que se presenta nos engenhos e villas de Pernambuco ao ár vre. Começa pela entrada do Cavallo marinho de fór burlesca, e um grupo de cantores é que fazem o côr os espectadores não estão separados da scena, n abrem terreiro em volta para se fazer a representaç É um documento importante.

80. Quadras de Chiba. — Vide nota n.º 75.

OS VERSOS GERAES (Sergipe)

Dá-se este nome especialmente á *quadra,* ou car solta, typo estrophico do lyrismo popular da civilis occidental. Acompanha a vida do homem nos seus a res, nos trabalhos e desgostos; é um suspiro fall Diz Sylvio Roméro, fallando do emprego dos versos raes, segundo os varios misteres do povo brazil« «Ou nos grandes *eitos,* lavrando a terra, ou deit

matas ao chão, ou nos *engenhos* no moer das canas e preparação do assucar, sempre o trabalhador vai cantando e improvisando. É o *cantar elogio,* ou o *cantar ao desafio,* expressões de alegria usadas em Pernambuco. Em Sergipe chamam *arrasoar* ao cantar versos e improvisos. Ha alli, como nas outras provincias, onde o trabalho é pouco organisado, um original costume: um roceiro, que tem um serviço atrasado, roçagem, plantação ou colheita, convida os visinhos para ajudarem-no a levar ávante o eito; accedendo estes fórma-se o que chamam no Rio de Janeiro *potirão* ou *potirum.* O *potirum,* expressão africana, dura ás vezes dous e tres dias. É um trabalhar livre e galhofeiro, ao som de cantigas. Tambem o fazem para a tapagem de casas, e as mulheres o empregam na fiagem do algodão. Trabalha-se, bebe-se e canta-se.» (*Revista brazileira,* t. I, pag. 271).

Este costume é genuinamente portuguez; está vigorosissimo no alto Minho, onde os visinhos e amigos vão ás *bessadas,* ou lavradas para o milho e centeio, vão ás *malhadas* de centeio, ás *descamisadas* (esgalhadas, nos Açores) e ás *linhadas.* É tambem aqui que se improvisam as cantigas ou se repetem as que são tradicionaes.

Sylvio Roméro acrescenta: «Os homens da costa e das margens dos grandes rios, e que vivem em canôas... no remar vão *arrasoando.*» Ha certas provincias do Brazil em que predomina o elemento lyrico; Car-

*

los Koseritz, explicando a tradição poetica do Rio Grande do Sul, diz: «O povo rio-grandense não tem romances nem xácaras, como o portuguez. Nossa poesia de versos faceis, que vulgarmente se chamam *quadrinhas*, e que, filhos do improviso foram transmittidos de bocca em bocca, tornando-se propriamente de todos.»

Oração contra a espinha (p. 127, vol. II.) — Esta oração de esconjuro acha-se na tradição portugueza e hespanhola. O snr. Leite de Vasconcellos tral-a «*Para talhar a dada no peito.*» Pega-se n'um pente, talha-se com o arrepio para cima, no peito doente, e diz-se:

O bô home me deu pousada,
A má mulher me fê-la cama
Em cima das vides,
Em cima da lama,
Vae-te dada
D'esta mama!

(Ap. *Era Nova*, p. 519.)

Nas Orações populares de Andaluzia, repete-se:

Hombre bueno,
Mujé mala,
Seron roto
Arbarda mojâ,
Curarme la garganta
Senô San Blas.

(*Cantos populares españoles*, t. I, p. 444.)

O snr. Rodrigues Marin traz a lenda popular colligida em Sevilha, com que o povo explica este ensalmo. (*Ibid.*, p. 461.) A mesma lenda é vulgar em Ourilhe, sendo S. Braz substituido por Jesus Christo; eis a formula:

O Senhor pediu pousada;
Bom homem lhe deu pousada,
E má mulher lhe fez a cama
N'uma grade sobre lama.
Sára peito, sára mama.

(Ap. *Romania*, t. III, p. 277.)

Pelo signal (p. 127, vol. II.) — A oração do *Pelo signal*, commum aos Açores e ao Minho, acha-se tambem na tradição popular de Andaluzia, na fórma:

Por la señal
De pito carnal,
Comi tociño
Me hizo mal.
Papuz, papuz
Amen Jesus.
Alza la pata
Y apaga la luz.

(Ap. Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*, t. I, p. 125.)

Jogo da Argolinha (p. 134, vol. II.) — O jogo infantil de *Um e dois e argolinha*, acha-se já citado por Garção no seculo XVIII. Vid. o meu estudo sobre os

Jogos populares e infantis, na *Era Nova*, pag. 343 367; e no *Folk Lore andaluz*, p. 385, o artigo sob *Os jogos infantis em Portugal e Andaluzia*.

Jogo dos dedos (p. 134, vol. II.) — A parlenda d dedos é commum a toda a Europa; o snr. Leite de Va concellos traz duas versões colligidas em Cabeceiras Basto. (*Era Nova*, p. 546.) D. Francisco Manoel de Me lo, na *Feira de Anexins*, refere-se a esta parlenda.

FIM DO VOLUME II

INDICE

CANTOS POPULARES DO BRAZIL

VOLUME I

Pag.

Advertencia..... III

INTRODUCÇÃO: *Sobre a Poesia popular do Brazil*..... IX

Primeira serie

ROMANCES E XACARAS

N.os

1. Dona Infanta (*Rio de Janeiro*)..... 1
2. A noiva roubada (*Rio de Janeiro*)..... 4
3. O Bernal Francez (*Rio de Janeiro*)..... 5
4. Dom Duarte e Donzilla (*Sergipe*)..... 7
5. Dona Maria e Dom Arico (*Rio de Janeiro*)..... 9
6. Conde Alberto (*Sergipe*)..... 11
7. Dom Carlos de Montealbar (*Sergipe*)..... 13
8. Variante (*Pajehu de Flores*)..... 16

N.os Pag.

9. Dona Branca (*Sergipe*)..... 15
10. O casamento mallogrado (*Sergipe*)..... 18
11. A Não Catherinetta (*Sergipe*)..... 20
12. Variante (*Rio Grande do Sul*)..... 21
13. Iria a Fidalga (*Rio de Janeiro*)..... 23
14. Flor do Dia (*Recife*)..... 24
15. A Pastorinha (*Sergipe*)..... 25
16. Florioso (*Sergipe*)..... 27
17. O Cego (*Sergipe*)..... 30
18. Variante (*Ceará*)..... 31
19. Juliana (*Pernambuco*)..... 33
20. Dom Jorge (*Ceará*)..... 34
21. A Flor de Alexandria (*Sergipe*)..... 36
22. Branca Flor (*Recife*)..... 37
23. Flores Bella (*Ceará*)..... 38
24. A Lima (*Sergipe*)..... 39
25. O Genipapo (*Sergipe*)..... 40
26. Senhor Pereira de Moraes (*Sergipe* e *Rio*)..... 41
27. A Mutuca (*Sergipe*)..... 42
28. Redondo, Sinhá (*Sergipe*)..... 43
29. Ah! Redondo, Sinhá (*Rio de Janeiro*)..... 44
30. Manoel do Ó Bernardo (*Ceará*)..... 45
31. A Moura (*Pernambuco*)..... 46
32. A Ribeira Velha (*Sergipe*)..... 47
33. O Jaburú (*Sergipe*)..... 48
34. A Mulatinha (*Sergipe*)..... 49
35. Os cócós de cordão (*Sergipe*)..... 50
36. A Moqueca (*Sergipe e Bahia*)..... 51
37. O ladrão do Padresinho (*Sergipe*)..... 52
38. Quero bem á mulatinha (*Sergipe*)..... 53
39. Chula (*Pernambuco*)..... 54
40. Fragmento do Cabelleira (*Pernambuco*)..... 55

Pag.

O Rabicho da Geralda (*Ceará*)..... 72
O Boi-Espacio (*Sergipe*)..... 79
Variante (*Ceará*)..... 84
A Vacca do Burel (*Pernambuco*)..... 86
A B C do Lavrador (*Ceará*)..... 92
A B C do Vaqueiro (*Ceará*)..... 95
O Boi Surubim (*Ceará*)..... 98
A B C do Boi-Prata (*Ceará*)..... 100
O Filgueiras (*Ceará*)..... 103
Conversa politica (*Ceará*)..... 105
A alforria do Cachorro (*Pernambuco*)..... 111
O Lucas da Feira (*Sergipe*)..... 113
O Calango (*Sergipe*)..... 114
O Sapo do Cariri (*Sergipe*)..... 116
A velha Bizunga (*Maricá*)..... 117
Balaio (*Rio Grande do Sul*)..... 122
A B C de Amores (*Rio Grande do Sul*)..... 123
Chula a tres vozes (*Ceará*)..... 126
Sarabanda (*Ceará*)..... 127
Meu bemzinho, diga, diga (*Sergipe*)..... 128
Variante (*Rio Grande*)..... 130
O Sapo Cururú (*Sergipe*)..... 132
A B C da Moça queimada (*Ceará*)..... 133
A B C do Araujo (*Ceará*)..... 136
A B C do homem solteiro (*Ceará*)..... 139
O cão e o urubú (*Ceará*)..... 141
As lagartixas (*Alagoas*)..... 142
Decima da Grande Obra do Firmamento (*Rio de Janeiro*)..... 142

Segunda serie

REINADOS E CHEGANÇAS

N.os		Pag.
69.	Os Marujos (*Sergipe*)	158
70.	Os Mouros (*Sergipe*)	161
71.	O José do Valle (*Sergipe*)	165
72.	O bumba, meu boi (*Sergipe*)	167
73.	Versos das Tayeras e Congos (*Sergipe*)	168
74.	O Antonio do Geraldo (*Sergipe*)	170
75.	Versos de Chiba (*Rio de Janeiro*)	172
76.	Os Marujos (*Pernambuco*)	173
77.	Pastorinhas do Natal (*Pernambuco*)	174
78.	Chiba do Boi (*Rio de Janeiro*)	175
79.	Auto do Cavallo Marinho (*Pernambuco*)	176
	Jure-Jure (*Sergipe*)	185

Terceira serie

VERSOS GERAES

80.	A Flor da murta (*Sergipe*)	185
81.	Sol-posto (*Sergipe*)	186
82.	Veja com quem quer ficar (*Sergipe*)	187
83.	Vae-te carta absoluta (*Sergipe*)	188
84.	Meu cravo, meu diamante (*Sergipe*)	189
85.	Lá no céo tem uma estrella (*Sergipe*)	189
86.	Raios do Sol (*Sergipe*)	190
87.	Á tarde (*Sergipe*)	191
88.	O cravo (*Sergipe*)	192

N.os		Pag.
89.	A Flor da lima (*Sergipe*)	192
90.	O cravo branco (*Sergipe*)	193
91.	O cravo e a rosa (*Sergipe*)	194
92.	A folhinha da pimenta (*Sergipe*)	195
93.	A arruda (*Sergipe*)	195
94.	Sobrancelhas arqueadas (*Sergipe*)	196
95.	A garça (*Sergipe*)	196
96.	A laranja de madura (*Sergipe*)	197
97.	Eu vos mando um coração (*Sergipe*)	198
98.	Tenho cinco chapéos finos (*Sergipe*)	200
99.	Você diz que amor não dóe (*Sergipe*)	201
100.	Quero bem, porém não digo (*Sergipe*)	202
101.	Fui soldado, assentei praça (*Sergipe*)	203
102.	Duas penas (*Sergipe*)	203
103.	Lá vem a lua saíndo (*Sergipe*)	204
104.	Cajueiro pequenino (*Sergipe*)	204
105.	A polka (*Sergipe*)	205
106.	Você me fez esperar (*Sergipe*)	205
107.	Tenho meu cajú maduro (*Sergipe*)	206
108.	A Pulga (*Sergipe*)	206
109.	Cupido (*Sergipe*)	207
110.	Prima pulga (*Sergipe*)	208
111.	A barata (*Sergipe*)	209
112.	Paixão de amor já te tive (*Sergipe*)	210
113.	Meu coração sabe tudo (*Sergipe*)	211
114.	No correr perdi meu lenço (*Sergipe*)	212
115.	As arvores por serem arvores (*Sergipe*)	213
116.	Saudades que de ti tenho (*Sergipe*)	214
117.	Meu bemzinho, lá vos mando (*Sergipe*)	215
118.	Quando eu n'esta casa entrei (*Sergipe*)	216
119.	Plantei manjaricão na baixa (*Sergipe*)	217
120.	Ha dias que não te vejo (*Sergipe*)	218

N.os		Pag.
121.	Soube que tinhas chegado (*Sergipe*)	218
122.	Cravo roxo desiderio (*Sergipe*)	219
123.	Cravo branco é procurado (*Sergipe*)	220
124.	A lua de caminhar (*Sergipe*)	221
125.	Eu não quero mais amar (*Sergipe*)	222
126.	Abalei o pé da roseira (*Sergipe*)	223
127.	Gemo, suspiro e dou ais (*Sergipe*)	224
128.	Você diz que eu sou sua (*Sergipe*)	225
129.	A moqueca (*Sergipe*)	225
130.	Si fores p'ra certa terra (*Sergipe*)	226
131.	Lá em riba d'estes áres (*Sergipe*)	227
132.	Lá vos mando um cravo branco (*Sergipe*)	227
133.	A cachaça (*Sergipe*)	228
134.	Estrellas do céo brilhante (*Sergipe*)	228
135.	A coruja (*Sergipe*)	229
136.	Não ha papel n'esta villa (*Sergipe*)	230
137.	Quem me vê estar cantando (*Sergipe*)	231
138.	Menina, você não sabe (*Sergipe*)	231
139.	O Passarinho (*Sergipe*)	232
140.	Quem quer bem dorme na rua (*Sergipe*)	234
141.	Menina, quando te fôres (*Sergipe*)	235
142.	Esta noite eu dei um ai (*Sergipe*)	235
143.	Despedida (*Sergipe*)	236
144.	Não se encoste no craveiro (*Sergipe*)	237
145.	Atirei um limão verde (*Sergipe*)	237
146.	Com pena peguei na penna (*Sergipe*)	238
147.	Quem vae e não se despede (*Sergipe*)	238
148.	Adeus á pastora (*Sergipe*)	239
149.	Não tenho inveja de nada (*Sergipe*)	239
150.	Dei um nó na fita verde (*Sergipe*)	240
151.	A lagôa já seccou (*Sergipe*)	241
152.	Quem quer bem não tem vergonha (*Sergipe*)	241

s		Pag.
3.	Bonina sobredourada (*Sergipe*)	242
4.	Rola parda lisonjeira (*Sergipe*)	242
5.	Mulher, cabeça de vento (*Sergipe*)	243
6.	Tanta laranja madura (*Alagoas*)	244
7.	Embarquei na Inglaterra (*Sergipe*)	245
8.	Passeia, meu bem, passeia (*Sergipe*)	246
9.	Meu annel de pedras finas (*Sergipe*)	246
0.	Eu plantei canna de sóca (*Sergipe*)	247
1.	O candieiro (*Sergipe*)	247
2.	O moleque do surrão (*Sergipe*)	248
3.	Oh ciranda, oh cirandinha (*Sergipe*)	248
4.	Chora, Mané, não chora (*Pernambuco*)	250
5.	Adeus, seu João Pereira (*Pernambuco*)	250
6.	Desafio dos Capoeiras (*Pernambuco*)	251
7.	Chula (*Bahia*)	251
8.	Outra (*Pernambuco*)	252
9.	Eu tenho meu arco e flexa (*Rio de Janeiro*)	252
0.	Quadras (*Rio de Janeiro*)	253
1.	Na praia de Itatinga (*Rio de Janeiro*)	254
2.	Em cima d'aquella serra (*Rio de Janeiro*)	256
3.	Pinheiro (*Rio Grande do Sul*)	257
4.	Chula matuta a duas vozes (*Pernambuco*)	258
5.	O lobishome e a Menina (*Pernambuco*)	258
6.	Quadras popularisadas (*Pernambuco*)	259
7.	Xô, passarinho (*Rio de Janeiro*)	260
8.	Eu passei o mar a nado (*Rio de Janeiro*)	260
9.	Fui eu que plantei a palma (*Rio de Janeiro*)	261
0.	Negocios com Pedro Alves (*Rio de Janeiro*)	264
1.	Uma moça me pediu (*Rio de Janeiro*)	265
2.	Maria, minha Maria (*Rio de Janeiro*)	265
3.	Menina, minha menina (*Rio de Janeiro*)	267
4.	Quero bem ao pé de cravo (*Rio de Janeiro*)	269

N.os		Pag.
185.	Cantiga de negros (*Pernambuco*)	269
186.	Comprei um vintem de ovos (*Pernambuco*)	270
187.	Você gosta de mim (*Pernambuco*)	270
188.	Siá Naninha (*Pernambuco*)	271
189.	Os galuchos me prenderam (*Pernambuco*)	272
190.	Cantigas de desafio (*Pernambuco*)	273
191.	Pequena silva de cantigas (*Rio de Janeiro*)	274
192.	Fragmento do Vitú (*Rio de Janeiro*)	280
193.	Outro	281
194.	Quadra pernambucana	281
195.	Quadra do Pará	282
196.	Quadra de S. Paulo	282
197.	Quadra de Matto Grosso	283
198.	Quadra em Portuguez e Tupi (*Pará*)	283
199.	Quadra do Amazonas	284
200.	Quadra de Minas Geraes	285
201.	Fragmentos de cantos populares (*Matto Grosso*)	285

VOLUME II

Terceira serie

(Continuação)

Quadrinhas (*Rio Grande do Sul*) ..... 4 a 121

Quarta serie

ORAÇÕES E PARLENDAS

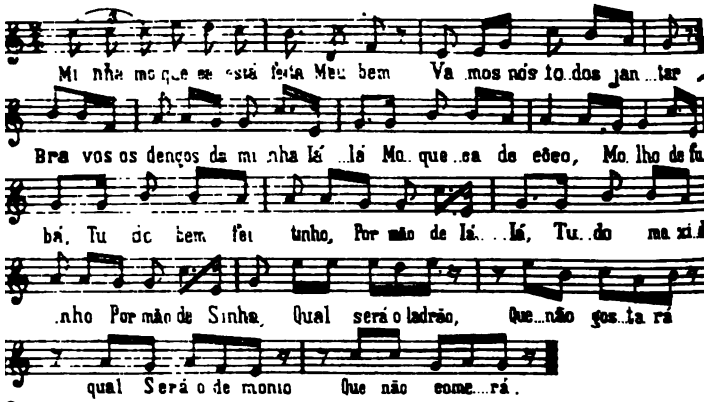
A Nossa Senhora (*Rio de Janeiro*) 123
Á Senhora da Apparecida (*Rio de Janeiro*) 124

Pag.

Ao Anjo da Guarda (*Rio de Janeiro*)..... 126
Pelo signal (*Rio de Janeiro*)..... 127
Oração contra a Espinhela..... 127
— contra a espinha na garganta..... 127
— contra o soluço..... 128
— contra o cobreiro..... 128
— contra o argueiro no olho..... 128
— do banho..... 129
— para antes de deitar..... 129
— do amassar das sezões..... 129
Cantigas politicas (*Rio de Janeiro*)..... 129
Outras..... 130
Parlendas..... 131
Jogo do Tantanguê (*Sergipe*)..... 132
Jogo do Pintainho (*Pernambuco*)..... 133
Jogo da Carreira (*Rio de Janeiro*)..... 133
Jogo da Argolinha (*Paraty*)..... 134
Jogo dos dedos (*Sergipe e Pernambuco*)..... 134
Jogo de Sergipe..... 135
Outro..... 135
Parlendas (*Pernambuco*)..... 136
Outra..... 137
Outra..... 138
Adivinhas..... 138
NOTAS COMPARATIVAS..... 141

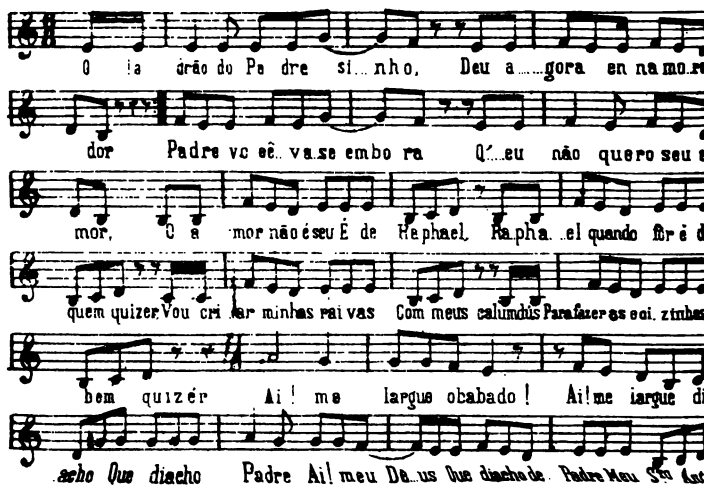
MUSICAS
Das
Cantos populares
— DO —
Brazil

A MOQUECA



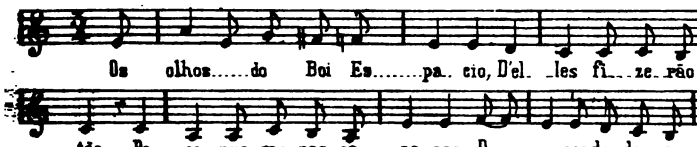
2

O PADRESINHO



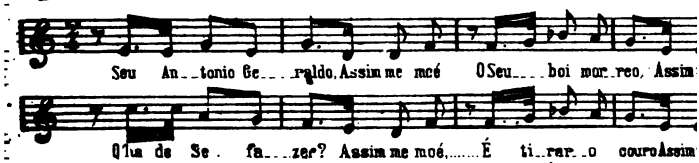
3

O BOI ESPACIO



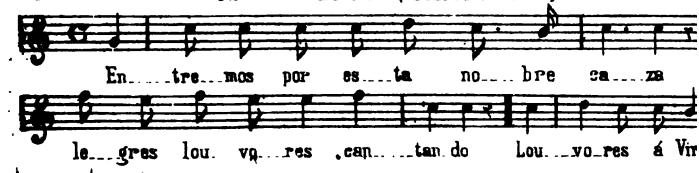
4

O ANTONIO GERALDO



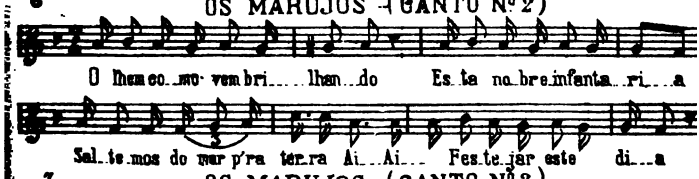
5

OS MARUJOS -(CANTO Nº 1)



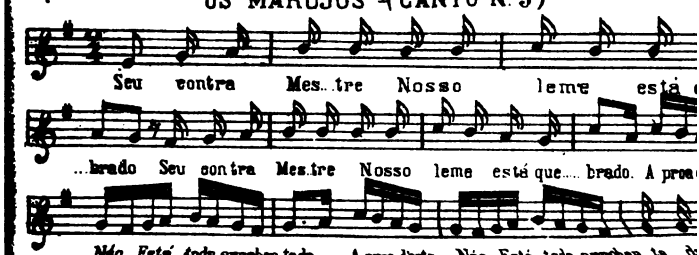
6

OS MARUJOS -(CANTO Nº 2)

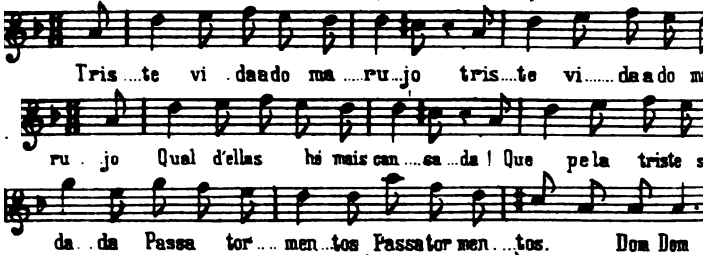


7

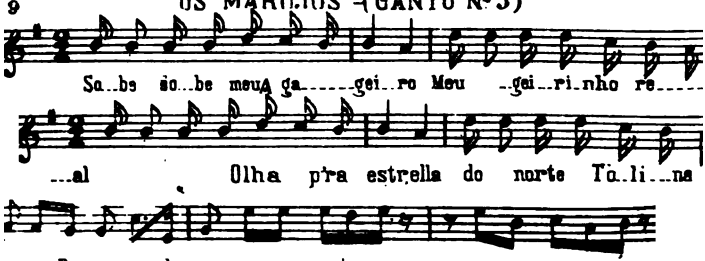
OS MARUJOS -(CANTO Nº 3)



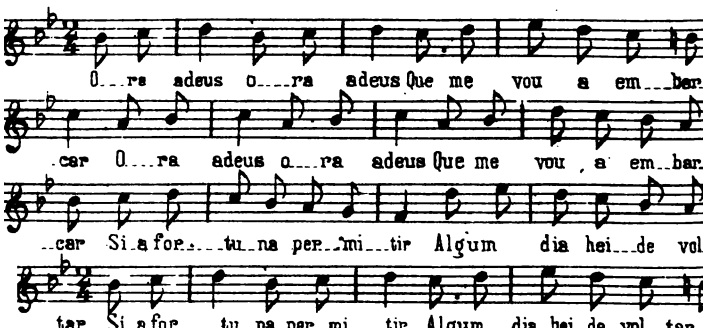
8 OS MARUJOS -(CANTO Nº 4)



9 OS MARUJOS -(CANTO Nº 5)



10 OS MARUJOS -(CANTO Nº 6)



Fim

SEP 18 1944